

Revista da Semana

ANO XLV :: N.º 9 :: CR\$ 1,50 EM TODO O BRASIL :: 26 DE FEVEREIRO DE 1944



NOTICIARIO ELEGANTE



Realizou-se em 8 de Dezembro do ano passado, nesta capital, o calace matrimonial da senhora Leda de Andrade Araújo com o Sr. José Geraldo Bessa, industrial em Belo Horizonte.

ANIVERSÁRIOS DA SEMANA

29 — Sras: Anita Gastão de Oliveira, Encida Lopes Pinheiro, Srs. Cyrilo Brandão, Jorge Cesar Monteiro de Lima.

1 — Senhoras: Aida Lemos; Srs. Dr. Artur Carvalho Azevedo, Dr. Alberto Reis, Sr. Enio de Mendonça Lima.

2 — Sras: Judite da Rocha Freitas Rodrigues; senhora Lygia Santos; Srs. Dr. Arnaldo Guinle, Manuel José Fernandes.

3 — Sra. Heloisa de Figueiredo Cordovil, Rita Rodrigues Simplicio; senhora Maria Madalena Barroso Barros, Sr. Maurício Barros Barreto.

4 — Senhora Lucia Moura; Srs. Luiz

Felipe e Carlos Alberto d'Aragona; Abel de Almeida, Dr. Tomé Reis, Dr. Eloy de Souza, coronel Otavio Monteiro Aché, Luiz Blanco Hernandez, José da Silva Pereira, Dr. Antonio José Alves de Souza.

5 — Senhoras Anita Cunha Guimarães, Srs. Dr. Gastão de Carvalho, Dr. Fernando de Azevedo Milanez, Dr. José Antonio Flores da Cunha, Dr. Gustavo Lopes, Dr. Raul Penido Oto Soares de Almeida.

6 — Sras: Iveta Ribeiro, Maria Bezerra da Silva, Dulce Pinto Dantas; Senhoras: Dr. Porto d'Ave, Dr. Carlos Guinle, desembargador Pires Sexto Edmundo Siqueira, professor José Marques de Azevedo, capitão José Pereira Guimarães.



A ESQUERDA: Reinaldo, filho do casal Salvador Vilardo; À DIREITA: Wilson, filho do casal Bento da Silva.

Sapatos de madeira



Temos mesmo que falar de guerra a proposito de tudol. Pois não é que esses dois belos e distintos tamancos são um produto da guerra?

"Made in England", o sapato de pau, o pobre, humilde e plebeu tamanco de nossos avós está na moda, calçando muito pé londrino que jamais conhecera senão sapatos de couro fino.

A evolução foi rapida: surgiram, a principio, tamancos modernizados, estilizados, porém tamancos ainda. Eram indicados para as praias ou para o uso caseiro, mais ornamental do que utilitario.

Agora nos chega da terra de Churchill interessante comprovação de que o tamanco subiu, subiu muito e insinuou-se nas camadas altas da velha e conservadora Albion. E finge de sapato com exatidão admiravel.

Vejam o primeiro: de sola grossa em madeira, azul e *bordeaux*, não é feio e parece confortavel; o outro, de fato, menos trabalhado não está mau e é chamado modelo sola flexivel, não porque a madeira secca de que é feito possa oscilar com o desenvolvimento do passo; uma mola une as duas partes em que a "sola" foi sectionada, dando — diz o informante — o mesmo efeito que oferece um sapato de couro.

Tamanco de Vóvó: quem te viu, quem te vê!

Ontem, feito para a cosinha, "bicho" da lama, coisa barata, traste barulhento, estalando no tijolo da copa ou matraqueando no assoalho bolorento dos sobrados para desgraça dos vizinhos de baixo.

Hoje nos salões atapetados, feito sapato de verdade, a preteger pestinhos brancos de unhas escarlates.

Será que chegou mesmo a tua vês?

Será definitiva a tua vitoria na face da terra?



Um inglês do Piauí

Por BERILO NEVES

Há cento anos chegava a Parnaíba, no Piauí, um inglês jovem e belo. Chamava-se James Frederick Clark e provinha do condado de Cumberland, nas vizinhanças da Escócia. Clark empregou-se na casa comercial de Paulo Singlehurst, de que, mais tarde, viria a ser chefe e proprietário. A "Casa Inglesa", grande edifício de feição colonial, ainda hoje domina a cidade de Parnaíba — não tanto pela altura quanto pela tradição. E' que James Frederick Clark fôra enviado por Deus para uma especialíssima tarefa: descobrir a cera de carnaúba.

Os sábios nordestinos haviam notado a excelência daquele pózinho alvo que se esconde nas folhas da carnaubeira como a pérola no côncavo da ostra. Dele faziam uma pasta escura, terrosa, de que se aproveitavam para velas grosseiras e outros usos domésticos. A cera era a luz do pobre: um dia, haveria de ser a tentação dos ricos. James enviou amostras de cera a Southampton, Liverpool e Manchester, confiando a químicos experientes dizerem da utilidade da substância. O entusiasmo dos técnicos logo se traduziu no interesse dos importadores — e James Frederick Clark, enviou, no último quarto do século XIX, a primeira partida de cera destinada à Inglaterra...

Como uma princesa lendária da Idade Média, a cera de carnaúba, desvendado o mistério da sua natureza, abriu de oiro ao cavaleiro ousado que lhe quebrou o encanto. A Casa Inglesa transformou-se na maior exportadora de cera do Brasil. Em 1939, o Piauí exportou quatro e meio milhões de quilos de cera. A exportação total do país, desse produto, acercou-se de 200 milhões de cruzeiros, em 1940. Essa matéria prima, que custava 15 cruzeiros por arroba em 1903, passou a 360 em 1941. E' o maior salto registado na acrobacia das cotações, na história dos produtos coloniais! E é, também, a riqueza predadora do Piauí e do Ceará — fornecedores mundiais da cera, descoberta, ao apagar das luzes do século XIX, pelo inglês de Parnaíba — James Frederick Clark.

A carnaubeira — essa árvor simbólica do Nordeste — não se limitou a enriquecer o Piauí e zonas circunvizinhas: dá-lhes o grão de poesia necessário a embellezar e purificar a alma. A "copernicia cerifera" dos botânicos é a divindade familiar do homem nordestino: dá-lhe com o tronco, os materiais de construção; com a palha, a cobertura; e, com a cera, a roupa, o alimento e todas as utilidades imprescindíveis do viver quotidiano. Comparam-na ao boi, de que se aproveita tudo: a carne, o couro, o chifre e o casco. E, como o boi, tem a sua voz bufoante, que é elemento primacial na composição da paisagem nordestina: o sussurro das folhas, o doce tem dos leques, farfalhantes e amigos...

O Nordeste sem os seus carnaubais é tão incompreensível como o deserto sem a tamareira, o Líbano sem o cedro, e o Egito sem o rio Nilo. A carnaubeira é a sentinela nativa daquelas regiões adustas, beijadas pelos ventos que vão do mar e lhe levam com o sal das barbas de Netuno, a notícia de outros mundos e a preciência de outras paisagens... De bordo do vapor fluvial que corta as águas do Parnaíba ouve-se o farfalhar das palmeiras — e é como se a terra sagrada do Piauí nos desse as boas vindas e saudasse a nossa chegada. Os carnaubais enchem os ares com as confidências panteísticas das suas vozes. A palmeira nordestina é um Evangelho verde, em cujas folhas, retas e finas, se perpetua um voto de louver e uma oração gratulatória...

A cera de carnaúba é a matéria prima dos discos,

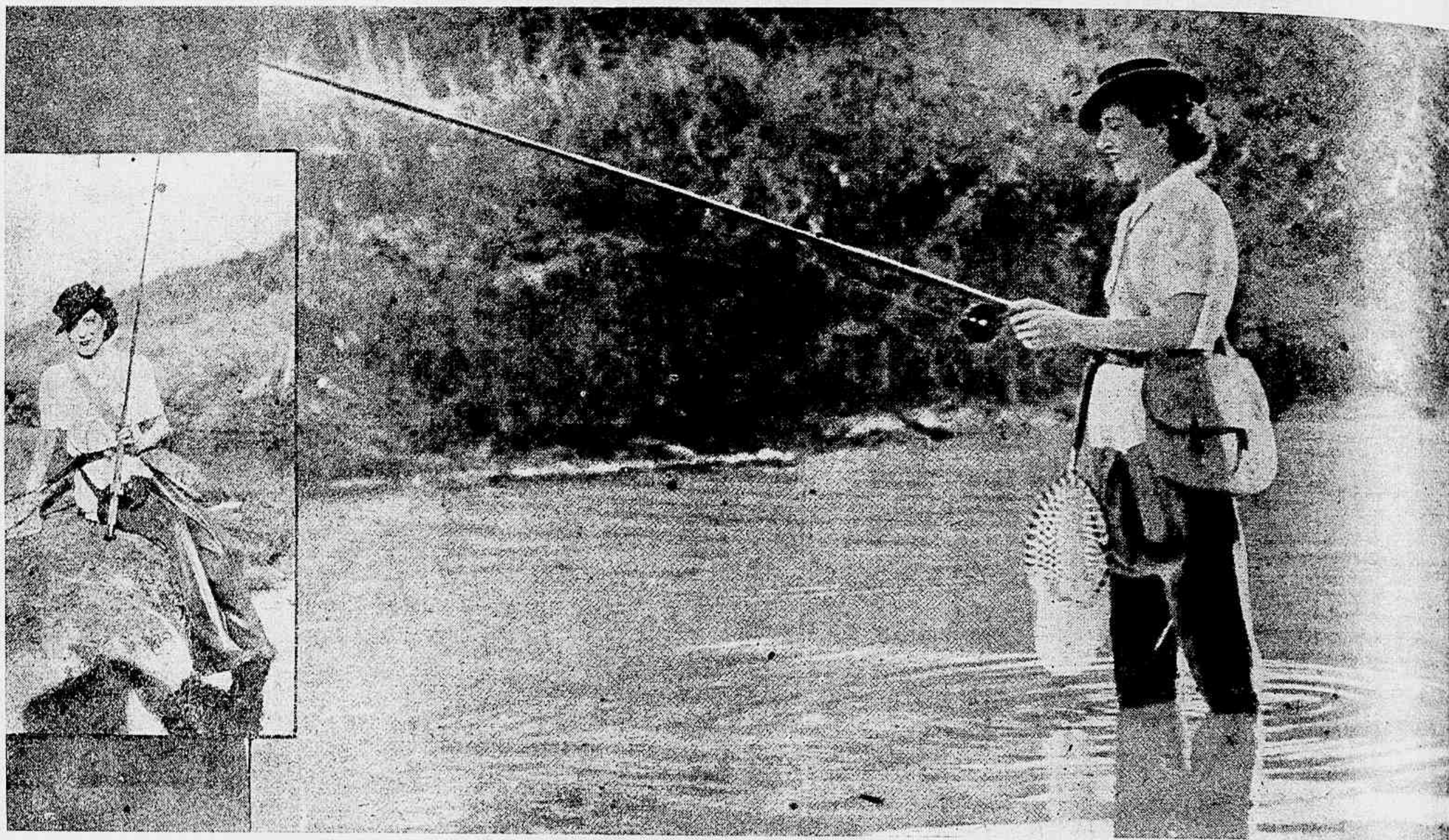


que sonorizam o Mundo, e de explosivos potentes, que o ajudam a salvar-se das garras do pan-germanismo. Material estratégico, confia-se-lhe a tarefa de resgatar a Civilização das bestas-feras que a empolgarar, em três quartas partes da Terra. Navios norte-americanos veem expressamente a Tutóia para carregarem o produto das palmas nordestinas. Em relação ao volume, não há produto mais valorizado na pauta de exportação do Brasil. A cera cumpre uma missão histórica nesta hora angustiosa da Humanidade... E o Piauí, juntamente com o Ceará, inscreve-se entre as regiões do mundo que ajudam as Nações Unidas a conquistar a vitória sobre as torvas hordas totalitárias.

A origem do esplendor econômico em que ora se estadeia a terra do Piauí foi a curiosidade inteligente do ilustre filho do condado de Cumberland: James Frederick Clark. Como Colombo, como Cortez, como Fernão de Magalhães, ele é um colaborador da Providência e uma personagem da História. O Nordeste deve-lhe a fonte nutriz da sua riqueza, todas estas décadas prodigiosas em que um só Estado — o Piauí

— vê passar a sua renda de 4.000.000 a quase 40 milhões de cruzeiros.

A cidade de Parnaíba, sob o patrocínio do governo do Estado, vai levantar um monumento à memória de James Frederick Clark. E' o resgate de uma dívida que estava a caminho de meio século. O descobridor da cera terá sua herma inaugurada no dia em que deveria completar 83 anos de idade. O inglês de Parnaíba não merecia a consagração tão só pela riqueza que descobriu e pelo impulso que proporcionou à prosperidade econômica de dois belos Estados da Federação; também, era, a todos os títulos, cidadão exemplar pela bondade e pela honradez. A palavra lhe era de oiro, tanto quanto o coração. Jamais um pobre voltou de sua presença com as mãos vazias e a alma angustiada. Este súdito britânico integrou-se de todo na comunidade nacional e fez questão de dormir em terra parnaibana o largo sono da Eternidade. O monumento que ora lhe consagram é de bronze, matéria prima da glória, igualmente de bronze foi o seu caráter, e é de bronze a página em que lhe fixa o nome a história econômica do Brasil.



Senhoritas da alta sociedade argentina gostam da pescaria nas férias. Lá nos caudalosos rios de paisagem maravilhosa, elas usam as calças impermeáveis, os caniços mecânicos, a sacola de couro, o caçuré de fibras e pescam com toda a técnica dos profissionais e com toda a graça encantadora do amadorismo fidalgo.

ESPORTE E SAÚDE

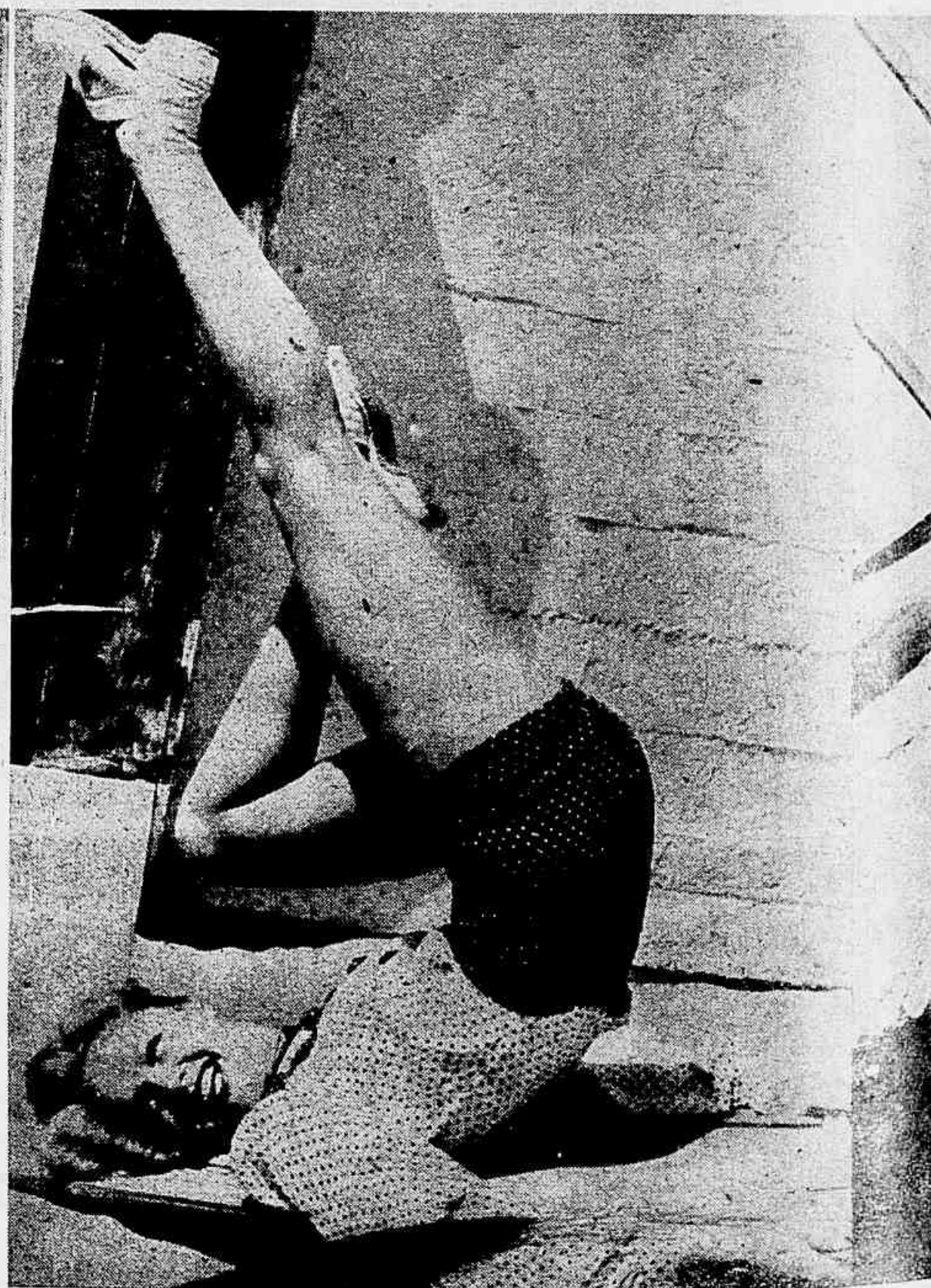


Esta estranha fotografia foi tirada no Harringay Parc na Inglaterra, no momento extremo da partida de quatro cães "Greyhound", excitadíssimos ao avistarem a lebre elétrica.

É sempre interessante fazer voltar o pensamento aos milênios já vividos pela humanidade e evocar velhos fatos, que se nos afiguram conquistas da nossa civilização, quando outra coisa não são mais do que decalques de velhos sistemas, adaptados a novas formas e, às vezes, com uma determinada finalidade.

O esporte, por exemplo, é tão velho como o homem, embora não o praticassem nossos coevos, com a intenção racial que ele tem hoje, e submetido a determinada técnica.

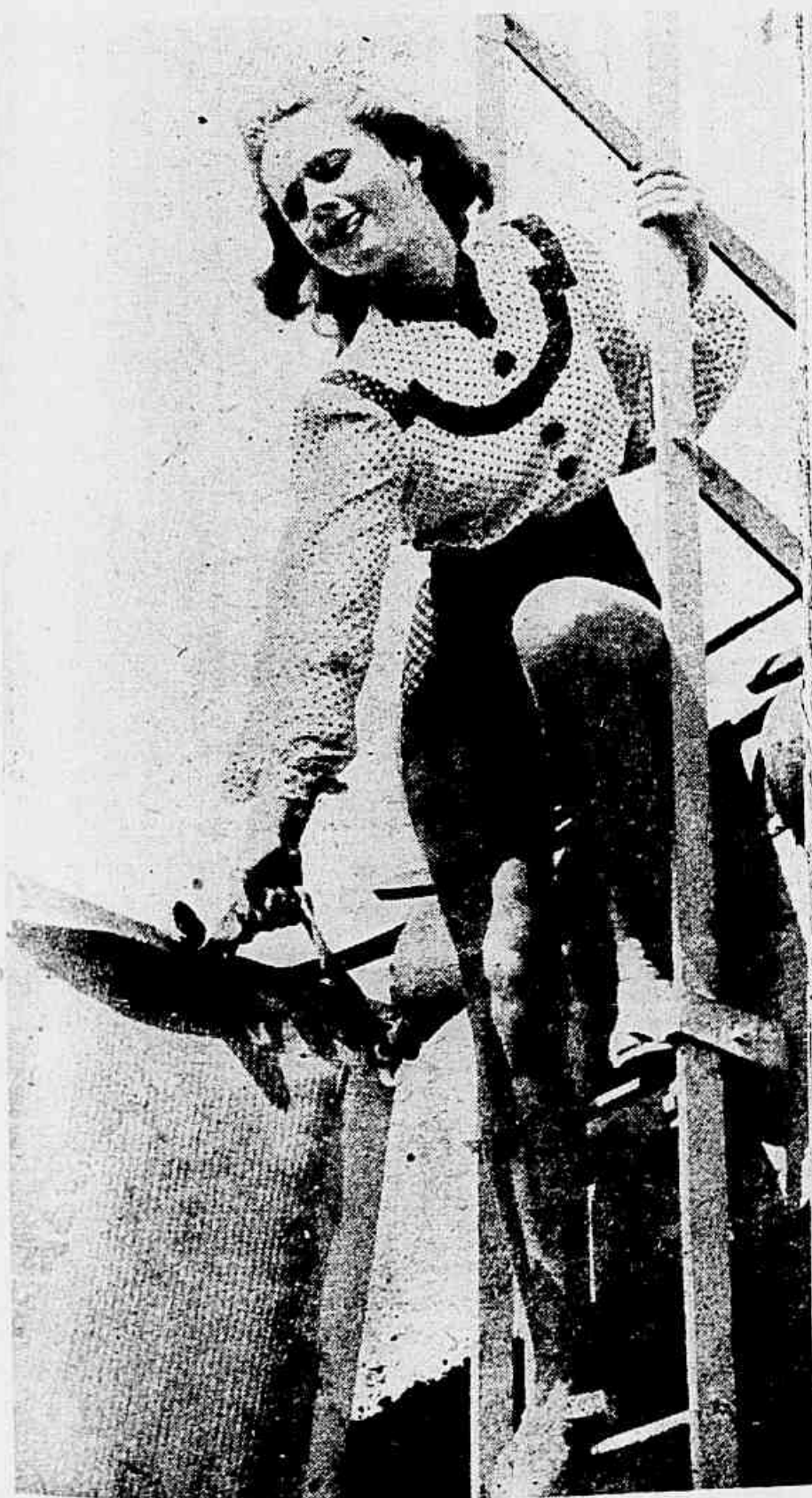
Os trogloditas das cavernas foram logicamente os iniciadores de vários esportes dos quais se originaram outros. Os petroglifos antigos, escrita gravada na pedra, sempre com figuras humanas ou de animais, nos transmitiram os movimentos mais ou menos harmoniosos dos antigos e hirsutos caçadores de rena ou dinossauro e outros animais da fauna antediluviana; eram destros e fortes atiradores de lança ou flexa de sílex, ou ainda de funda ou machado. Esses exercícios, forçados pela luta da vida em regiões áspers, ou terras de marisma, ou ainda no emaranhado zerve de florestas amedron-





A caça também tem na Argentina as suas amadoras elegantes e destemidas. A temporada se reveste de toda a gala das antigas caçadas dos condados ou dos castelos de França.

Miss América de 1943 veste o *maillot* ideal para os sport de praia; tudo é regulado tanto para o nado, o mergulho como os banhos de sol.



Três fases de um ótimo exercício. Enrijar os músculos, e adquirir força, sem prejudicar as formas femininas como acontece com alguns esportes.

tantes, desenvolveram no homem primitivo qualidades excepcionais de agilidade, destreza, destemêr, agudeza de vista e de pensamento. Eram justamente os sentidos que se aperfeiçoavam mais. A guerra brutal pela subsistência gerou naturalmente a luta "livre", a luta corpo a corpo, pela posse de um título nobre, ou de uma companheira disputada ao rival pela força animal, a única que o homem das cavernas conhecia e que, infelizmente, ainda hoje tem imitadores — os adeptos do direito da força naturalmente porque são incapazes de lutar com a força do Direito.

Nos nossos dias, o esporte não é só um motivo de diversão popular, como nos anfi-

(Continua na pag. 7)

ESCRAGNOLLE DORIA

Chefaturas de Policia

PAÍS, cidade, lugar habitado qualquer demandam segurança publica. No país asseguram-a as forças armadas, a policia nas cidades, ou em qualquer lugar habitado.

A segurança publica diaria nas populações preside em maior grão as chefaturas de policia. Datam entre nós do Segundo Reinado e neste de 1841. No governo do Principe Regente no Brasil principia a nossa organização policial regular pela criação da Intendencia da Policia no Rio de Janeiro, á imitação da de Lisboa, Portugal conhecendo a instituição desde 1760. No Brasil nasceu a 10 de Maio de 1808, o Principe Regente chegado á America em dias de janeiro daquele celebrado ano.

A Intendencia de Policia carioca acabava com os processos policiais do vice-reinado do Rio de Janeiro e com as rondas do major Vidigal assistido de ganeiros armados de varas. Vidigal detinha suspeitosos na rua, interrogava vadios processando-os sem cartorios, ao ar livre, menos para o preso. De pé firme ou bambo, o detido esperava sentença condenatoria, passava logo em julgado ao silvar de varas. As pragas dos sovados, no reconhecido *jurisperneandi*, não pegaram no major draconiano. Miguel e Nunes Vidigal, de imagem suppositicia em tela de Firmino Monteiro, morreu no proprio Rio de Janeiro, no posto de marechal, aos 98 anos de idade, segundo indicação de Laurenio Lago.

Na Intendencia de Policia do Rio dous intendentes criariam maior fama: Paulo Fernandes Vianna, organizador da Intendencia, Teixeira de Aragão famoso pela sua ordem do toque de recolher às dez da noite no verão, às oito no inverno. Os sinos de S. Francisco de Paula e de S. Bento, em voz de bronze, mandavam gente para casa, numa imitação de *couvre-feu* medieval. Quem ficasse na rua, soubesse o diabo porque, se expunha no mínimo a ser apalpado pelas rondas.

De 1852 a 1841 os juizes de paz exerceram funções correspondentes ao cargo de chefe de policia; na Regencia não poucas as perturbações da ordem publica no Rio de Janeiro, sem falar em Brasil afóra.

Reformando o Codigo do Processo Criminal, a lei de 3 de Dezembro de 1841 daria fim ao trabalho dos juizes de paz quanto á segurança publica.

Logo no seu artigo 1.º a lei referendada por Paulino de Souza, o futuro Uruguay, providenciava policialemente. Estatua que no Municipio da Côte e em cada provincia haveria um chefe de policia auxiliado por delegados e subdelegados.

Completadas as leis pelos regulamentos, às vezes lhes alterando a bõa essencia, a lei de 1841 foi regulamentada por outra de 31 de Janeiro de 1842.

Determinou esta aos chefes de policia fixação de residencia nas capitais. Proibio-lhes acumular funções alem das do cargo, em certas provincias, Maranhão, Pará, Ceará, Bahia, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo.

Nas demais provincias do Imperio aos chefes de policia era licito exercicio cumulativo do cargo com o de juiz de direito da capital da provincia onde servissem.

Nenhum juiz de direito, pela lei de 3 de Dezembro, salvo o caso de interinidade, seria nomeado sem haver exercido judicatura pelo menos trienal, nela provando as qualidades que tanto exornam magistrados: probidade, inteligencia, atividade.

As chefaturas de policia caberiam a desembargadores e juizes de direito, isto é á magistratura togada; os chefes de policia diretamente nomeados pelo imperador, D. Pedro II no horror discreto á improbidade e á concussão, pragas no serviço publico.

A todo cargo elevado deve corresponder tratamento condigno. Em 1842 um decreto referendado por Pedreira, ainda não Bom Retiro, aos chefes de policia fez mercê do tratamento de Senhoria proximo do de Excelencia *de jure* não barateado.

A secretarias foram entregues o andamento e o desenvolvimento dos serviços das chefaturas de policia burocratisadas em parte.

O cargo de chefe de policia era de confiança. Dai mudarem com frequencia os chefes de policia acompanhando a sorte dos ministeres revezados no governo por dependentes do poder legislativo no gremio do qual se recrutavam os gabinetes.

Entre ordenado e gratificação os chefes de policia percebiam 6 contos por ano. Quem fizer a conta dos vencimentos mensais do cargo não achará nada excessiva a remuneração do chefe de policia responsavel pela segurança publica diurna e noturna.

As leis pôdem dar-se por felizes quando não alteradas a cada momento. A lei Uruguay de 1841 e o seu copioso regulamento foram de ventura, poucas modificações sofrendo até 1889.

Operoso escritor cearense, Hugo Victor Guimarães e Silva, com muita probidade de pesquisa e riqueza de informação, biografando os chefes de policia do Ceará, no Imperio e na Republica, p. z em evidencia os serviços de cada um daqueles colaboradores da segurança publica.



O desembargador
Ludgero Gonçalves da Silva.

Entre as chefaturas de policia do Imperio a do Municipio da Côte gozava natural primazia, sendo portanto muito desejada e sob as vistas do imperador.

Na citada chefatura sobrelevaram-se entre prestimosos Eusebio de Queiroz e Alexandre de Siqueira, na memoria publica o caso sucedido com o chefe de policia da Côte, Dario Rafael Callado, distinto filho do ilustre tenente-general João Crisostomo Calado, e magistrado de auspiciosa carreira. Desapareceu no exercicio do cargo e nunca se descobriu a chave do misterio de tal desaparecer.

A chefatura de policia do Municipio, qual a formára a lei de 3 de Dezembro, dependia diretamente do ministerio da Justiça que pouco antes da Independencia teve Miranda Montenegro por primeiro titular.

Da segurança publica o imperador dava contas á nação nas falas do trono, da mesma segurança nos seus relatorios anuais ministros da Justiça minudentemente informavam o poder legislativo no qual as oposições só buscavam brechas para interpelar governos, com ou sem paixão partidaria.

A comunicação entre ministro da Justiça e chefe de policia era constante, se não constantes as sedes da chefatura policial carioca, na praça da Constituição, ora Tiradentes, na rua General Camara e alhures. Assim em epocas diversas instalaram a Policia Civil em dois trechos da rua do Lavradio, esta sombra do que foi na antiga vida da cidade.

Os serviços policiais repartiam-se entre autoridades de maiores ou menores atribuições. Maiores as dos tres delegados auxiliares do chefe de policia, menores as dos subdelegados e dos inspetores de quartelão.

Pelos distritos policiais urbanos e suburbanos, dous destes insulares, Paquetá e Governador, respondiam subdelegados, de preferencia escolhidos entre cidadãos influentes de residencia nos distritos, e a segurança publica velavam com mais interesse, assim o dr. Pinheiro Freire em Paquetá e o barão da Taquara em Jacaré.

Os subdelegados tinham por auxiliares os inspetores de quartelão. Obrigava-os o cargo a especie de intimidade permanente com o seu limitado numero de inspeccionados, às vezes o inspetor residindo no proprio quartelão de moradores por ele vigiados até as ultimas, cabendo á inspetores autorisar inhumações.

Eis exemplo bem frisante. A 26 de Abril de 1852, o inspetor do 12.º quartelão do 2.º Distrito da Subdelegacia da Gloria, Bernardino José dos Santos, expediu explicita guia de sepultar-se para enterramento, em cemiterio de Botafogo, dos restos mortais de um moço de vinte anos falecido na rua do Infante.

Resta dizer que o de morrer tão cedo se chamava Manoel Antonio Alvares de Azevedo, a quem a morte não tiraria imortalidade se lança tantos no olvido.

Na corporação policial, do chefe de policia ao inspetor de quartelão, subordinavam-se todos ao ministro da Justiça, chefe supremo das varias ramificações do serviço da segurança publica. Na esfera mais elevada do ministerio da Justiça figuravam o Supremo Tribunal de Justiça, as Relações, numero 1 a da Côte, os juizados de diferentes varas.

O ministro da Justiça fiscalisava tudo isto, o verbo controlar então só de dicionario francez, sem licença de transpôr as raízes do vernaculo. Superintendia o ministro a Guarda Urbana ou policia civil, a Junta Commercial, o Registro de Hipotecas, o Depósito Publico, a Junta dos Corretores.

Militarmente, obedeciam ao ministerio da Justiça o Corpo Militar de Policia da Côte e o Corpo de Bombeiros, o primeiro corpo com forças de infantaria e cavalaria. Entre na lista de subordinação a Guarda Nacional, de brilhante folha de serviços no passado, depois ridicularizada por quem desconhecia aquela folha, a milicia a contar mais officiaes que milicianos.

Dependiam tambem do ministerio da Justiça duas tristes Casas, as de Detenção e, atlanticamente, no só dos mares, o presidio de Fernando de Noronha.

Nos fastos da chefatura de policia da Côte gravou nome o desembargador honorario e juiz de direito Dr. Ludgero Gonçalves da Silva.

Natural de Pernambuco, o dr. Ludgero formára-se em 1850 na Academia Juridica de Olinda. Entrando na magistratura nela se sahio bem por qualidades de juiz. Não as desmentio chefe de policia da Côte, servindo com o ministerio Rio Branco e tendo por ministro da Justiça o conselheiro Duarte de Azevedo, de tempera autoritaria como o seu chefe de policia, posto á prova quando no começo de 1873 aguda perturbação da ordem publica ocorreu na Côte, por ação reflexa da abdicação de Amadeu I, italiano rei de Espanha.

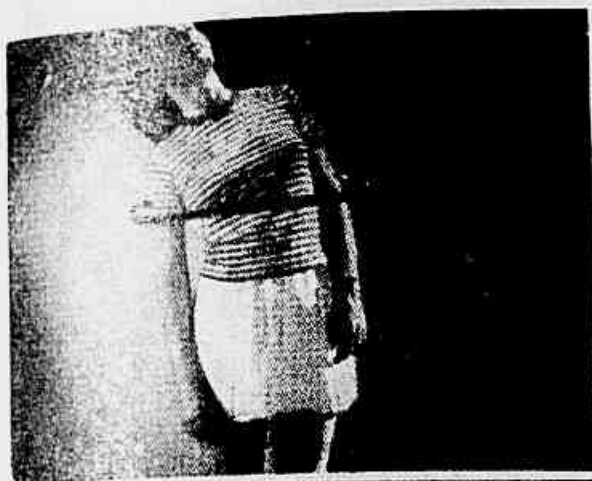
Não escapou o dr. Ludgero á yela sarcastica do carice, por usar colarinhos altos, de feição exquisita tendo por unicos rivais os colarinhos tão populares de Lopes Trovão, os colarinhos de ambos objectos de critica em prestitos carnavalescos.

Ao retirar-se o dr. Ludgero da chefatura de policia, promovido a desembargador efetivo da Relação do Maranhão, a imprensa carioca unanime teceu louvores á administração extinta, reconhecendo-lhe grandes serviços á população.

Ludgero Gonçalves da Silva faleceria em Paris. A gente do seculo XIX, no qual valeu a pena viver, não está toda no cemiterio. Nela ainda se não apagou da lembrança a figura de Gonçalves da Silva, severo, mas amavel, a polidez consentanea com o carater, que deixa ao vime a flexibilidade transferida a não poucos dorsos.

Esporte e Saúde

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 5)



A ginástica tem movimentos ritmados, e a distensão muscular se faz de acordo com eles. Estão enquadrados numa técnica especial.

Na fig. 1 — O movimento circular distende os músculos do pescoço e ombros.

Na fig. 2 — O movimento abrange a parte inferior do corpo.

Na fig. 3 — Os quadris e as coxas.

Na fig. 4 — É interessante observar no esquema como o movimento é uma ginástica dos pés.

testes do império romano, mas é também por excelência o código da questão racial. O homem dos nossos dias, que faz cultura física, seleção de espécimens humanos de maneira muito objetiva, deseja talvez ser um Atlante, um lemuriano, ou mesmo um centurião. A Grécia antiga é, sem dúvida, o centro dessa tangente; foram eles, os gregos, que inventaram e praticaram a sábia legenda: mens sana in corpore sano. Nos ginásios, primeiro, depois nos bosques sagrados e nos jardins de Epicuro, da poesia de Píndaro e Anacreonte, surgiram as dansas aladas de ninfas, faunos, nãpsas e egípcias, e de toda essa lendaria beleza surgiu a ginástica rítmica conservada e praticada em nossos dias com real beleza. A ginástica e o esporte se completam, desde que sejam praticadas dentro da medida que lhes compete. Além daquilo que costumamos chamar esporte, há os taes esportes primitivos, alguns dos quais adquiriram, em nossos séculos civilizados, fóros de amadorismo fidalgo. Entre esses temos o hipismo, as caçadas á raposa e ao veado, e as pescarias elegantes com uma indumentaria apropriada e o caráter mecânico. Este gênero de pescaria de férias é realmente de amadores, pois a pesca é sensacional e exige paciência, calma e silêncio. Aqueles que se dedicam à pesca proibida, com parí, timbó, cal ou dinamite, não podem ser considerados esportistas. O amadorismo tem sua pragmática rigorosa, como tem suas compensações.

Até o Gênio!
Uma Calamidade!

Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador GESTEIRA**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo peso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais, Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bala: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe

& Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos

— Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Cons-

tituyente, 1746, Montevideo. "Inter-Prensa" — Florida, 229 —

Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

NOSSA CAPA

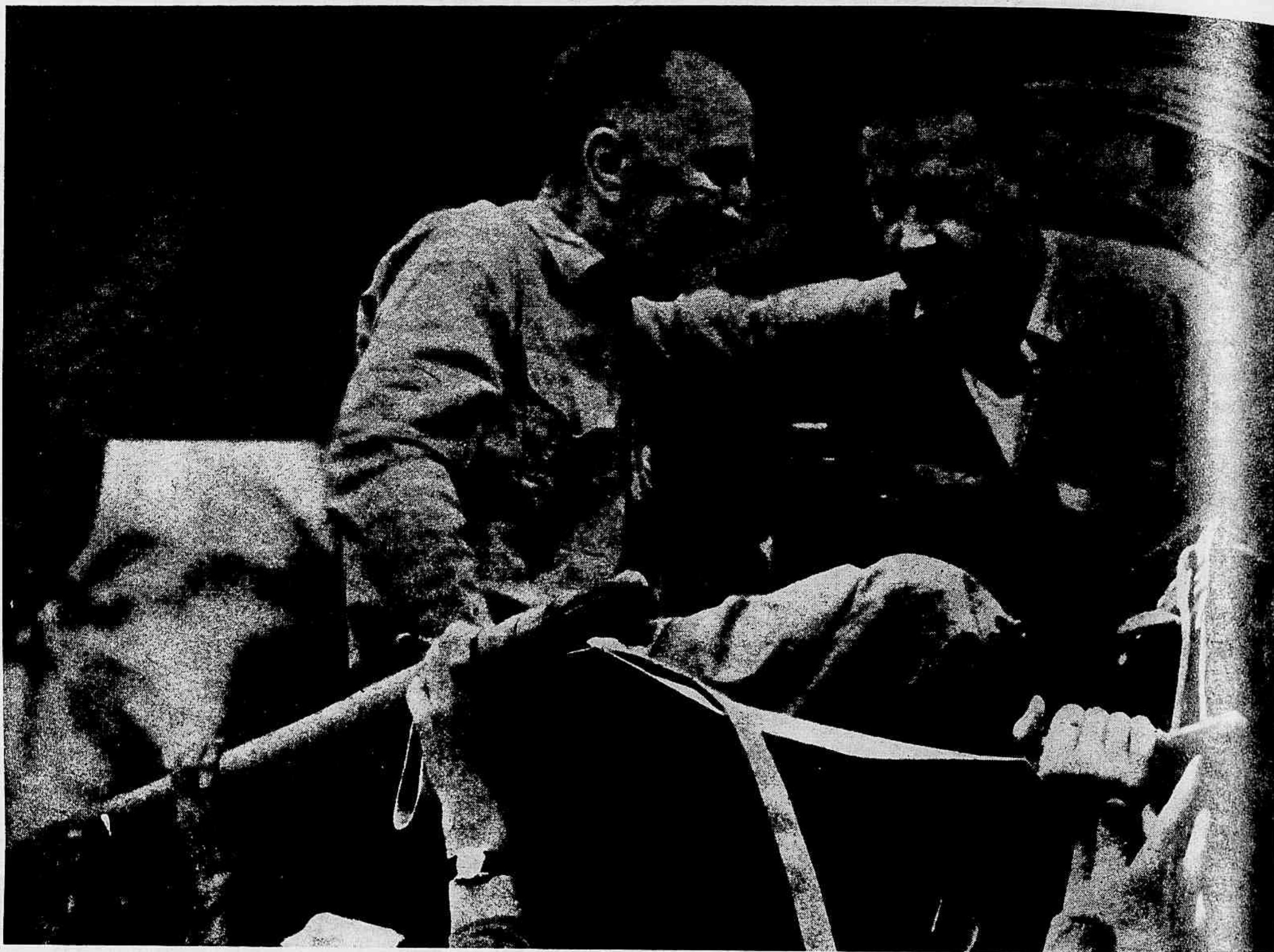
As tão famosas e temidas armas secretas que a imaginação popular, acirrada pela propaganda terrorista dos países agressores, previa para a conflagração mundial em 1939, não apareceram ainda e certamente não aparecerão, pelo simples fato de que não existem. A tremenda guerra que estamos presenciando não fez mais que aperfeiçoar e desenvolver os métodos de destruição da anterior. Já agora sabemos quais os novos meios de matar inventados pelo homem. Realmente alguns atingiram uma potencialidade e uma eficiência imprevisíveis. Esta guerra das quatro dimensões, que se desenvolve em todos os sentidos, trouxe inegavelmente algumas surpresas terríveis. Os tanques inventados pelos ingleses, que na última conflagração desempenharam um papel modesto, apareceram como um desenvolvimento da cavalaria, chegando a substituí-la de certa forma. Os submarinos agem agora em cardumes ten-

do sido mesmo uma ameaça seriíssima à vitória das nações aliadas, que só o heroísmo e a tenacidade dos seus homens conseguiram vencer.

Entretanto, nenhuma arma surgiu de modo tão aterrador como a aviação, empregada pela primeira vez em massa, indiscriminadamente, contra combatentes e populações indefesas. O inimigo teve sem dúvida a iniciativa surpreendendo e esmagando os países agredidos, sob o peso de suas bombas assassinas.

Atualmente a sorte das batalhas tem sido decidida pela superioridade aérea, o que leva à conclusão de que os Aliados já tem a vitória em suas mãos, com a espantosa produção dos Estados Unidos e a eficiência, sempre crescente, dos pilotos Aliados que infringem aos Nazistas e Nipões o castigo a que faziam jus e que não esperavam chegasse tão pronto e tão decisivo.

Nossa capa mostra um avião de bombardeio inglês, martelando o território italiano ocupado pelos nazistas.



Uma fotografia sensacional — O capitão Eddie Rickenbacker, herói da luta no Pacífico — que se celebrou num grande livro — no momento em que era transportado na torre de um bombardeiro da Patrulha da Marinha, que o trouxe de regresso á patria.

OS LIVROS E A GUERRA

REX STOUT

OS livros e a guerra. Quando começou a guerra? Em 1931, o Japão na Mandchúria? Em 1934, a Itália na Etiópia? Em 1937, a Alemanha e a Itália na Espanha? Em Março de 1939, a Alemanha na Tchecoslováquia? Em Setembro de 1939, a Alemanha na Polónia? Em Junho de 1941, a Alemanha na Rússia? Em Dezembro de 1941, o Japão em Pearl Harbour? Certamente a história rejeitará todas essas datas e tomará como data inicial da guerra 28 de julho de 1914. Aquele espaço de tempo depois de 1919 foi apenas um intervalo durante o qual fomos para a sala de fumar enquanto a Alemanha e o Japão afiavam os punhais por trás das cortinas, temporariamente repousados.

O registro de livros sobre a guerra é bastante mau se nos referirmos apenas ao presente, mas se considerarmos a guerra nas suas verdadeiras dimensões cronológicas torna-se ainda pior. Durante o interregno que serviu a afiar os punhais, um dos maiores objetivos da Alemanha foi persuadir-nos que era Cindereia e nós as irmãs maldosas, e, em suma, pelo menos quatro quintos dos livros publicados neste país — aqueles que abordavam o assunto — faziam o possível para auxiliar a Alemanha neste intento. Quando em vez, apareciam palavras de advertência, como o livro de Bernadotte Schmidt, mas eram escassos e muito aquém dos seus propósitos. Quem quer que, nos Estados Unidos, lêsse livros sobre a situação internacional, ficaria convencido de que a Alemanha era incompreendida, maltratada e falsamente acusada; e nós eramos egoístas, e não muito cautelosos em matéria de moral. Quanto menos se falar sobre esses livros, melhor; mas é permitido dizer que os homens que os escreveram, consciente ou inconscientemente, iludiram seus concidadãos. E seria muito esperar que pelo menos uma ou duas de nossas editoras tivessem o trabalho de aprender alguns fatos da vida e vendê-los em suas lojas? Aparentemente era.

Penso que é fácil dizer que durante esse período — de 1937 a 1939, mais ou menos —

os escritores e editores fracassaram completa e espetacularmente em proceder sua função mais importante do que em outra qualquer época, desde a invenção da imprensa.

E então?

E' certo que havia livros que detestavam Hitler, Franco ou Mussolini; havia livros que pensavam ser mau da parte dos japoneses contar aquela mentira sobre a estrada de ferro e marchar sobre Peking; havia livros que deploravam a deturpação dos sentimentos do povo alemão por Hitler; mas apareceu por acaso o livro que eficientemente

HEMORROIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento com ótimos resultados das hemorroidas e varizes. HEMO-VIRTUS é o nome desse remédio que, para hemorroidas internas e VARIZES, deve ser tomado na dose de três colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o HEMO-VIRTUS, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não encontrando na sua farmácia, peça-o ao Depositário: CAIXA P. 1874 (UM-OITO-SETE-QUATRO). S. Paulo.

HEMO-VIRTUS



despertou o povo americano de sua ilusão e apresentou-lhe legível e persuasivamente a verdadeira situação mundial? Si alguém o escreveu, o que eu duvido não o publicou. O resultado foi que no dia de Pearl Harbour nove americanos de cada dez espantaram-se ao descobrir que seu país se achava em guerra, embora já estivessem nela a vinte quatro meses.

E daí?

Houve, é fato, uma porção de livros sobre a guerra e uns poucos bons. Houve narrativas de heroísmo e coragem, tais como "Homens para queimar", "Al vão os navios", "Rumo ao vale", "Diário de Guadalcanal" e "Batalha pelas Salomão".

Houve relatórios úteis de correspondentes, de diplomatas tais como "Diário de Berlim", "Recordações de Tokio", "Último trem de Berlim", "E' este o inimigo" e "Relatório de Tokio".

Houve belos livros de combate como "Prelúdio à vitória" e outro "Façamos desta a última guerra".

Houve muitos livros valiosos e informativos sobre as nossas forças armadas, as partes da terra onde combatem e combaterão nossa frente de produção e todos os outros aspectos dessas multifárias atividades que podem ser resumidas naquela frase repugnante e infame "o esforço de guerra."

Houve mesmo alguns livros que desceram fundo no assunto como "O plano principal da Alemanha", de Joseph Borkin, que aborda um dos ingredientes primordiais da venenosa mistura germânica — os industriais e cartéis. Constituem eles a espécie de alemães para quem indivíduos como Bismark, Guilherme II ou Hitler são um simples auxílio.

"A Europa e a questão alemã", de F. W. Foersters, cobre imenso território tanto espiritual como cronologicamente. Si algum americano se preocupa em saber o que acontecerá nos próximos vinte ou cinquenta anos, deve ler um só livro, e é este. Foersters, que tem agora setenta anos, nasceu e educou-se na Prússia, e foi por muitos anos destacado educador na Alemanha. Ele devia saber alguma coisa e de fato sabe. Em 1940 ofereceu o que sabia ao povo da America neste livro e apenas três por cento de nossa população o leu!

O doutor Richard M. Brickner escreveu um livro chamado "Será a Alemanha incurável?" O doutor Brickner, como psiquiatra de renome descreve, em primeiro lugar, os sintomas característicos de um indivíduo atacado pela doença chamada paranoia e em seguida passa á tese de que o povo alemão, como um todo, demonstrou sintomas idênticos por muitos anos nas suas relações com outros povos. E' fascinante e persuasivo.

Pode-se desconfiar, já que eu estendo meu comentário apenas a esses três livros,

que partilho com os alemães a convicção de serem eles o único agrupamento humano sobre o qual se deve escrever. Não é isso. Há muitos outros livros sobre varios assuntos igualmente vitais a um entendimento desta guerra. Mas é impossível para mim comentá-los porque não foram escritos — pelo menos editados. Aqui estão eles:

1 — Nas salas de jantar e nas esquinas os americanos discutem se devemos ou não tomar parte na organização do mundo. E' o mesmo que discutir si a luz do sol encontrando um objeto sólido produziria sombra. Um livro bem escrito poderia convencer-nos definitivamente que não há escolha no assunto. Naquele dia de dezembro de 1903 quando o pesado aparelho dos irmãos Wright permaneceu no ar cinquenta e nove segundos tornou-se inteiramente impossível para o povo de Chicago dissociar seus negócios, na guerra ou na paz, dos negócios do povo de Chungking. Si disserem que já compreendemos este fato eu direi que não. Si já o tivéssemos compreendido por que todos os argumentos e preparativos dos isolacionistas?

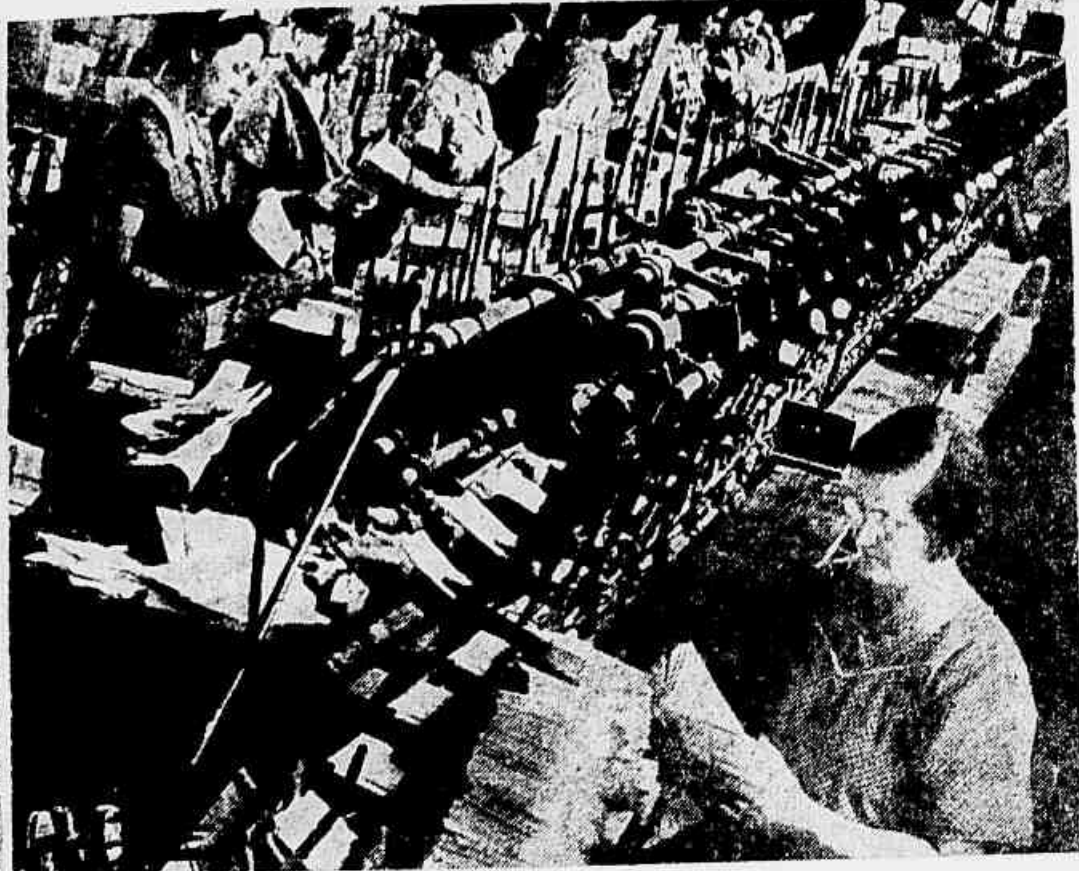
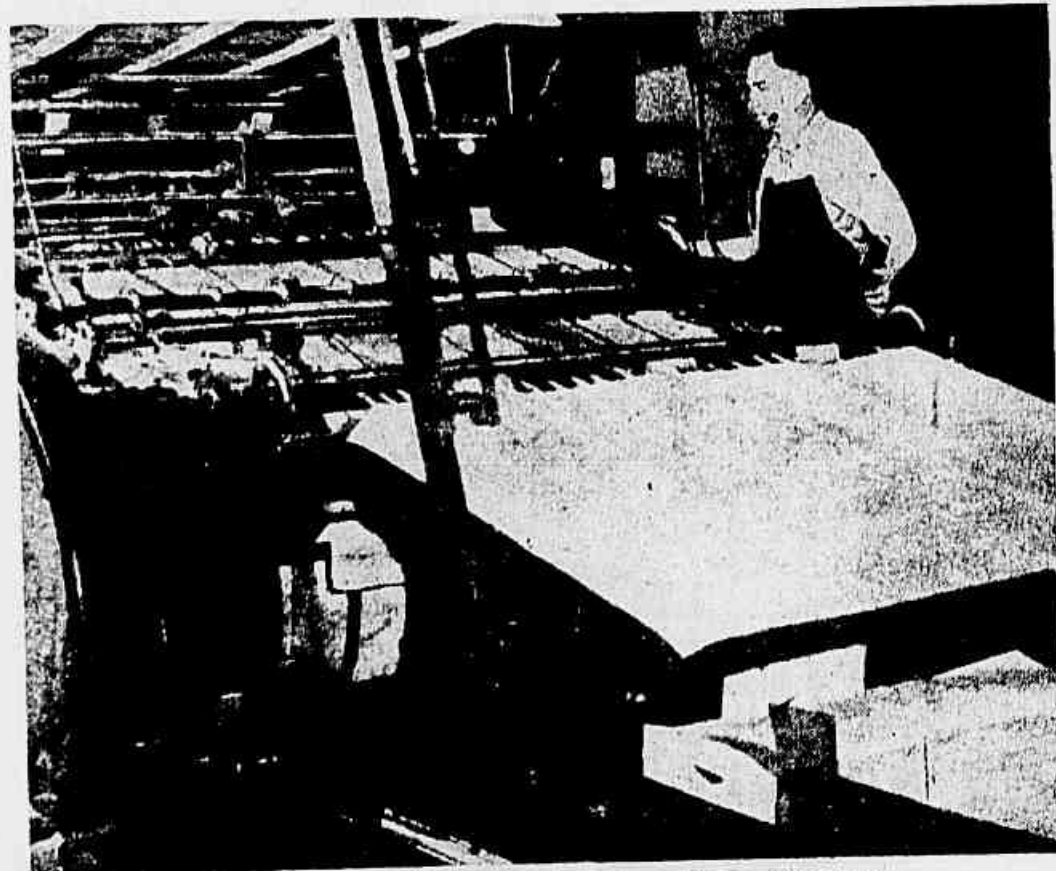
2. — Já que o mundo é agora tão pequeno que terá de ser inevitavelmente organizado, quem o organizará? Dantes os conflitos entre o fascismo e a democracia (quaisquer que sejam os nomes que lhes dêem no momento) foram sempre localizados. A arena era o Mediterraneo Oriental, ou Península Iberica ou o Continente Europeu. Daí por diante será o mundo e nada menos que isso. Não haverá mais novas terras para fugir da opressão como fizeram os peregrinos de 1620 ou os revolucionários alemães de 1848. Por isso é necessário que compreendamos a verdadeira natureza e o significado desses conceitos contrários da sociedade humana, fascismo e democracia, de modo que cada um de nós possa dizer: "Esta é a minha posição. Luto por isto"

3. Enquanto há muitos fascistas em todas as partes do mundo incluindo a nossa, há apenas dois países bastantes grandes e poderosos para ousarem a dominação mundial e onde a concepção facista da sociedade prevaleceu por tantas décadas que o próprio povo pode ser chamado fascista. São eles o Japão e a Alemanha. Nosso principal objetivo é a Alemanha, porque só uma minoria entre nós conserva ilusões sobre os japoneses, ao passo que muitos ainda acreditam que os alemães são um povo de boa vontade, temporariamente transviado pelos nazistas. Não adianta que eu diga ser completamente falsa essa opinião. Quem me acreditará? Mas um livro pode fazê-lo.

Necessitamos de outros livros ainda, mas trata-se aqui de um registro, e não de uma requisição. Não andei à toa à procura de defeitos mas penso que é demonstrável e, para falar com franqueza, deplorável que durante a terceira e a quarta décadas deste século os escritores e editores de livros fracassassem miseravelmente, e não há evidência nenhuma de que estejam preparados ou inclinados a reagir. Todos os editores devem compreender que devem andar agora de acriplano. Si não o fizerem é perfeitamente possível que no futuro próximo não haja livro verdadeiramente dignos desse nome.



Alguns aspectos da batalha do livro. Os Estados Unidos sabem que a vitória pelas armas não basta a assegurar tranquilidade e paz no mundo de amanhã.





DENTES LIMPOS E BÔCA LIMPA

... são um "dever" social

Encare o mundo com alegria — confiantemente — com dentes limpos e uma bôca limpa e fragrante!

Sinta — como milhões têm sentido — a satisfação que causa o escovar os dentes com Creme Dental Squibb.

Delicite-se com a sensação que invade imediatamente sua bôca — uma admirável sensação de frescor!



Use o Creme Dental Squibb tantas vezes quantas quizer, porque é puro, seguro e inofensivo. Não contendo nenhuma substância raspante ou adstringente, não pode absolutamente prejudicar o esmalte dos dentes,

nem irritar as gengivas mais delicadas. E é feito com um anti-ácido eficaz — o Leite de Magnésia Squibb.

CREME DENTAL SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA EFICÁCIA E PUREZA

425

Adeus indigestão!

PARA gozar de melhor saúde, tome a deliciosa Quaker Oats todos os dias. Contém, em abundância, os elementos essenciais para fortalecer o organismo, tonificar os nervos e enriquecer o sangue. Quaker Oats fornece, aos intestinos, o necessário volume para um funcionamento fácil. Preparo simples — experimente e veja!



Insista em comprar a lata com a figura do Quaker — a aveia sem impurezas.



QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

Livros

EMERSON — Edgar Lee Masters — *Biblioteca do Pensamento Vivo*. — São Paulo

Real serviço vem prestando essa coleção revelando ao público os grandes gênios do pensamento e da literatura universais. E' claro que uma antologia, por mais bem feita que seja, não pode dar uma idéia nítida de homens ou sistemas por demais complexos. A's vezes mesmo êsse trabalho de vulgarização mal orientado produz simplificações absurdas no espírito do público a respeito de determinado autor, quando não concorre muitas vezes á deturpação de seu pensamento. Por isso, consideramos que o único mérito de uma coletânea como esta é chamar a atenção do leitor médio para os grandes valores literários. E' um *hors-d'oeuvre* que não dispensa uma aproximação verificada numa antologia. A cada trecho escolhido correspondem muitos outros que o espaço não permitiu fossem revelados. A profundidade de seus ensaios, o seu estilo maravilhoso são qualidades que só pode aferir com exatidão aquele que os lê em suas obras. Sobretudo *Os Ensaíos* e os *Homens Representativos* forneceram a esta antologia a maioria dos seus melhores trechos. Bastante curiosos também são suas entrevistas com Carlyle e Wordsworth. Nada mais ilustrativo de uma época do que ver seus gênios mais representativos reagindo uns sobre os outros, apreciando-se, compreendendo-se — ou ignorando-se — mutuamente.

Esse homem, que fundiu em seu estilo a elegância de Platão e a profundidade de Goethe, deixou fundo sulco na literatura americana e conquistou-lhe um lugar de relevo no pensamento universal. Sem ser propriamente um filósofo, pois não se preocupou em deixar sistemas, foi um moralista á maneira de Montaigne, abordando a realidade sob todos os seus aspectos, e utilizando-se para isso da forma literária que seu precursor francês do século XVI já utilizara: o ensaio. O ensaio é um verdadeiro Proteu. Ele se presta a discussões de toda espécie, versando todos os assuntos, desde o científico ao artístico: Emerson aproveitou dessa liberdade do ensaio para usá-lo como instrumento na descoberta de verdades humanas.

Por tudo isso, embora como revelação do pensamento de Emerson êsse livrinho de pouco sirva, consegue despertar no leitor a curiosidade suficiente para buscar um contacto direto e mais profundo com o grande ensaísta. Há sobretudo um aspecto da obra do genial americano que os editores se esforçaram em salientar: é sua modernidade. Escolheram muitos excertos em que Emerson aborda problemas e fatos da hora presente com rara justeza de vistas. E', aliás, o que se deveria fazer com todos os pensadores verdadeiramente grandes: mostrar que o decorrer dos anos e dos séculos não os soterrou. Homens do eterno, parece que o tempo nada pode contra eles. Cada dia adquirem mais vigor, mais novidades. A maioria do público é levada a considerar êsses homens como tediosos e obsoletos. Mostrar-lhe que continuam a ser os verdadeiros guias da humanidade e que neles ainda pode encontrar seguras diretrizes para a vida — eis uma bela tarefa que Edgar Lee Masters desempenhou cabalmente com respeito a Emerson.



O BRASIL. SUA TERRA E SUA GENTE — Plinio Cavalcanti — São Paulo



Essa conferência, pronunciada no Colégio Adventista de S. Paulo é uma visão panorâmica da Nossa terra, inspirada por elevados e lúcidos sentimentos nacionalísticos. O Sr. Plinio Cavalcanti compreendeu que já vai longe o tempo do "Porque me ufano do meu país" e resolveu revelar à mocidade paulista não apenas as belezas do Brasil que se prestam a hinos e ditirambos, mas também suas riquezas econômicas, as forças que dormem dentro da terra generosa e de cujo aproveitamento depende nosso futuro de povo livre. Agradecemos ao autor a gentileza da oferta.



A INCONFIDENCIA MINEIRA — José Caetano Alves Neves — Rio.

O Sr. José Caetano Alves Neves é uma pessoa de certa leitura e de muita vontade que teve a intenção de escrever um livro sobre a Inconfidência. E' isto um dos fatos de nossa história que mais têm atraído a pena de nossos historiadores e literatos, que ora procuram esmiuçar as diversas dúvidas que o cercam, ora procuram descrevê-lo com as cores e o lirismo de suas imaginações mais ou menos tropicais. O Sr. Alves Neves, sem optar pela maneira histórica ou pela literária, fica no meio termo. Não tomamos sua prudência: eis-nos agora em apuros para classificar-lhe a obrinha: será histórica? será de imaginação? Não, nem uma coisa nem outra; porque, ao lado de trechos que

Novos

aparentemente a seriedade do historiador, outros há absolutamente ditirâmicos. Começa o autor no seu prefácio, por assentar que "não é meu intuito fazer história dos acontecimentos de 1789" — boa idéia, pensamos nós com nossos botões. Mas, continua o autor, pretendo dizer o que penso e o que concluí da conduta de Cláudio Manoel da Costa. Acrescenta o Sr. Alves Neves que nutre profunda admiração pelo poeta, idêntica à que nutre pelos "magnos benfeitores da humanidade". Classifica-o, a seguir, como "um dos maiores benfeitores da raça latina", "um gênio, uma grande mentalidade, um espírito de elite, que a natureza avara e sábia criou em grandes e grandes espaços de tempo". É claro que cada um é livre de ter as admirações que lhe apraz, gostamos, no entanto, de saber, em que se baseia o Sr. Alves Neves para se abalar com tais afirmações relativas ao indito autor de Nise. Abrimos o livro à procura dos argumentos em que naturalmente o autor iria alicerçar as opiniões expendidas no prefácio. Encontramos, como primeira espedida, uma composição sobre a "Nossa Pátria" que assim começa: "A terra em que nascemos, a nossa Pátria adorada, é o nosso querido Brasil." Elucidado este ponto obscuro, o admirador de Cláudio Manoel da Costa, antes de entrar no tema essencial de sua obra, lembrou-se, muito a tempo, que não seria de todo despropositado uma liçãozinha de geografia, com paciência digna de encômios, tece um resumo corográfico de nosso Brasil, desde a superfície e população, limites, extensão do litoral, cabos, portos, ilhas e baías, principais sistemas hidrográficos até entrar na indústria, e agricultura, etc., não se esquecendo de mencionar a avançada indústria da pesca que "está sofrendo um grande impulso, com a nova e liberal legislação trabalhista, que estende com muita atenção e carinho as suas vistas sobre esse ramo de trabalho protegendo-o com muito patriotismo". Seria longo, porém, resumir todo esse primeiro capítulo do Sr. Alves Neves e analisar as maravilhas que encerra. Fimdo este, abre o segundo com o seguinte trecho de uma solenidade sem par: "A História da Humanidade pode ser dividida em duas grandes partes: a antiga, posterior ao nascimento de Cristo, e a moderna, que compreende a narração dos fatos dignos de memória desde o grande acontecimento da gruta de Belém, que culminou na tragédia do Calvário até os nossos dias." E continua o historiador, afirmando, no mesmo tom dogmático que a "história do Brasil também (?) pode ser dividida em duas partes, etc." Que tem a ver uma coisa com a outra? Mistério! Vê-se por aí os rodeios que dá o autor para atingir a Inconfidência. Tiradentes e Cláudio Manoel da Costa. A morte deste é descrita com citações abundantes de Dostoiévski, Tolstoi, Stendhal, Plínio o moço e Petronio. E culmina com a afirmação de que, anelando-se, "fez-se digno da veneração da Pátria, e da profunda homenagem de todos os brasileiros." Estimamos que o Sr. Alves Neves continue a fazer evocações líricopitorescas dos heróis do nosso passado. Aconselhamo-lo, contudo, a que o faça em verso. Quadra mais com seu temperamento e com as suas aptidões.

* * *

A BASE BIOLÓGICA DA NATUREZA HUMANA — H. S. Jennings — Rio

De todos os mistérios da vida nenhum tão profundo e apaixonante como o da hereditariedade. Esse maravilhoso encadeamento dos seres no tempo, esse fio mágico que interliga umas às outras as gerações através dos séculos, tem despertado a curiosidade dos sábios de todas as eras. Desde a Bíblia, o enigma da herança suscitou idéias e opiniões as mais diversas. Houve quem quisesse concentrar nele toda a explicação do mundo. E o grande gênio que foi Ibsen concretizou numa peça famosa as angústias que em seu tempo produziu uma concepção absurda da transmissão dos traços e dos vícios.

Extraordinariamente clara e compreensível é essa exposição que o Prof. Jennings faz dos segredos da hereditariedade. Não se trata de um simples livro de vulgarização, como tantos que hoje pululam por aí e que não chegam a ser propriamente científicos. É um livro de ciência, escrito por um homem intimamente familiarizado com os segredos do laboratório e disciplinado pelo seu mister de professor numa universidade americana.

Jennings explica-nos as transformações da célula, e faz-nos penetrar no mais profundo de sua vida, patenteando-nos aquelas maravilhosas partículas que se chamam genes e nas quais reside em potência todo o destino do indivíduo. Estuda as espécies de hereditariedade, estabelecendo, com justiça e equidade, a importância que cabe ao desenvolvimento do homem. Entrando no famoso debate entre os que dão maior importância à herança e os que acham ser o meio ambiente o fator mais decisivo, Jennings, sem tomar partido, com absoluta serenidade, dá o seu parecer.

estrictamente científico, firmado nas suas inúmeras pesquisas de laboratório e na multiplicidade de casos por ele abordados.

É um livro bastante prático, não apenas para os leigos, que lucrarão ao ler uma obra verdadeiramente científica, como para os cientistas que entrarão em contacto com as últimas descobertas da genética.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA

GALLY

OS PÓS DE ARROZ QUE DESAFIAM CONFRONTO!

Pós de Arroz
GALLY
Realçam a beleza!

RÉVE ROSE ORYGAM NARCISO AZUL

A VENDA EM TODO O BRASIL

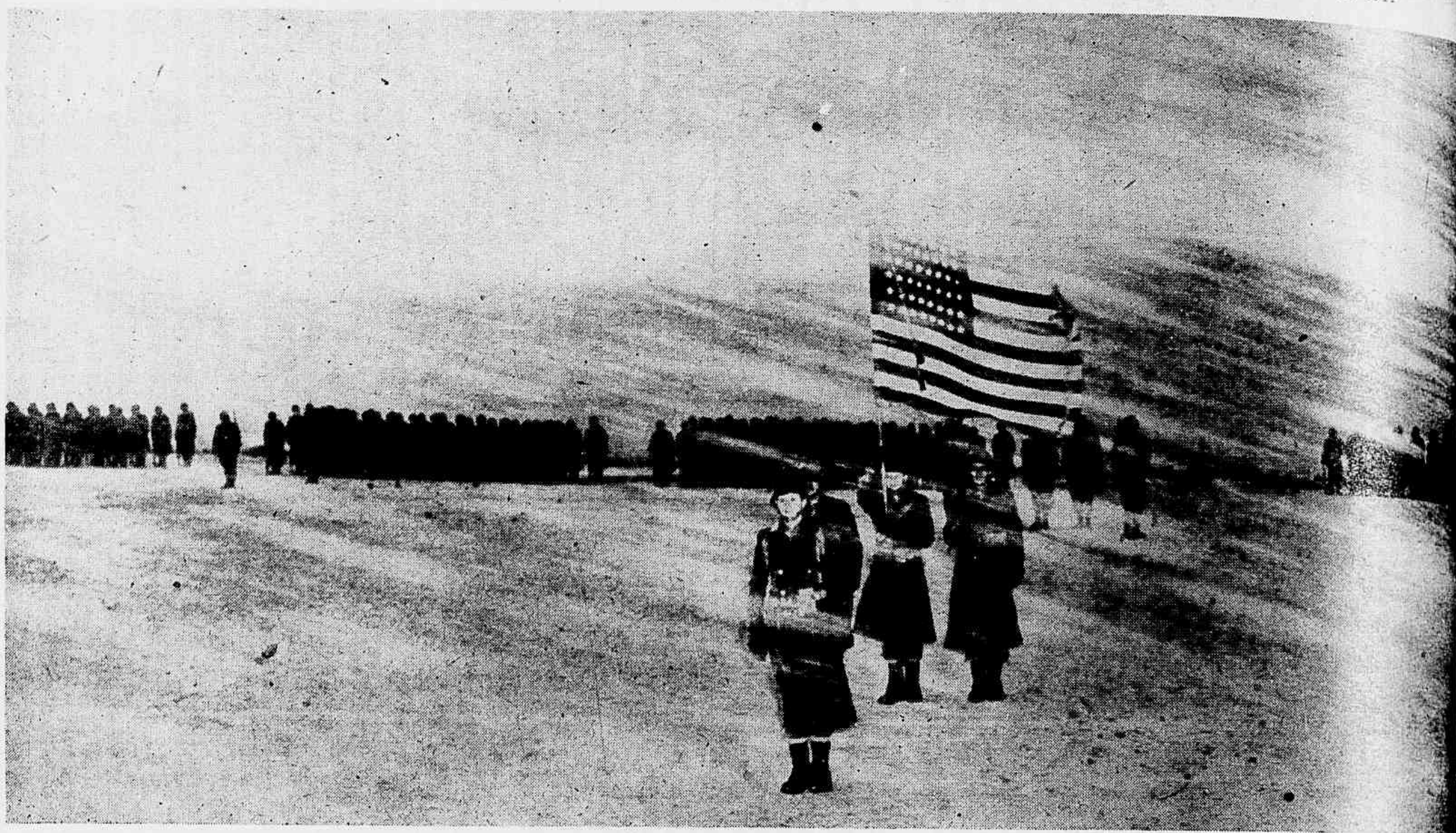
O "Almanaque Eu Sei Tudo" para 1944

está á venda em toda parte.

Preço: Cr \$ 8,00 em todo o Brasil.

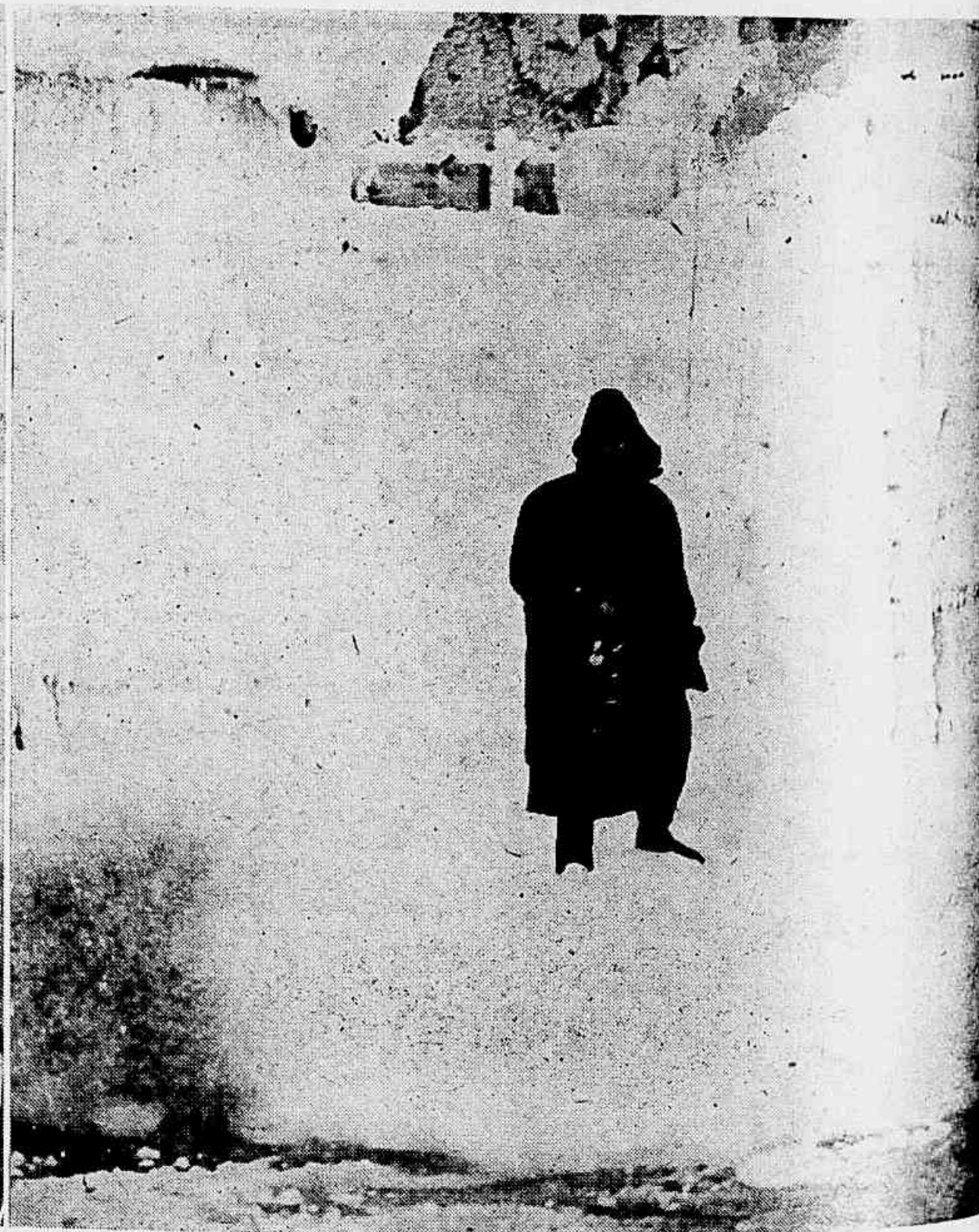
Pedidos á Comp. Editora Americana

Maranguape, 15 -- Rio.



NA ISLANDIA, cortados pelo vento gelado, sob violenta tempestade de neve, os soldados prestam homenagem a um de seus componentes que foi "condecorado" com a Legião de Mérito por atos excepcionalmente meritórios no cumprimento do dever. O soldado é o que está à frente da guarda de honra à bandeira.

A GUERRA NO GELO



Rumando para os portos russos do Ártico. Um destróier norte-americano, em pleno inverno, acompanha um comboio aliado com armamentos e abastecimentos para os exércitos do marechal Stalin. Toda a cobertura se encontra cheia de gelo onde se afundam os pés dos tripulantes. Aí, o marinheiro tem de ser equilibrista.

Aqueles que em creança leram as viagens maravilhosas de Júlio Verne, esse grande profeta da literatura francesa, encontram no mais recondito de sua mente os cenários das regiões polares, descritas naqueles livros de encantamento e de então fantasia. Sim, porque a fantasia de Júlio Verne, concretizada agora em realidade muitas vezes em nós, tendo ultrapassado a imaginação do escritor.

As modernas cidades flutuantes em que os homens continuam sobre a superfície tranquila ou encapada dos oceanos, os dramas, os romances e os divertimentos fúteis de uma civilização que vive procurando se abstrair da vida; as colossais aeronaves, que cruzam a estratosfera, brincando com a lei de gravidade foram além, muito além de tudo o que imaginou e poderia imaginar este ou qualquer outro profeta do século passado.

Entretanto, esses e outros inventos da civilização e da mecânica servem agora, sob a égide de Marte, para transportar a morte, ou mais propriamente os meios de produzi-la, de um para outro continente.

Não era todavia apenas um visionário esse antigo companheiro das nossas horas de folga; grande era a sua capacidade descritiva, sabendo descrever admiravelmente a fibra e a tenacidade dos homens enfrentando os elementos.

Temas até hoje gravadas na memória as cenas árticas com toda a sua beleza grandiosa e todos os perigos que cercavam os heróis do "Captão Hateras".

Tudo isto nos ocorre ao depararmos com algumas fotografias das atividades bélicas nos mares árticos.

Vemos que a ousadia do homem do século XX, acirrada pela vontade de destruir e a preocupação de defender-se, não conhece limites. Não há obstáculos artificiais ou naturais que a detenham. Nas mais extremas temperaturas seus engenhos se movimentam audazes. A mecânica rompe triunfante pelas areias do deserto em fogo e a prôa dos navios quebra o gelo ártico que sempre apavorou os mais ousados navegantes.

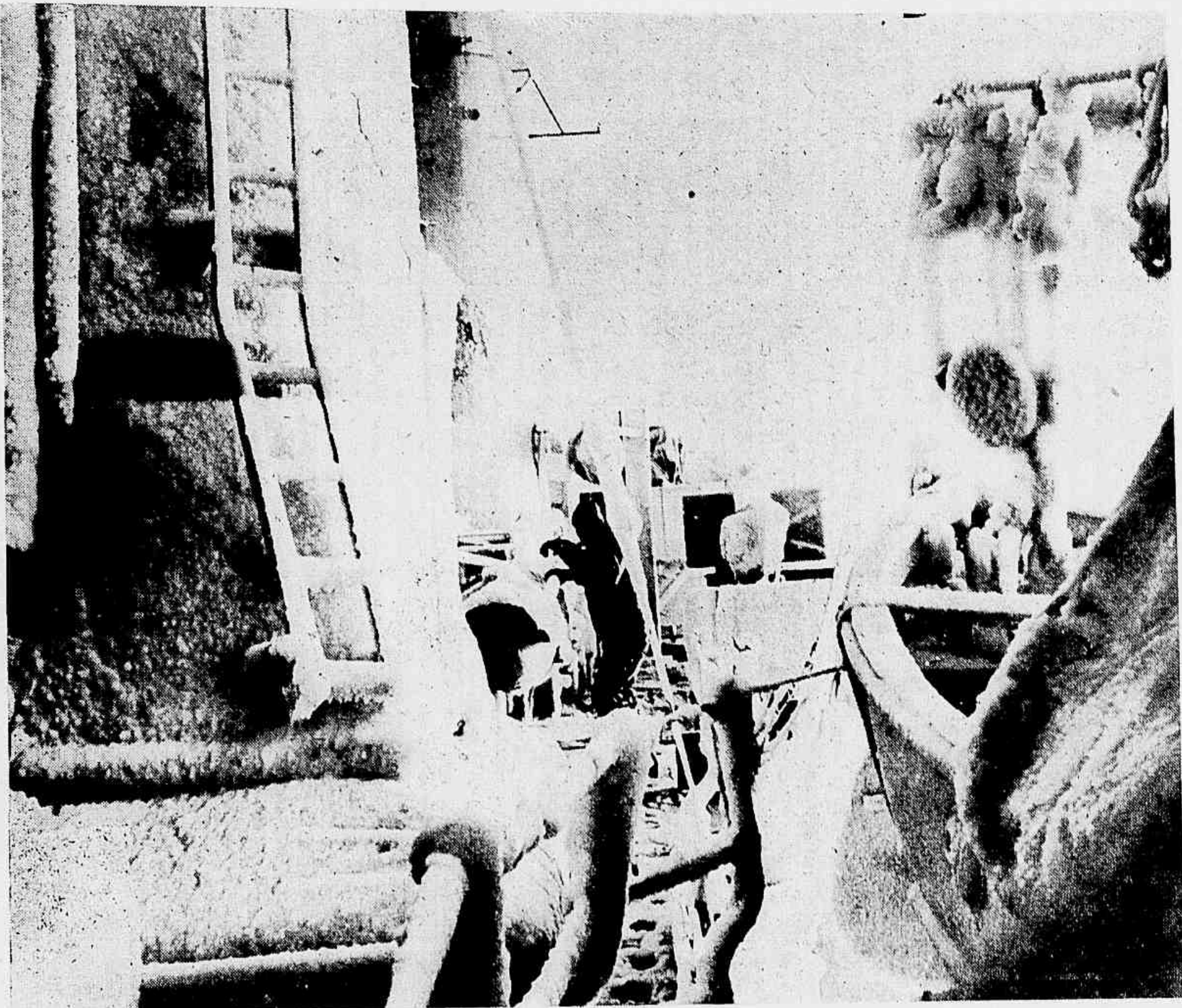
Essas regiões dos extremos do mundo que aparecem sempre á nossa imaginação, misteriosas e longínquas — expressões cuja visinhança é natural pois há sempre um certo mistério nas cousas muito distantes — voltam agora, mostrando a luta dos homens não apenas contra o elemento, mas também contra os seus semelhantes. Podemos vislumbrar o esforço tremendo que isto há de ser.

A neve cai ininterruptamente sobre os navios recobrando-os de uma alva mortalha, como se a natureza quizesse mostrar ao homem a necessidade de enfrentar definitivamente os seus ódios. Entretanto as tripulações removem a mortalha e das bocas escancaradas dos canhões continuam a sair golfadas de fogo como um vomito de morte.

Os homens enfrentam os gélidos eternos e o frio que paralisa a própria natureza não arrefece o ardor da luta. Os navios continuam singrando esses mares como fantasmas brancos num mundo de fantasia macabra, para a ronda da morte.

As fortalezas aéreas sobem à estratosfera onde suas asas ficam pesadas do gelo sobre elas acumulado.

Sob o gelo e a neve milhares de cadáveres de soldados com seus equipamentos, conservados pelo frio, ficarão como testemunhas da enorme carnificina do nosso século.



A navegação no inverno é difícil devido ao mar constantemente agitado, precisando ser marujo "de verdade" para se atravessar o tombadilho escorregadio. Na gravura, a tripulação de um cruzador em patrulha nas águas do Norte, limpando o gelo do tombadilho. Reparem nos trajés especiais dos marinheiros.



Embora encapotado de neve, S. M. o Canhão está pronto para latir e morder. Aparentemente, ele é inofensivo e dá mostras de ter entrado em férias, mas no momento oportuno o inimigo sabe que as coisas se passam de modo muito diferente. De, longe o gelo serve para despistar.

LOTES DE LINHO, MIXTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambraias, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
FONE 7-7669 — S. PAULO

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

PRISÃO DE VENTRE?



DOR DE ESTOMAGO?



Almanaque Eu Sei Tudo para 1944

OS BANCOS E A SUA FUNÇÃO SOCIAL NA VIDA DOS POVOS

de autoria do Dr. Vieira de Alencar, cuja importância se adivinha através deste substancial sumário:

"Visão panorâmica" — "Origem e evolução dos bancos" — "Classificação dos sistemas bancários" — "Bancos ingleses" — "Bancos franceses" — "Bancos alemães" — "Bancos norte-americanos" — "Atualidade bancária brasileira" — "Síntese e evolução dos bancos no Brasil" — "Bancos estrangeiros e sua nacionalização" — "Expansionismo bancário no Brasil".

A venda em toda parte.

Preço em todo o Brasil Cr \$ 8,00

Atende-se pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio.

Pedidos á

Cia. Editora Americana
MARANGUAPÉ, 15 - RIO.

39° A SÔMBRA



-Vou á fila do ônibus até chegar á fila da manteiga. Daí vou para a fila do querosene e depois para a da carne.



sigo depois para a fila do elevador para entrar na fila do sêlo.

Depois de tanta fila, vou ao cinema



e entro na fila do bilheteiro... Uf! Sou filante ou filado?



HEROÍ

De ROQUE CALLAGE
Ilustração de GOULART

Naquela hora de um ocaso manchado a sangue, no silêncio do galpão, entre largas baforadas de cigarro "criculo" e lentos chupões do excelente "amargo" de "barbaquá" Amancio rematava a sua narrativa, olhando, evocativamente, o fundo deserto da estrada que lá adiante morria entre córtes e atalhos.

— Pois foi assim, compadre... O homem morreu como um "valiente" que não se entrega ao primeiro gritol. Na ocasião do encontro, os companheiros já iam longe e o tenente lá ficou sóto, entregue áqueles bandidos!...

Era uma história comovedora, passada na campanha imensa, nos últimos dias da sangrenta revolução "farroupilha".

Terminára-se o combate de "Ponche Verde", onde as hostes heróicas da cavalaria de Canabarro, depois de um encontro violento, a cargas de lança e de fogo, cantaram vitória sobre as forças legalistas ao mando de Bento Manoel, o valente guerreiro bandeador que tanta perseguição deitára á república constituída de Piratini. Nesse dia memorável, um dos últimos feitos luzidos da longa campanha revolucionária, Jacuário Pedroso, um tenente de coluna do primeiro, desgarrára-se da grande parte da gente que, formando a retaguarda da força marchava, tomando distância, quebrando altiva, orgulhosa, embora exausta, um repentão de coxilha, prolongando a marcha sem uma direção determinada, até onde pudessem encontrar um pouso pacífico para acampar, sem o cuidado dos assaltos e emboscadas temerosas. Era o que cumpria fazer, com cautela, depois da notícia rapidamente espalhada de que Caxias mandaria reforço incontinenti, para oferecer combate decisivo áquela tremenda campanha travada em dez anos de heroísmo e loucura. Mas o guápo tenente, sempre alegre e garboso, em cima de cavalo ferido, pouco preocupou-se da distância tomada pelos companheiros. Havia sido permissão do comandante em chefe para, com o seu cabo ordenança, ficar atrás, afim de rebanhar cavalos e patriotas estraviados no ímpeto formidável da refrega.

Todavia, grande parte dos inimigos não se dispersára. Passado o momento terrível, conjugaram-se alguns pelotões de cavalaria. Ao longe já se ouvia o estampido das garruchas, o estrépito da cavallhada rebelde, em plena liberdade pampeana, na vasta solidão das coxilhas endulantes, onde jorrára sangue em meio dia de carnificina. Era uma força que se agitava, levantando poeira, em ansia de vindita. A ordenança que acompanhava o tenente revolucionário, lembrou-lhe o perigo, q

— Era bom atropelar. O seu tenente que se cuidasse, aquilo eram "bichos" na certa... Mas o oficial gracejou contra o mau prenuncio do camarada:

— Ora chô! Aquilo não era nada quando muito alguns guapécas perdidos... Depois, coragem, caremba! Que fôsse...

A massa, á distância, tomava já uma forma definida. Era realmente um esquadrão de lanceiros, a trote largo. O entardecer caía, lento e úmido, espalhando pelas solidões uma brutalidade de inverno carregado de vento e chuva.

As perspectivas sepultavam-se em brumas densas e o campo todo era uma vasta cerração, diluindo as paisagens e os vultos errantes dos animais.

A ordenança demorou ainda, para trás, o olhar ansioso, de uma acentuada timidez. Os "bichos" se aproximavam em tropél, volteando os lançantes da estrada. Ainda vinham longe. Mas o velho soldado de 35 quis afastar o superior daquelas frias idéias de descaso e de valente, lembrando-lhe o próximo termo da luta, coisas enternecidas do lar, o riso doce das crianças, a alegria comovedora da mulher saudosa, á frente do rancho, de olhos rasos de emoção, com os filhos agarrados á sãia, esperando o marido de volta dos campos de combate, são e salvo, carregado de honras e glórias, livre, talvez para sempre, da fúria impetuosa dos entreveiros...

— Qual nada! Isso são coisas... Inda tenho mostarda para muito tubiano sotrieta — respondeu Pedroso, abrindo um largo sorriso de indiferença nos lábios tostados pelo sol e pelo fogo. Acima de tudo estava a liberdade dos pagos, do altivo fogão gaúcho. Todo o seu íntimo mostrava o mesmo ardor de sempre, uma vontade decisiva de luta, de encontros decisivos, engrandecendo-se, cada vez mais, em favor da causa revolucionária que abraçara, desde o dia em que abandonou, por tempo incerto, a sua estância, no município de Bagé. O sangue da revolução, o ideal de uma liberdade absoluta, anunciada pelos arautos gauchescos, de pago em pago, de coxilha em coxilha, de serra em serra, emancipando o torrão querido da vontade prepotente do Império que estendia os seus braços de ferro até a última linha das fronteiras do sul, alteavam-lhe na alma indomável de revél a chama da revolta, o sonho da conquista, depurando-se, como resultado de todas as suas energias, um caudilho submisso, ás ordens de Bento Gonçalves e Canabarro. Com este último tomára parte no cêrco de Rio Pardo, na expedição de Lages, afrontando a iminência dos perigos, rompendo obstáculos de toda sorte, sempre na vanguarda das forças, ao lado do velho herói republicano. Naquele combate de "Ponche Verde" portára-se, então, com inextinguível denodo, até a última carga de lança contra as hostes inimigas, estendidas em linha de fogo cerrado.

O esquadrão de legalistas aproximava-se, pouco a pouco, picando os destroços da força vitoriosa que marchava sem ordem, como de volta de uma derrota. E ele não compreendia os motivos daquela perseguição depois de tamanha tunda que levaram.

Procurou com calma verificar a arma que trazia no coldre, quando ouviu, já próximo, a primeira detonação da espingarda inimiga. Não havia mais dúvida: eram "eles", realmente. Já não lhe restava mais tempo a perder, tanto fôra o descuido naquele resto de dia, á procura de estraviados e feridos no meio do campo. Puxou da sua arma, verificou a carga, a estabilidade do gatilho e atropelou o cavalo.

Os legalistas já vinham a cem passos, quando muito; os companheiros distanciavam-se a mais de meia légua. O perigo surgia intransponível. Contudo, "aquilo não havia de ser nada" dizia, e para a retaguarda alvejou duas vezes com a arma. Súbito, as rédeas lhe fugiram das mãos, vergando o corpo com vago gemido, na testeira do lem-

(Continúa na página 41).

◆◆◆◆



DE CINEMA



HOLLYWOOD, FEVEREIRO. — Os estudios cinematográficos estão sentindo os efeitos da mobilização de algumas de suas principais figuras. Sabe-se que a nova oportunidade para os mais antigos dá seus efeitos apreciáveis, mas enquanto Ronald Colman e o próprio Adolphe Menjou vivem, de novo, dias gloriosos em suas carreiras e isso importa na renda mais elevada de seus filmes, inegável é dizer-se que ninguém pode com eles, esquecer-se de um Robert Taylor, de um Tyrone Power ou mesmo de um Lew Ayres. O caso de Robert Taylor é sumamente expressivo. A Metro parece que vai reeditar os filmes mais antigos nos quais o atual marido de Barbara Stanwyck tomou parte, desde que não o terá tão cedo em seus domínios, e espera que a reedição desses filmes venha a dar compensações de bilheteria superiores às das produções mais recentes. Robert Taylor está definitivamente afastado dos estudios e não poderá voltar a eles tão depressa, a menos que obtenha alguma licença mais demorada, coisa não muito fácil. Os papeis de personagens desta guerra, por ele vividos, estão sendo desempenhados ao natural, na realidade cruciente mas cada dia de melhores expectativas, que é o conflito do Pacífico. Barbara Stanwyck também não voltará a filmar até que o marido seja devolvido aos seus braços. Ela pode dar ainda conta de seus derradeiros compromissos com os estudios, mas de qualquer modo e em caráter irrevogável rejeitará novos contratos. Ainda que sejam passados vários anos do matrimônio de Taylor e Stanwyck, é interessante reconhecer que eles se separaram, por motivo de guerra, como dois legítimos e carinhosos noivos. Seguindo o exemplo de Annabella, que também deu por encerrada sua carreira enquanto Tyrone Power servir à causa das Nações Unidas Barbara Stanwyck resolveu fixar residência fóra de Hollywood e não abrir seus sa-

lões até mais vêr. O exemplo dessas duas "estrelas" está sendo largamente aproveitado pelo Governo, para ser seguido por outros milhares e até milhões de mulheres cujos maridos não desfrutam a popularidade de Taylor ou de Power.

No entanto, não basta deixar de fazer filmes para servir à Guerra e por isso, tanto Barbara Stanwyck, como Annabella veem de apresentar-se às autoridades competentes, a primeira resolvida a servir na Defesa Passiva e a segunda disposta a tornar-se uma enfermeira competente e útil. Não é demais admitir que aproximadamente cinquenta jovens "estrelas", embora de menor categoria, já se alistaram para dar conta de qualquer serviço. E o mesmo acontecerá com numerosas outras se não fôsses os estudios, os princípios a impedir que isso aconteça, argumentando, até certo ponto com certa lógica, que a falta de material humano masculino já lhes dá prejuízos consideráveis.

Assim, si fôsse agravado com os elementos femininos, a indústria do filme americano sofreria ainda mais consideráveis e até mesmo calamitosos

Maria Montez, agora a senhora Jean Pierre Aumont, outra que não pode ausentar-se dos estudios. Estes tiveram o cuidado de a prender por um demorado co-

trato, e ainda para mais, e melhor, Pierre Aumont é francês. Na França já deu conta dos seus devêres militares e agora está livre e desembaraçado, a menos que espontaneamente resolva prestar novos serviços. Mas Pierre Aumont espera que a guerra termine sem o seu novo concurso, embora de maior necessidade, esteja pronto a servir de novo. Maria Montez é mexicana. O marido francês. Ambos são estrangeiros, dentro da América do Norte. E cada qual trabalha em seu estúdio distinto. Ela continua considerando-se a mais feliz e venturosa das esposas que o céu cobre... E Jean Pierre Aumont não se dá ao mau vêzo de alimentar ciúmes... Agora mesmo, Maria Montez acaba de filmar "Cobra Woman", com John Holl e Sabu. É a terceira vez que Montez e Holl se encontram num mesmo filme. Primeiro isso aconteceu em "Mil e uma noites", depois em "Mulher Selvagem". E a dupla aprovou tanto que a está na ativa, enquanto Pierre Aumont nos domínios da Metro, recebe declarações de amor inflamáveis de outras pequenas... Quando um casal se dá bem, nada disso tem importância. E se tem de se dar mal, não é preciso serem "astros" nem "estrêlas" da tela — essa é a grande verdade...

A mania dos autógrafos não contamina apenas os



que sejam estranhos ao "métier" cinematográfico. É puro e lido engano pensar que por ser ator ou atriz, um homem ou uma mulher não gostam de colecionar autógrafos... Rosalind Russell, por exemplo, tem esse mau (ou bom?) hábito, desde quando era ainda uma simples "fan" dos "astros" medalhões de antigamente... E encontrou em Virginia May, uma novata de muito merecimento, por sinal, outra incorrigível colecionadora de autógrafos. Um dia encontraram-se, Virginia pediu a Rosalind Russell que passasse o jamegão num retrato que havia conseguido do seu agente de negócios. Mas surpreendeu-se bastante quando ouviu, dos lábios de Russell, estas palavras:

— "Com uma condição: A de me dar, em troca, um retrato seu também com autógrafo..." E pronto, fez-se a permuta! Agora, cada qual está mais feliz. Rosalind Russell julga-se a maior colecionadora de retratos de artistas ainda desconhecidos. Quando lhe perguntaram por que se dava a esse esporte, respondeu:

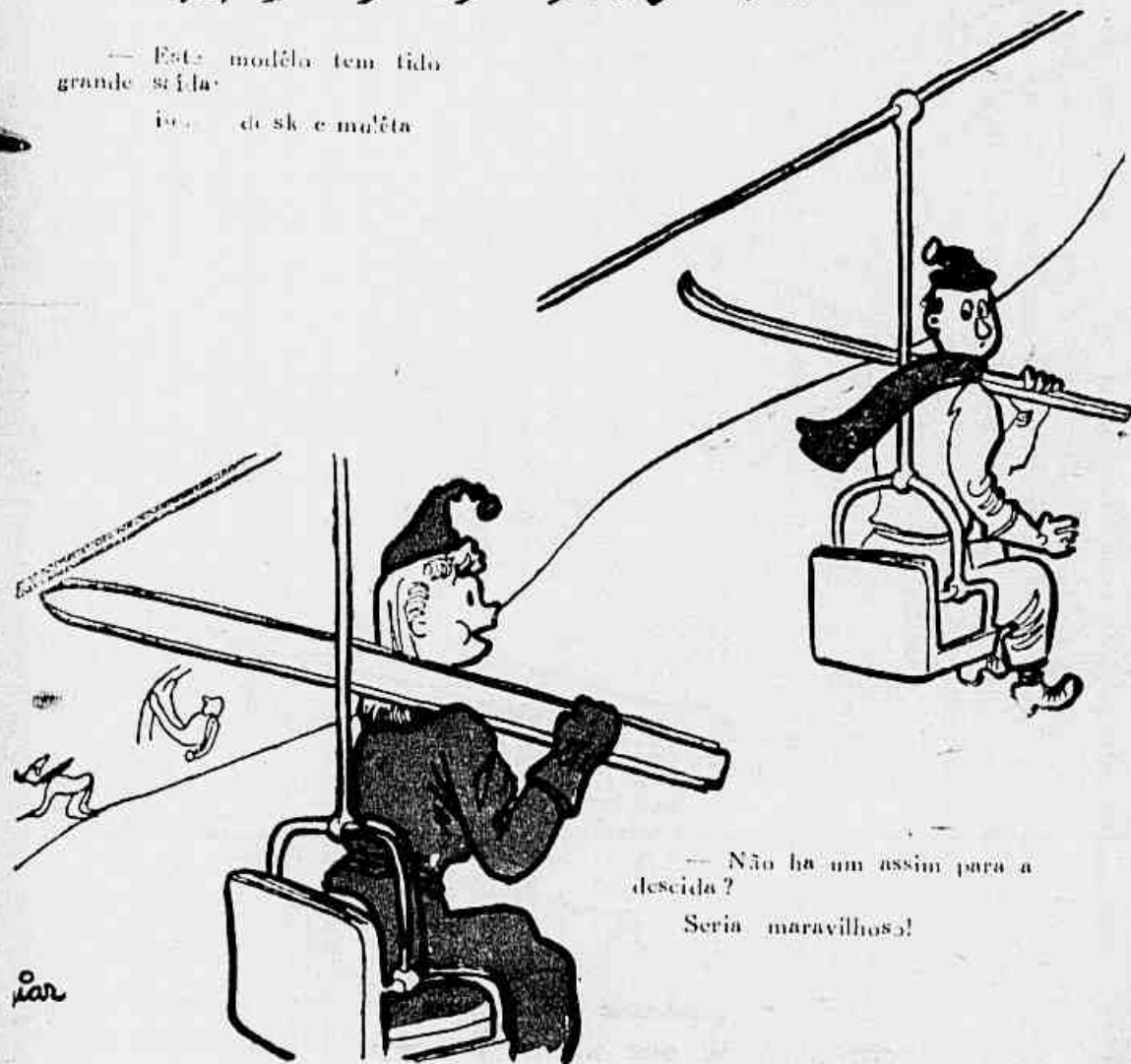
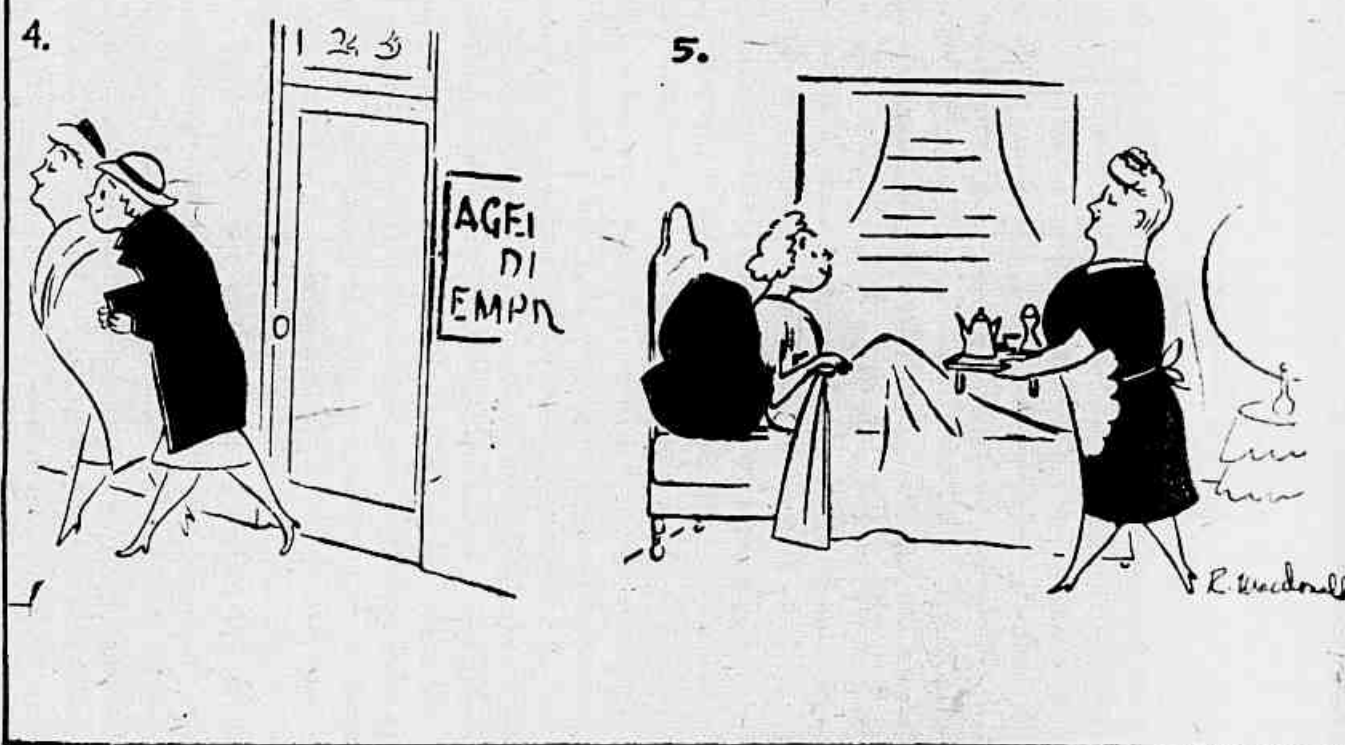
— Eles são desconhecidos hoje, mas amanhã podem ser notáveis... Eu não sei o que será de mim nessa ocasião, e por isso, trato de obter o retrato quanto antes. O valor será maior, depois...

Nestas páginas: Ao alto, à esquerda, duas pões de Robert Taylor, ao natural e vivendo um herói da atual guerra. A' direita, a senhora Robert Taylor (ou mais simplesmente: Barbara Stanwyck), a que não quer mais filmar enquanto o marido servir nas Forças Armadas. Em baixo, à esquerda, um pitoresco "croquis" de "Cobra Woman", com Maria Montez, Jon Holl e Sabu. Ao centro, Virginia May e o retrato autografado por Rosalind Russell.

DE BOM HUMOR...



— Este modelo tem tido grande sucesso.
— É de sk e malta.



— Não há um assim para a descida?
— Seria maravilhoso!



— Creio que podemos organizar uma festinha. Se você arranjar whisky, conseguirei algum gelo.



— É como digo, Leonardo: nós não temos temperamento para suportar ditadores.

O Crime do Djinn

Novela de FREDERIC BROWN

(Uma tradução especial para a REVISTA DA SEMANA)

A turma de psicologia do professor John E. Trent só conhecia complexos e perversões em teoria; era composta de um bando de rapazes e moças sadios e normais. Provava a debandada, mal tocava a campainha, sem se importar com a importância da frase que, ante a desercção, o mestre interrompia. Aliás, John Trent ensaiava, há vários anos para terminar exatamente no hora, mas era impossível. Sempre restava alguma observação interessante a fazer, mas a impaciência dos jovens não podia ouvir.

— Queria falar comigo, professor?

Trent voltou-se. Acabara de repetir-se a retrada estrepitosa do fim da aula, mas, desta vez, alguém ficara. Era Elizabeth Standish.

Trent ficou para ela, durante alguns segundos, sem dizer nada.

Ela empurrara para um canto os papéis dele, e se sentara em cima de sua mesa. Atrás dela, uma janela aberta deixava entrar o sol que iluminava os cabelos loiros, muito bem penteados.

Era um lindo quadro.

Si o professor fôsse menos versado em psicologia e se dedicasse, em troca, à prática de suas complicadas teorias, teria percebido, como qualquer de seus alunos, experientes em matérias de "pequenas", que a pose era intencional. Não que para um rapaz isso a desmerecesse; nada disso. Juntar-seia, nesse caso, à impressão, uma outra muito agradável e extremamente lisonjeira à vaidade masculina.

Trent, entretanto, lera tudo isto, mas, na prática, qualquer corista o enganaria com a maior facilidade.

Disse: — Sta. Standish, eu...

A moça o interrompeu.

— Não me chame senhorita. Meu apelido é Liz.

— Esta — retrucou, severamente, o mestre — é a atitude que a senhorita tomou desde que veio para a minha turma. E, também, a atitude que, desde então, tenho tentado, inutilmente, corrigir. A psicologia é um estudo sério; não comporta, de maneira alguma, as brincadeiras a que a senhorita se habituou e que, não só muito me penalizam, como me desagradam. Si espera ser aprovada nessa matéria, é necessário, antes de tudo, senhorita Standish...

— Já que não quer chamar-me Liz, diga Elizabeth. Esse "senhorita" me invoca...

Trent suspirou. Aquela moça dava-lhe mais trabalho do que todas as turmas a que lecionava, reunidas.

— Pois bem, Elizabeth. Escute, eu...

Fez uma pausa. Não sabia o que dizer àquela moça que, sentada sobre sua mesa, olhava-o sorridente, balançando as pernas no ar.

Nenhuma outra aluna sua o perturbava tanto quanto Elizabeth Standish. Isso, entretanto, era compreensível. A maioria pertencia a esse grupo feliz e despreocupado de moças bonitas que não presta atenção às aparências. Elizabeth, ao contrário, usava todos os artifícios para tornar-se sedutora. Tinha ares de "vamp", olhar audacioso, riso misterioso, trejeitos cinematográficos.

Era, também, um pouco mais velha do que a maioria das colegas. E, além de tudo isso, era muito inteligente. Extraordinária, mesmo, quando resolvia estudar.

Mas aquele seu jeito tão... (o professor procurava, na sua coleção de designações técnicas, uma que o qualificasse) tão feminino, tão intencionalmente feminino o perturbava. O professor, entretanto, não tinha tempo a perder estudando a feminilidade de Elizabeth Standish.

Ria-se dele, e ele o sabia. Fazia aquilo para zombar dele, para obrigá-lo a fazer um papel ridículo. Sim, porque, refletia ele, não podia ser a sério que o provocava. Ele era dez anos mais velho do que ela e...

Achou melhor interromper as divagações e recomeçou a falar.

— Sta. Standish... isto é... quero dizer... Elizabeth...

Uma tosse seca, perto da porta, distrau-o. Quem seria? De qualquer forma a interrupção era bem-vinda. Virou-se.

— O senhor é que é o professor Trent?

O tom da voz era sepulcral, mas condizia com o aspecto do homem, de pé, junto à porta. Alto e magro, pálido, vestia-se como um agente funerário.

— Sou eu — disse Trent. — Posso ser-lhe útil em alguma coisa?

O homem alto deu um passo à frente.

— Disseram-me que o encontraria aqui, que o senhor terminara sua última aula de hoje. Meu nome é Glosterman, Harvey Glosterman. Ouvi dizer que o senhor é especialista em ciências ocultas.

— Não é bem isso, sr. Glosterman — replicou Trent. — Minhas pesquisas no campo da psicologia me levaram a estudar o fenômeno espírita...

— Professor — interrompeu o outro — é sobre isso mesmo que o procuro. Sei que o senhor pode me ajudar. Professor, meu

ILUSTRAÇÃO DE HILDEU



"Vê o sinete?" perguntou Glosterman.

irmão desapareceu em circunstâncias muito misteriosas. Eu acho que foi o djinn.

— Hein?

— Posso estar enganado. Mas ele abriu a garrafa. Disso tenho certeza. E o conteúdo...

— Mas isso é um caso para a polícia, sr. Glosterman. Seguramente, não há, no que me conta, relações com fenômenos de espiritismo. E que tem uma garrafa de gin a ver com o desaparecimento?

— Não é gin; é djinn.

— Perdão!

— D-J-I-N-N — soletrou Glosterman. — Djinn. Ele o trouxe da África do Sul, numa garrafa de barro com o sinete de Salomão. Ontem à noite quebrou o jarro. E... Bem, desapareceu!

O professor Trent esforçou-se para não revelar impaciência. Quando se certificou

de que se tinha controlado, falou em tom de quem explica a matéria a um aluno pouco inteligente.

— Sr. Glosterman, é preciso que o senhor saiba que há uma grande diferença entre fenômenos espíritos e pura superstição. O djinn nunca existiu. É uma lenda oriental, aliás, e não sul-africana. Si seu irmão desapareceu não acredite absolutamente que esse jarro tenha alguma relação com o fato. Sugiro, novamente, que o senhor se dirija ao departamento competente da polícia.

— Mas eu não posso fazer isso... Meu irmão, si soubesse, não haveria de querer isso. Creio que ele está tentando comunicar-se comigo. Morreu, com certeza, e quer me mandar uma mensagem do Além. Preciso da sua ajuda, professor. Eu imploro que me ensine como poderé receber a mensagem, como ouvir o espírito que me chama, porque eu sinto que ele me está chamando.

— Como? — Era Elizabeth, que interrompera, interessada. — Como é que o senhor sabe que ele está tentando comunicar-se com o senhor?

— Eu ouço as pancadas. Não é mesmo com pancadas, como um código Morse que as almas se manifestam aos vivos? Mas eu não consigo formar nenhuma palavra.

as mensagens não tem sentido. E é por isso que eu queria pedir encarecidamente ao professor que me prestasse o seu auxílio, que me ajudasse a traduzir a comunicação.

Olhou, com ar de quem implora, para o professor.

— Doutor, eu estou disposto a pagar o que o senhor exigir, dentro das minhas posses. Não sou pobre e meu irmão é... era muito rico. Espero que o senhor não se recuse a ajudar-me, a ajudar-nos...

O professor suspirou. Virou-se para Elizabeth:

— Sta. Standish, pode retrair-se. O assunto que nós estávamos discutindo pode ser adiado.

Ela olhou-o com ar inocente.



Mas, professor, eu não quero ir-me embora. Não tenho nada que fazer hoje. E si o sr. Glosterman não se importa eu queria ajudar.

E distinguiu o homem alto com um sorriso de fazer perder a cabeça a um santo.

— Sr. Glosterman, O senhor não vê nenhum inconveniente nisso, não é? Eu tenho muita vontade de ajudar no que puder. Estou muito interessada no espiritismo. Ahá, tenho estudado muito estes fenômenos. Muito interessantes. Há quem diga, mesmo, que eu poderia ser médium. Eu já fiz uma experiência, sabe? E aconteceram coisas muito estranhas.

Trent pasmava diante da volubilidade e a semcerimônia com que ela se intrometia em assunto que não lhe competia e depois tinha a coragem de mentir escandalosamente, inventando que estudara o espiritismo e até que tinha força para servir de médium.

Mas, como raciocinar depois de um sorriso daqueles, calculados para virar a cabeça de um mortal? Glosterman perdera até um pouco daquele aspecto de fantasma, diante do semblante radioso da moça.

— Com muito prazer, senhorita. — Completou depois — Estou certo de que o auxílio que a senhorita vai prestar é inestimável. Fico-lhe muito agradecido.

A recompensa não se fez esperar, e desta vez o sorriso foi mais provocante. Glosterman estava conquistado. Trent sabia bem que, daí por diante, o que fizesse para Glosterman seria dirigido por Elizabeth. E, pode parecer estranho, mas não lhe desagradava a idéia.

Elizabeth continuou: — E, além disso, mesmo que o professor Trent esteja ocupado de mais para ajudá-lo, terei muito prazer em tentar comunicar-me com seu irmão.

O professor Trent apanhou o chapéu, que guardava na última gaveta da mesa, surpreendendo-se com a pancada forte com que fechou a porta. Era sua intenção coisa muito diferente. Mas o barulho que fez ecoou no silêncio da sala, e embaraçou-o. Glosterman olhou-o, espantado, e Elizabeth, com um sorriso zombeteiro, amaldiçoando-se por ser tão desastrado, ele disse: — Terei muito prazer em ajudá-lo, sr. Glosterman.

O carro de Glosterman, estacionado perto da entrada da universidade, era, pelo menos, adequado ao dono; do tipo que os agentes funerários usam para acompanhar os enterros que organizam.

— Vamos para a casa que o meu irmão alugou — disse Glosterman ao pôr o motor para trabalhar. — Ele desapareceu lá... e foi lá também que se deu o fenômeno a que me referi. É na Avenida North Wayne 6530.

— Um bocado longe — comentou Trent. — Não seria bom que o senhor fôsse contando alguma coisa sobre o seu irmão?

— Chama-se John. John Glosterman. Meu primeiro nome, já lhe disse, é Harvey. Somos gêmeos mas não muito parecidos. Ele é mais baixo do que eu e mais pesado. Nós dois já nos aposentamos. Eramos ambos comerciantes. Ele tinha um negócio de pedras preciosas e semi-preciosas. Os seus passatempos favoritos eram a entomologia e as coleções.

— Mas, coleções de que? — perguntou Elizabeth. — Espero que não fossem coleções de velhas garrafas com espíritos dentro. Uma coleção de djinns.

— Bem, era coisa parecida. Ele colecionava objetos que tivessem relação com alguma superstição primitiva. Velhos ídolos, gongos dos espíritos, máscaras, tambores — e outras coisas do gênero. Ele viajava muito.

— O senhor disse, si não me engano, que ele estava de volta de uma viagem à África do Sul?

— Chegou há alguns dias. Alugou a casa na avenida Wayne até voltar para a sua casa, que estava em obras.

— Compreendo — falou Trent. — Mas não acha que para um espaço de tempo tão pequeno seria mais aconselhável um hotel?

— John não gostava de hotéis. Era um pouco excêntrico, professor Trent. Preferia ficar só. Tinha alguns criados mas só durante o dia. À noite todos iam embora e ele ficava sozinho.

— Hum... — murmurou Trent — isso nos dá uma idéia sobre ele. Ainda fazia transações comerciais?

— Bem, ele concluiu as atividades, mas tinha o seu capital a administrar; uma série de emprêgos de capital que verificar, por isso não se pode dizer que tivesse deixado de todo de fazer negócios. É verdade que o advogado trata da maior parte dos casos e ele fica livre para se dedicar a seus passatempos favoritos.

Trent balançou com a cabeça como quem se mostra esclarecido. Perguntou, em seguida: — O senhor considera seu irmão supersticioso? Era essa a razão que ele tinha para colecionar tais objetos?

— Supersticioso? Nada disso. Ele era tão supersticioso como eu.

— Ah! mas... E essa história da garrafa de djinn?

— Era uma garrafa de barro muito antigo, muito antigo mesmo. Havia, pelo lado de fora, inscrições em árabe, informando que continha um djinn aprisionado. E a rolha estava lacrada; sobre o lacre havia uma inscrição denominada o selo de Salomão.

— Triângulos equiláteros superpostos. Conheço. Mas como foi parar este artefato árabe na África do Sul?

Glosterman encolheu os ombros.

— Os mais antigos mercadores de escravos foram os árabes; talvez um deles o trouxesse. Eis a casa.

Entraram com o carro, que parou junto à porta de entrada. Na frente do automóvel já havia um outro com dois homens. Ao aproximarem-se Glosterman, Elizabeth e Trent, os dois saíram e um deles, muito gordo, disse: — Olá, sr. Glosterman. O senhor chegou na hora.

— E respondeu Glosterman. — Sr. Standish. Professor Trent, este é o advogado de meu irmão. Meu, também, aliás. É este o Johnson, empregado de Wolters. Pedir-lhe que viessem também; nós vamos revisar os papéis do meu irmão para ver si há alguma coisa que possa.

O advogado sorriu.

— Sr. Glosterman, não está bem certo de que desaparecimento do seu irmão foi voluntário ou não. No primeiro caso, ele não quer que a polícia tenha conhecimento do fato; no caso contrário...

— Exatamente — interrompeu Glosterman. — É claro que eu poderia ter revisado sozinho mas não seria legal. O sr. Wolters, entretanto, tem procuração de meu irmão.

Wolters assentiu.

— Trouxe a chave, Johnson? — perguntou ao ajudante, um rapaz magro e alto, de cabelos lisos.

— Está aqui — respondeu Johnson. Abriu a porta com a chave a que estava amarrado um pedaço de cartão com alguma coisa escrita.

O hall era espaçoso e bem iluminado. Era a sala mais alegre de toda a casa.

Glosterman dirigiu-se para a porta à esquerda.

— Ele usava esta sala para gabinete. Si existir o que procuramos, deve estar aí. Começemos, pois, por esta sala.

Elizabeth segurou o braço de Trent ao entrarem na sala. Murmurou: — O senhor acha realmente que... Oh! Aquela deve ser a garrafa do djinn.

Bem à vista, em cima da mesa, estava — bom, o professor achou que parecia mais um vaso. Glosterman dissera garrafa, mas parecia mais um vaso.

Tinha um pé de comprimento, era de base quase redonda, afinando para cima. Parecia muito velha, e era evidente que fôra partido. Partido recentemente e restaurado com cola. Ao lado do vaso, encontravam-se um pincel e uma garrafa de cimento líquido.

— Vê o sinete? — perguntou Glosterman. — Os dois triângulos. John disse-me que era o sinete de Salomão. Disse que ia abri-lo. Não acho que acreditasse realmente que continha um djinn, é claro, mas...

— Mas o que? — perguntou Elizabeth. — Mas para quebrar o lacre... Era... bem, a garrafa era leve, por isso, ou não continha nada ou... para que fazer a experiência?

— Hum! — fez o professor. — O selo tinha uma inscrição em árabe. Ele lia árabe?

— Não. Mas mandou traduzir. E sabemos que os disticos informavam que a garrafa continha um diâma chamado Idêbe e que era muito perigoso. Havia um aviso, ou melhor, uma ameaça para quem tentasse abrir o selo.

— Quebrar a garrafa devia ser igualmente grave — disse Elizabeth. — O senhor acha que ele fez isso de propósito?

— Acho que não. No caso de querer abri-la não teria tirado a rolha.

— É lógico — interrompeu o advogado. — Ou está vazio ou não estava. Si não estava... Bem, devia estar. Mas os únicos djinns que existem hoje são aprisionados em frascos muito menores: bala de revólver. Bem, mãos à obra. Começemos pela mesa. Johnson, você examine as gavetas desse lado, que eu me encargo deste.

Glosterman virou-se para Trent com um encolher de ombros. — "Stata multo" — disse — mas acho melhor esperarmos que eles acabem para... para começarmos. Precisamos silêncio e... e é absolutamente necessário que estejamos a sós.

Saíram do gabinete deixando o advogado a examinar os documentos com o empregado.

Trent perguntou: — Quando viu seu irmão pela última vez, sr. Glosterman? E quando percebeu que ele tinha desaparecido?

— Foi eu quem o ajudou a instalarse aqui, ante-ontem. Deixei-o aqui... nunca mais o vi. Ele acabava de chegar e tinha alugado esta casa para morar temporariamente. A garrafa de barro não estava quebrada então. Percebi que ele a segurava com cuidado e perguntei-lhe o que era, e pela maneira que ele falou, vi que não acreditava na história do djinn, mas não queria fazer experiências. E, como o sr. Wolters observou, nada tinha a ganhar... si quisesse tirar a limpo a história. Eu descobri que desaparecera ontem à tarde. Toquei a campainha aqui da casa e não obtive resposta.

— Não chegou a entrar?

— Não. Da primeira vez, não. Voltei mais tarde na mesma noite. Não havia luz e ninguém atendeu à campainha. Esta manhã pedi a chave emprestada ao sr. Wolters e entrei. Olhei em torno e vi a garrafa quebrada. Foi então que ouvi as batidas do espírito. Fiquei muito preocupado.

— Que espécie de... — começou Elizabeth, mas Trent interrompeu.

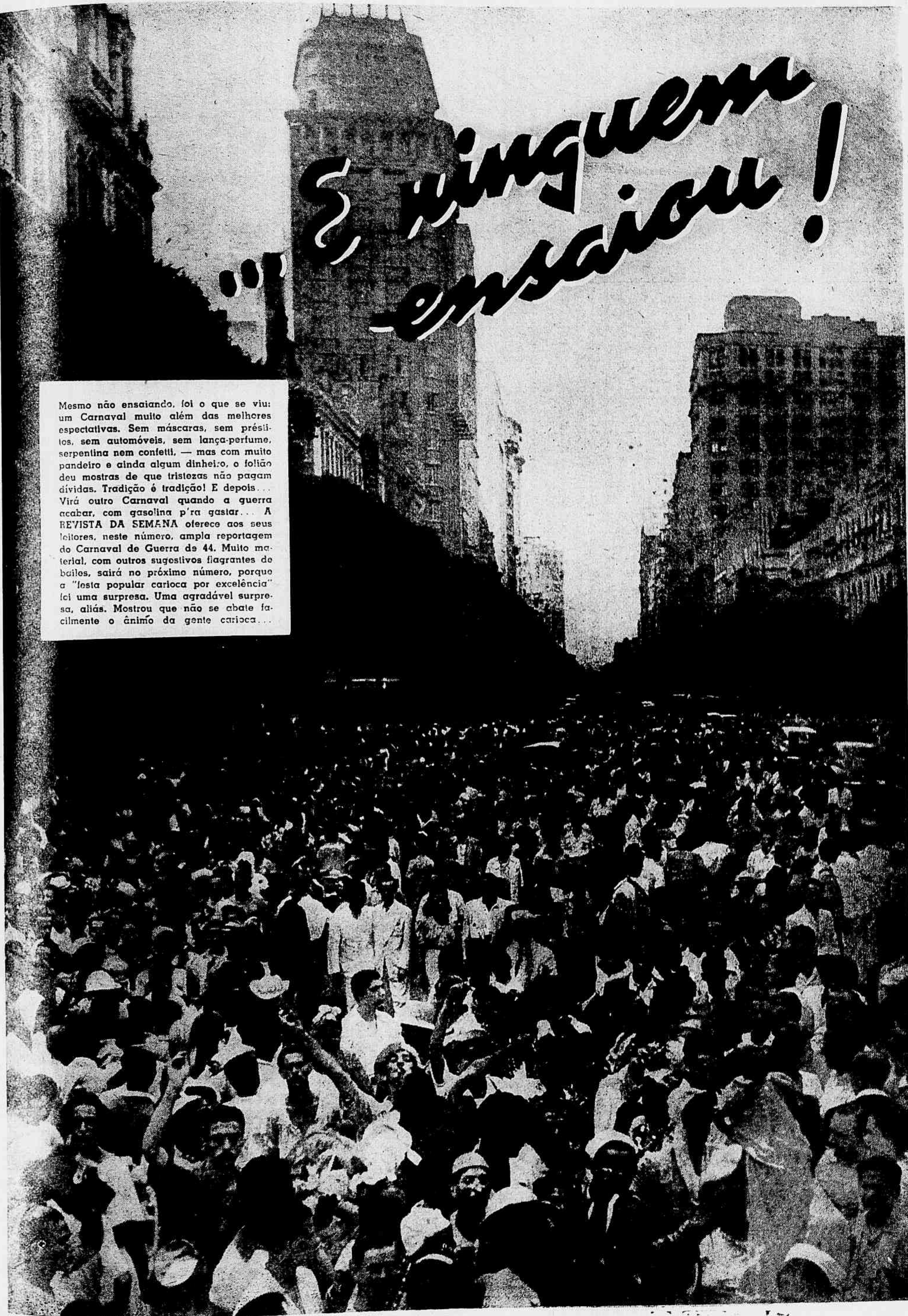
— Então voltou ao escritório de Wolters e marcou esse encontro aqui. Resolveu em seguida, pedir que eu viesse. Não foi assim?

— Exatamente. Por motivos muito diferentes, está claro. Quanto às batidas... Eu estava no gabinete. Comecei a bater

(Continua na pag. 42)

Ninguém ensaiou!

Mesmo não ensaiando, foi o que se viu: um Carnaval muito além das melhores expectativas. Sem máscaras, sem préslios, sem automóveis, sem lança-perfume, serpentina nem confetti, — mas com muito pandeiro e ainda algum dinheiro, o folião deu mostras de que tristezas não pagam dívidas. Tradição é tradição! E depois... Virá outro Carnaval quando a guerra acabar, com gasolina p'ra gastar... A REVISTA DA SEMANA oferece aos seus leitores, neste número, ampla reportagem do Carnaval de Guerra de 44. Muito material, com outros sugestivos flagrantes de bailes, sairá no próximo número, porque a "festa popular carioca por excelência" foi uma surpresa. Uma agradável surpresa, aliás. Mostrou que não se abate facilmente o ânimo da gente carioca...





O "SUJO" DO INTERNACIONAL

Deu a nota de sensação o "sujo" em muito boas condições que o Internacional de Regatas fez desfilar pelas ruas do centro da cidade. A turma, como se vê nos aspectos reunidos nesta página, estava disposta a provar que o Carnaval de rua não morrerá enquanto houver, pelo menos, os foliões daquele tradicional clube esportivo. Outros "sujos" apareceram, mas esse, em "grande estilo", foi o que atraiu as maiores atenções do público...

No Clube Ginástico Português

De noite da Esplanada viveram horas de intensa alegria e entusiasmo, por ocasião do baile do Ginástico, outra festa cheia de tradições e encantamentos do Carnaval carioca. Aqui estão alguns grupos colhidos.





NO BOTAFOGO

O tradicional baile de sábado gordo, no BOTAFOGO F. CLUBE, manteve o brilho e o realce que lhe são característicos. Muita alegria, muita música e muitas fantasias bonitas, prevalecendo os índios (Tapa... Tapa... Tapajós...)





NO FLUMINENSE

No Fluminense, o Carnaval de 44 não fez feio. Pelo contrário. As gravuras reunidas nesta página são apenas uma amostra do entusiasmo reinante nos salões de Alvaro Chaves. E agora... quantas saudades!





BAILES INFANTIS

A reportagem da REVISTA DA SEMANA
pode colher, em quantidade, esses
flagrantes das "matinées" infantis em vários salões cariocas. Palhaços, elegantes,
baianas, "cow-boys", Tapajós, para todos os gostos...





Tres bailes animadissimos --

Ac alto, no Clube de Regatas Flamengo, baile em homenagem á REVISTA DA SEMANA, que ali recebeu inumeras homenagens. Ao centro, flagrante obtido no Sindicato dos Medicos, onde o "brinquêdo" esteve infernal. Em baixó, nos salões da Bola de Ouro, um ligeiro intervalo nas danças e "cordões," que se prolongaram até madrugada alta.



O tradicional BAILE DAS ATRIZES realizou-se, este ano, no Teatro Carlos Gomes e esteve animadíssimo. Ao alto, coroação da Rainha das Atrizes, América Cabral.



Três bailes movime tados: Ao alto, no Club Municipal. Ao centro, no America, F. C. Em baixo, no Clube dos Funcionários do City Bank.



O GRANDE BAILE DO TIJUCA

Para um realce maior nos festejos carnavalescos do presente ano, não faltou o baile aristocrático e animadíssimo do Tijuca, na noite de segunda-feira. Como se vê pelas gravuras acima, houve fantasias bonitas vestindo gente bonita — e o resultado foi uma noite que agora desperta saudades.



NO CLUBE MILITAR — Ao alto e o grupo ao centro, instantâneos obtidos pela nossa reportagem nos amplos salões do Clube Militar, outro reduto tradicional do Carnaval carioca.

NO AUTOMÓVEL CLUBE DO BRASIL — O grupo inferior, as duas fantasias que o ladeiam e, ao centro, a fantasia com os cinco "ases", flagrantes dos animados bailes do Automóvel Clube.



Ao alto, flagrantes da "matinée" infantil no Tijuca. Ao centro e ao lado, fantasias avulsas. Em baixo, festa de Carnaval da Associação Atlética Brasil Açucareiro, promovida pelos funcionários do Instituto do Açúcar e do Alcool.

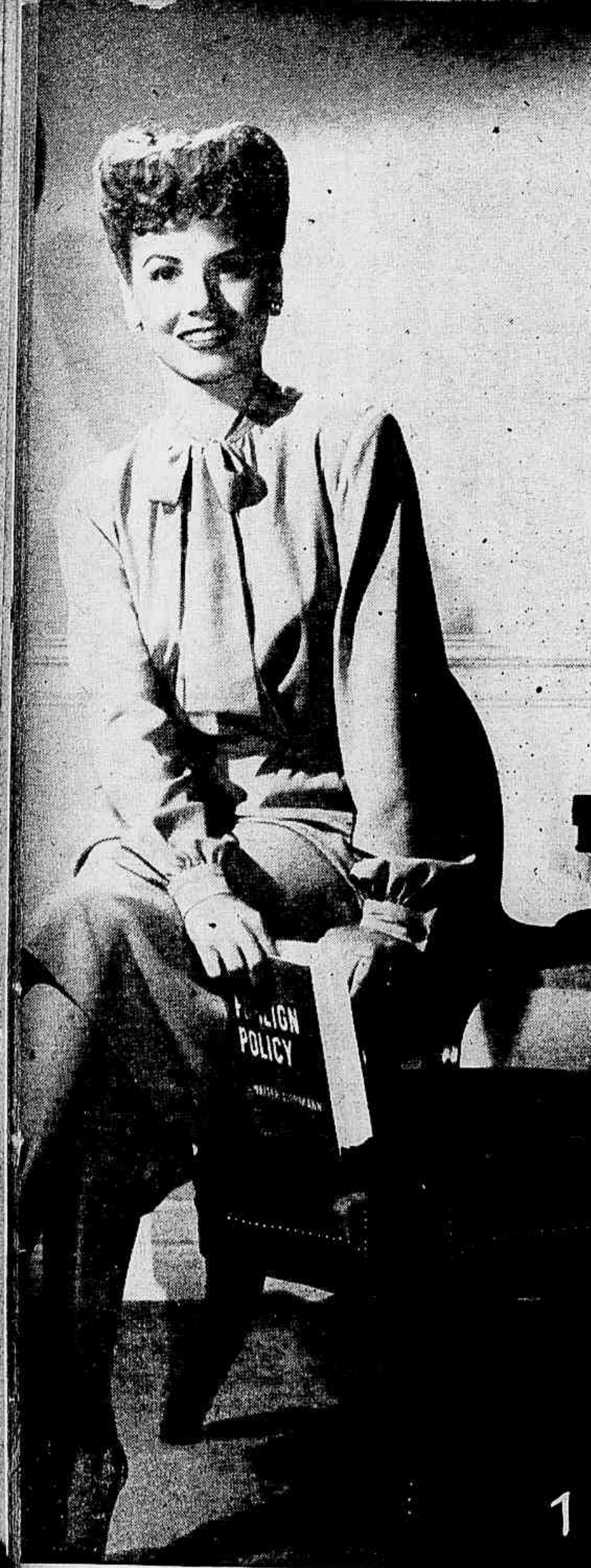


O Jockey Club mundano



Os aspectos que reproduzimos acima são expressivos flagrantes apanhados pela reportagem fotográfica da REVISTA DA SEMANA, no hipódromo da Gavea, numa tarde de corridas.

Esta na consciência, no coração
não na indumentária. Esta é guiada
mais pela *estética* na manifestação do
gosto pessoal.



Como se vestem as Estrelas

Janet Mackenzie

- 1 — Elegante e sóbrio este vestido em seda lilás roseo, com grande laço do mesmo amarrando numa graciosa gravata.
- 2 — Gracioso costume, casaco mais curto, com um babadinho plissado ao redor da gola. O estampado é alegre e a saia em *godet* amplos para baixo.
- 3 — Branco e preto é a combinação deste bonito vestido de mangas amplas *bouffantes*, laço metade branco, metade preto.
- 7 — Esta encantadora Cheryl Archer é um dos modelos infantis mais notáveis de Hollywood. Aqui a vemos com uma blusa de linho com listas azues e brancas e uma saia branca com pregas na frente.



Não é uma mulher que esteja hoje muito preocupada com as coisas do mundo, muitas delas trabalham ativas e diretamente em um corpo auxiliar qualquer, mas importante. Todas sentem que isso, hoje, é o seu meio de vida natural, não fazem a menor ideia de que precisam manter porque as mantêm por sua própria vontade. Trabalha na Cruz Vermelha, prefere lutar de suas próprias forças, não quer o que assistiu em Pearl Harbour, onde estava, e não quer o ataque, a responder a qualquer coisa que venha da Hollywood.

Não quer a sua elegância pessoal; não poderiam fazer o porquê de suas *lans*, o que nenhuma, decerto, se reveria a uma compreensão geral, uma compreensão nitida de circunstâncias que amplificar os problemas do povo, mesmo o doméstico e a influência tem na economia do lar. A americana, não faz gastos supérfluos porque isso não fica bem. Ela revolve a mala das rendas, vidrilhos, coisas dadas, e não se dá ao trabalho de fazer novas confecções. Elas que, todas, têm a inteligência suficiente para transformar coisas em coisas úteis, mas os vestidos longos são naturalmente mais usados, mas os vestidos curtos são mais práticos e não são dispendiosos, mas os vestidos adotando para os casinos e outras coisas elegantes.

A América, numa imensa colmeia, organizada de maneira que todos os seus membros adquiram um senso de responsabilidade com o mundo, e cada cidadão, dentro de sua esfera, está vivendo. As mulheres substituem os homens e as crianças substituem as mulheres, formando uma grande cadeia que não deve ser quebrada.

Assim, é impossível abordar o assunto *moda*, sem encaixá-lo no ritmo de vida desta.

A moda, então, não é um motivo de luxo e contínuas renovações, isso não; ela é uma necessidade, suas linhas mais recentes são absolutamente necessárias. A maior exigência da mulher de hoje é justa-mente que ela seja prática e esta a palavra mais usada atualmente; aliás, o traço característico da moda, em geral, é esse mesmo senso prático e, com essa característica, ela consegue verdadeiros milagres e ajustando as coisas a uma determinada época, que equilibra bem todas as necessidades da hora presente, é essa a melhor maneira de estar na *Moda*.

4—Ha uma tendência dos grandes costureiros para os frangidos e drapados atrás. Sobretudo Molyneux está introduzindo essa inovação. Aqui temos um desses modelos com o drapado na blusa formando laço; veste-o Leslie Brooks da Columbia.

5—Esta é a pequena — prodígio Margaret O'Brien da Metro, aquela de *Sublime Alvorada*. Veste uma tala estampada com suspensórios enfeitados de uma côr só, a blusa é de cambreia com *piqué*. Chapéu-touca de feltro.

6—Elegante *robe*, com a blusa em rosa flôr de péssago e azul-cobalto. Sandalias douradas.

8—Um lindo *pijama* em quadriculados, calças em *godet* amplo, sandalias de arminho.





M O D E L O S

4 Vestidos bonitos, com bordado inglês e festonné. A moda do bordado está valorizando a *toilette* feminina. As tunicas estão voltando e são bem graciosas.



DA SEMANA

De seda branca, bordado *ferloné*, com as rosaceas que enfeitam o cinto também em *ferloné*, franzido dos lados somente na sua *godet*.
 Em seda bege-amarelo, bordado inglês na gola e nos grandes bolsos aplicados, e debruado com *roulouté* da mesma fazenda fazendo os laços de gravata e cinto.
 Este também é em bordado inglês, *peau d'ange* branco, bolsos embutidos, gola *godet* cindo em ligeira drapado nos ombros.
 Neste o bordado desce em forma de casaquinho até às ancas, pala dos ombros em bico na frente.

A ESTRANHA AVENTURA DO BARÃO DE PRADÉYLES

Conto de PIERRE BENOIT

Não resta dúvida que era possível fazer com mais inspiração que é a narração das estranhas circunstâncias que custaram ao barão Pradéyles, com a sua cadeira de deputado da Seine-Inferieure, a posição e a estima que trinta anos de serviços parlamentares lhe haviam grangeado no seio do partido conservador. Mas seria inútil procurarmos quem o igualasse na eloquência e na perfeita dignidade de tom que convenceram todos que tiveram a ventura de escutá-lo deslindando a verdadeira razão do seu extraordinário caso.

Não faltando a verdade, — começava sempre o honrado deputado, — lembro-me perfeitamente que, naquela manhã de 30 de janeiro de 1875, não pressentia a importância que aquela data, ia representar para o meu país e para o mais humilde dos seus servidores. Como de hábito, levantei-me às sete horas. O tempo estava chuvoso. Barbeei-me, vesti-me e passei ao meu gabinete de trabalho para uma última demão no discurso que devia ler naquela tarde na Assembleia. Consistia numa interpelação sobre as manobras demagógicas exercidas nos centros mineiros por certos membros da esquerda muito em evidência. Sentia-me bem humorado. Às dez horas, sou a campainha. Era o marquez de Castelmoron, deputado do Lot-et-Garonne. Vinha informar-se confidencialmente de um conciliábulo que se realizara na véspera, na casa de nosso colega M. de la Rochotte, entre os representantes de todos os grupos da direita, dispostos a lutarem nas próximas eleições contra a insolência cada vez mais forte do radicalismo.

Reconheço o valor do sufrágio universal. Acho também que os partidos da ordem devem usar de todos os meios, de todas as armas — legais, bem entendido — que têm à mão para conseguirem os seus fins. A mais importante é o voto, e crime seria não nos servirmos dela.

— O duque de Broglie, representante dos monarquistas, e Raoul Duval, representante dos bonapartistas, estão conosco — disse-me o marquez de Castelmoron, mostrando-me a ata da reunião da véspera. — E M. Thiers? — Mostra-se um tanto reservado, mas podemos estar certos da adesão de Mgr. Dupanloup e de M. Barragnon. — São verdadeiras garantias de sucesso, respondi. Se quiserdes podereis deixar comigo os autos, para que possa estudá-los com mais atenção. Devolvê-los-ei esta tarde, na Assembleia.

Ele concordou. Falámos então de minha interpelação. Li-lhe as principais passagens do exórdio e todo o discurso. Declarou-se encantado. Às onze horas partiu, deixando-me os preciosos autos. Antes, já tínhamos combinado um encontro para as duas menos dez da tarde, no "buffet" da "gare", porque o trem que levava os deputados a Versalhes, saía, como de costume, a uma e cinquenta e cinco.

Mme. de Pradéyles, um pouco gripada, pediu que o seu almoço fosse servido no quarto. Almocei só, muito simplesmente, convém dizer. Até o momento em que deixei o hotel, nada se passara que pudesse ter perturbado minhas idéas que jamais estiveram tão claras.

Da rua Moscou, em que eu morava, até a "gare" de Saint-Lazare, são uns dez minutos. Andando, ia rememorando o meu discurso. Assim, pareceu-me que certos trechos, certas passagens não estavam bem fixas na memória. Resolvi rever essa parte nos trinta minutos que me restavam ainda antes da partida do trem. Para não ser interrompido nas salas de espera, formigantes de políticos e jornalistas, seguí à esquerda, e fiquei num local afastado. Sentei-me num banco, atrás do depósito das bagagens. Uma enorme barreira de caixas de mercadorias e cestos de aves domésticas defendia-me contra os importunos de toda espécie. Abri a pasta, tirei os papeis e, num instante o mundo exterior desvanecera do meu pensamento.

Trabalhei assim um quarto de hora. De repente, um violento apito fez-me erguer a cabeça e olhar o relógio. Percebi, então que não estava só. Sentada num banco em frente, uma creatura fixava-me com exqu岸ita obstinação.

Era uma mulher. Justificava o amplo abrigo que a cobria a chuva que caía desde manhã. Uma espécie de capuz de fitas cor-de-groselha sombreava-lhe a face; no entanto, consegui adivinhar traços de grande finura naquele rosto moldurado por esplêndida cabeleira e, principalmente, dois olhos, dois olhos escuros que possuíam incomum fulgor.

Pareceu-me sentir um ligeiro mal-estar; não percebi, porém, de que espécie. Confundido por aqueles olhos impiedosos, sem ter podido ir ao relógio que antes me chamara a atenção, baixei a vista sobre os papeis que folheava ao acaso, tentando criar ânimo e retomar o trabalho tão estranhamente interrompido.

Agora devo abrir um parêntesis para declarar o que mencionei ao começar. Desde que me levantara, de manhã, encontrava-me no gozo de perfeita lucidez de espírito. Nenhuma emoção extraordinária viera turbar meus pensamentos. Almoçara sobriamente: nada de álcool, nada de estimulantes nem excitantes de espécie alguma. Apenas um cálice de licor doce, feito de ameixas. Naquele instante mesmo, apesar da rápida hesitação que referi, observei que os pontos essenciais do meu discurso estavam bem nítidos no meu cérebro. Então — por mais fantástico que pareça — tentei, em vão restituir ao texto o seu sentido. Nada mais consegui. As linhas dansavam diante dos meus olhos, as idéias baralhavam-se, fugiam. Aflito, procurei concatenar os períodos principais. Não o consegui. E o pior era que eu tinha certeza de não o poder conseguir, porque sentia parados em mim aqueles olhos terríveis.

Soaram os três quartos no relógio. Havia tempo ainda para levantar-me, fugir desse canto maldito, para ir tomar o meu lugar no trem repleto de políticos e jornalistas. Porém, assim não o fiz. Positivamente uma vontade mais imperiosa substituíra a minha, uma vontade que eu sentia capaz de me arrastar aos mais incriveis desmandos.

A voz do barão de Pradéyles perdia a firmeza á medida que evocava as impressionantes peripécias. Enxugando a testa, prosseguiu:

— Sempre neguei a existência das influências ocultas, das fôrças hipnóticas. Devo, porém, abrir um segundo parêntesis para demonstrar-lhes que há fatos que só se podem explicar com a intervenção dessa natureza. Peço desculpas da antecipação de pontos menores que o superior interesse da verdade força-me a dar. Há vinte e oito anos que sou casado e sempre fui eleito para diversas assembléas que se sucederam. Pois bem, proclamo-o, alto e bom som, que nunca faltei aos meus deveres de esposo e de deputado. A este quarto de século de fidelidade conjugal e parlamentar, convém acrescentar a minha idade — eu tinha então sessenta e três anos — uma grande ponderação de caráter, um pouco de arteriosclerose, uma perfeita calma de espírito. Certo, pois, pensar que eu seria das últimas pessoas sujeitas a uma tal aberração dos sentidos. No entanto — era inegável — naquele instante estava sob o domínio da misteriosa desconfiança. Tive a intuição perfeita de que se ela dali não se movesse eu também ficaria preso àquele banco, fundindo no mesmo esquecimento todos os partidos da Assembléa. Si, porém, ela se levantasse, eu a seguiria...

— E ela levantou-se!

Não nego que, chegado a este ponto da sua história, o velho orador, outrora tão aplaudido, não visasse um tanto o efeito, mas realmente o instante era pungente.

— Levantou-se! Por um segundo tentei reagir num supremo esforço. Ah! esforço inútil. Eu já estava de pé, metendo, às pressas, meus papeis na pasta, não querendo perder de vista a enigmática serena que, rápida, tomou a direção da saída. No portão, deparei um colega da extrema esquerda, o doutor Clemenceau: — Eh, Pradéyles, está na hora! — gritou-me com sua voz alegre. Não sei o que lhe respondi. Eu já estava na escadaria externa da "gare", orientando-me na chuva e no vento, às voltas com o guarda chuva que teimava em não abrir. Os elementos em furia. Um pequeno regato de água suja corria aos meus pés. Enchi-me de coragem... Nesse momento souo um apito, último apêlo do trem que partia. "Alea jacta"! Eu passara o Rubicão.

Ambos separados agora, por uns trinta ou quarenta passos, patinhávamos na enlameada rua Saint-Lazare. Ela, mais misteriosa que nunca, envolta no seu agasalho, parecia deslizar sobre o solo, espécie de fada inatingível, vago e mudo perigo que eu temia e desejava a um só tempo, sombra diáfana que se perdia com o nevoeiro nascente. Maldição! Meus colegas iam cumular-me de ultrajes pelo não cumprimento dos meus mais sagrados deveres de deputado. Olhar preso na silhueta, eu apertava mais ainda o passo...

Uma frase veio-me à lembrança, uma frase que se me tornara familiar por ouvi-la muitas e muitas vezes da boca do meu velho amigo Tocqueville, "Vede, Pradéyles, dizia-me com sorriso algo triste, não deve mostrar tanta severidade com o M. ou F... Na vida dos melhores aparecem êsses momentos de fraqueza contra os quais em vão se tenta reagir." Pobre e querido Alexis! Como naquele momento eu compreendia a exatidão de sua sabedoria, na hora em que sentia os tempos eram chegados, a minha crise chegara.

As avenidas se sucederam mais e mais estreitas. Naquela lúgubre noite de inverno a escuridão era mais intensa pela cerração que me gelava até os ossos. Meus pés estavam encharcados, a rua que seguíamos parecia querer galgar os céus.

Tão íngreme subida esbaforia-me. A velha esma, que eu cria curada, manifestou-se de novo. Terrível situação a minha. Meus sofrimentos físicos nada eram comparados às torturas morais que me assaltavam. Na verdade, não previa ainda todas as consequências daquele deplorável desatino, mas, com limpidez estonteante, certos perigos já me assediavam. Via M. Buffet subindo para a curul presidencial, instalando-se com a sua habitual dignidade; depois, com um toque de campainha, autoritário, pronunciava: "Recebi um pedido de informações sobre a atitude inativa do senhor ministro do interior com respeito aos incidentes que assinalaram as recentes greves de Uza e de Parentis. Está com a palavra o senhor barão de Pradéyles". E todos os olhares convergindo para o meu lugar, entre Lucien Brun e Fourtou, que se mostrariam surpresos da minha ausência. E aquele lugar, sempre ocupado, vazio, vazio em semelhante circunstância... Frio suor escorria-me da fronte. Quasi me caiu das mãos a pasta. Uma rajada de vento engolfando-se no guarda-chuva comprometeu meu equilíbrio. Neste momento, tinha eu atingido o fim da rua; achava-me em frente de uma loja cujas luzes se acendiam, a loja de um negociante de vinhos. Por espaço de um segundo vi minha imagem refletida num vidro. Ah! meus amigos, em que estado! Pálido, arrebatado, enfiado! A visão foi mais forte que todas as reprimendas que eu me não cessava de dirigir. Parei. Acabava de dobrar a esquina da rua; dei um salto para a esquerda e escapei à fascinação, quebrei o encanto, era livre... Pois bem, neste instante, minha condutoria que até agora não me olhara uma só vez, virou-se. O! o olhar daquele demônio! Aniquilado, arrazado, segurei com fôrça o guarda-chuva, apertei contra o peito a pasta, e me abandonei à minha sorte, navio ao léu que vai de reboque.

Quanto tempo andamos assim? Quem o saberá jamais? Errávamos agora num labirinto de estranhas ruelas. Os transeuntes eram cada vez mais raros. E não ganhavam em qualidade o que perdiam em quantidade. Muitas vezes esbarrei em inquietadores vultos que se afastavam com gargalhadas, ou pragas meconhas. As casas davam a impressão de unir-se no alto, sobre as nossas cabeças. A noite caíra de repente. De espaço a espaço, um bico de gaz lançava sua luz fraca e amarelada sobre o chão úmido, tornando mais negros e mais sinistros ainda os largos intervalos de trevas. Pendentes de quasi todas as portas, felizmente, grandes lanternas com vidros coloridos vivamente supriam a luz dos lampeões.

Tropeçando em montões de lixo, escorregando em detritos, chapinhando nas poças de lama, não sei como não quebrei o pescoço mil vezes. Em dado momento, acreditei que não iria muito além. Sentia-me sem ar, os pés inchados pesavam-me como chumbo, as têmperas batiam com risco de se romperem. Os vidros de cores vivas das lanternas, cobertos de letras negras, turbilhonavam loucamente diante dos meus olhos numa fantasmagoria kaleidoscópica. Julguei que ia cair de joelhos na lama fria. No mesmo minuto, porém, afigurou-se que a distância que me separava da minha guia era menor. Mais alguns passos...

Sim, sim, eu tinha razão! Lá estava, imóvel, diante de uma porta baixa, o vulto da mulher, bem em baixo de uma grande lanterna verde, ornada com um gigantesco, grosseiramente desenhado. Ai de mim! pude eu então compreender a atrás zembalaria daquele inofensivo numero.

Apertando a custo o passo, alcancei o enigmático fantasma no momento em que, com um ruído de ferrolhos e de correntes a porta, girando nos gonzes, encerrava um buraco negro. Aquelas circunstâncias todas teriam atuado no espírito dos mais valentes. Repentinamente, veio-me á memória a sinistra história que numa noite de inverno de 1837 ou 1838, Vicleore nos contára na Prefeitura de Polícia, a M. de Remusat e a mim: uma emboscada dos carbonários a dois membros da Câmara... e creem-me! Lembrava-me da descrição do bairro onde o crime fôra perpetrado. Arrebatado quiz recuar. Tarde demais. Ua mão pousou-me no hombro: "entra ou não entra?" murmurou uma voz que me pareceu trazer um vago hafo de "ratatata". Trar puz a soleira cambaleante. "Pendura o sobretudo no vestibulo." Cbedeci ainda. "Trepere-me cinco minutos no salão." Assim falando, minha guia abriu uma porta á esquerda e me empurrou para o salão.

Peça baixa, bastante grande. Quando meus olhos se acostumaram á escuridão, percebi várias mesas de mármore, como um café. Nas paredes alternando-se, tapetes e pinturas a fresco que me pareceram bastante licenciosas. Não as observei, aliás. Meus receios, desde alguns momentos, vinham tomando forma... Inesperadamente um jato de luz inundou-me o espirito: os documentos, a ata da assembléa do partido conservador, eram aqueles papeis que eles desejavam. Eu fôra atraído ali para me terem os documentos que deviam estar no bolso do sobretudo. Traição! Traição! Felizmente, abri a pasta. Alí estavam eles juntos com os outros papeis. Risquei um folheto e, em dois tempos, queimei-os sobre o mármore de uma das mesas. Depois, nada mais tendo a defender sinão a vida, inconsciente do risco que havia em fazer um movimento qualquer naquele antro, sei sorratamente pelo vestibulo, manejei o ferrolho e as correntes, e, abrindo bruscamente a pesada porta, precipitei-me na rua. Atrás de mim, a porta bateu com estrondo.

Pareceu-me ser perseguido. Atrás de mim, escutei perfeitamente gritos abafados e um chamado distante.

Com uma rapidez extraordinária, uma velocidade que eu mal previa um momento antes, quando subia o meu terrível calvário, liberto aliás do guarda-chuva e do sobretudo que tinham ficado nas mãos dos meus inimigos, eu cortava a escuridão numa desabalada corrida. Esbarrei num sujeito e meu chapéu caiu. Não parei. Apertava de encontro ao peito a pasta que continha meus papeis parlamentares salvos milagrosamente.

Como um bôlide, atravessei uma serie infinita de ruas, ruas estreitas a princípio, a seguir um pouco mais amplas, depois mais largas ainda. Agora eu alcançara um verdadeiro "boulevard". As vitrinas cintilavam. Um onibus buzinou. Numa pedreira, alguns vagabundos jogavam o dominó. Enchi-me de coragem e diminuí o passo. Ergui a vista para a placa azul sob uma lampada: "rue des Martyrs" — Horror. — Eu voltara ao meu ponto de partida.

Um fiacre passava. Tomei-o. "Gare Saint-Lazare!" — disse ao cocheiro. O homem, porém, desconfiado de meu aspeto, exigiu adeantado o preço da corrida. Minha carteira ficara no sobretudo. No bolsinho da sobrecarta, por felicidade, encontrei algumas moedas. Exatamente na hora em que punha o pé na plataforma, um trem es-

○ Novo Salão de Modas da Casa José Silva



Para receber as suas distintas clientes num ambiente de conforto e elegância, criou a Casa José Silva um luxuoso salão de modas que instalou no 2.º andar de seu edifício. Realizado em linhas modernas e animado de um colorido simpático o novo salão de Modas da Casa José Silva tem o mais variado e completo sortimento de artigos para senhoras; vestidos, blusas, lenços, echarpes e ainda sob a direção de uma hábil confeiteira está a seção de costumes sob medida. A Casa José Silva aguarda e agradece a visita de mesdames e mesdemoiselles ao seu Salão de Modas.

tava partindo. Ainda consegui tomá-lo. Após tais aventuras, esse instante de repouso foi para mim o paraíso. Assaltou-me, porém, imediatamente, mais forte que nunca, a ideia fixa de que algo — não sabia o que — se passara naquela tarde na Assembleia, na minha ausência, algo de irremediável, de definitivo...

Versalhes! — Em menos tempo que se leva para pronunciá-lo eu descera do vagão. Ganhei os portões do Palácio... e, num lapso de tempo minhas peores apreensões se confirmaram. Da sala das sessões, num medonho clamor, uma torrente humana saía. Assustado, vi que a onda ia esmagar-me. Desprotegido no meio do tumulto escutava, tentando entender, saber enfim, meu Deus!... E eis que fiquei desalentado: uma palavra terrível palavra, uma palavra bem além das mais sinistras previsões que minha excitada imaginação supuzera, uma palavra voava de boca em boca. Gritavam-na, hurravam-na agora aos meus ouvidos. E, no entretanto, eu queria ainda duvidar. Subitamente agarraram-me o braço. "Ahl meu pobre amigo, meu querido Agener, você, você agora! — Que houve? — arquejei, reconhecendo meus dois velhos companheiros de combate: Chesnelong e de Pradines.

— Que houve? A você deveríamos perguntar, desgraçado! Ausente, numa oportunidade destas... Vamos, vamos. Nossos amigos não aguentarão sua pesca, exasperados como se encontram!... Puxaram-me para um canto, á parte. E ali, num segundo delataram-me tudo. Aproveitando minha ausência, ausência conseguida por ignominiosos meios, os partidos da esquerda, em fileiras cerradas, haviam dado o assalto. Um deles, M. Salton, subiu á tribuna e fizera a maldadada emenda... Ah! tudo fora magistralmente calculado. Era irreparável. A República fora votada, votada, votada pela maioria de um voto.

A emoção por demais forte cortou a palavra ao barão de Pradeyles. Lágrimas anuviaram o olhar do velho lutador. Refez-se, entretanto e, com aquela tristeza, com aquela dignidade de que em vão se procuraria semelhante nos nossos recintos parlamentares do hoje, prosseguiu:

— Ha necessidade de explicar as funestas consequências desse voto para o nosso país? A França rebaixada no exterior, aviltada no interior, todo o cortejo de leis cedidas. Quanto a mim, vencido nas eleições que se seguiram pelo candidato radical, carregado pelos amigos, escarnecido pelos inimigos, considerado como velho sem valor, como velho mulherengo, que sei mais!... Continuo, porém, fiel ás minhas ideias e princípios, na esperança de que o dia não está longe, o dia em que se verá a destruição de um regime que para assegurar a sua vitória, não se envergonha de recorrer ao proxenetismo.

HERÓI

(CONTINUAÇÃO DA
PÁGINA 15)

bilho aperado. Um ferimento! a consequência fatal de um descuido!... A ordenança, esporeando o matungo, á rédea solta, precipitou-se, á frente, aos gritos de "já se vieram!"

Só então, quando se sentiu traído pela imprudência da sua não desmentida coragem foi que Januário Pedroso compreendeu, claramente, a seriedade do perigo. O es-

quadrão aproximava-se em fragor, para cair sobre aquele homem só, abandonado na coxilha deserta. Outros tiros dispararam, errando o alvo. Uma bala zuniu-lhe pela orelha. Argamassou-se ao cavale, era um vulto só, correndo, desenfreadamente já não havia mais tempo de carregar a pistola. Uma resolução brusca fê-lo parar subitamente. Sabia que dali não escaparia. Era chegada a ocasião: restava lhe morrer como homem... A certeza da morte o convenceu da inutilidade da fuga. Nenhum companheiro tinha que corresse em seu auxílio. O próprio erro da ordem fugira em melhor cavalo, diante do primeiro sinal da força que se aproximava. Desembainhou a espada com a mão ferida e apeiou-se do "douradilho" exausto, seu fiel companheiro de guerra, também, como ele, vítima do alvo certo das balas. E foi uma luta tremenda e incarnizada! Todo o esquadrão ali estava, cercando-o, num delírio inaudito. — Matem-me como homem, bandidos. Cruzou o ferro com os primeiros que se achegavam, numa destreza única, que surgia momentânea e violenta, obrigada pelo instinto de conservação até os últimos momentos da vida. A espada vibrou varias vezes, várias vezes recuou, ferindo, defendendo-se, com indomável coragem. Conheciem-lhe o nome valente respeitado em toda a campanha revolucionária. Por isso mesmo cuidavam todos os seus passos, até aquele encontro cruel, onde o apanharam, já ferido, mas lutando, lutando sempre, até onde a sua força o conduzisse.

— Comigé é isto aqui no mais — gritou um oficial e um tiro certo o jogou ao solo, num arranco desesperado de vida. Entre bravos e vivas, um sargento lanceiro cravou-lhe a lança na pupila direita, — e de novo seguiram á cata de outros inimigos desgarrados no esfumado traço da tarde que morria.

Retorcendo-se, num retesamento de nervos, em espasmos mortais, convulsionando-se, dolorosamente, na hemorragia das feridas, o velho tenente republicano ainda balbuciou um "viva" á liberdade gaucha, um "viva" soturno, cavo, saído das profundidades dilaceradas de sua alma de patriota, levada até ás ráias dos heróis idealistas e medievos, pela alucinação de uma esperança, pela exaltação de uma crença impotente...

Uma ansia de desespero arancou-lhe um último suspiro, morrendo com o seu próprio sonho de liberdade no fundo abandonado da coxilha, ao lado do seu velho cavalo, pingardeado também pelo desespero das cargas inimigas!

Um a um, baixavam, dias depois, os cervos para o repasto que oferecia aquele soldado infeliz. Eram amontoados tumultuosos de sombras negras a precipitarem-se no cadáver, destruindo, a bicadas, o corpo que se putrefazia ao sol sobre a terra que foi seu berço e seu tumulto.

E aquela reunião de asas sinistras, esvoaçando, ali ao lado, na êrma solidão do pampa, formava uma estranha bandeira negra, cobrindo um herói anônimo num adeus derradeiro...

COPA E COZINHA

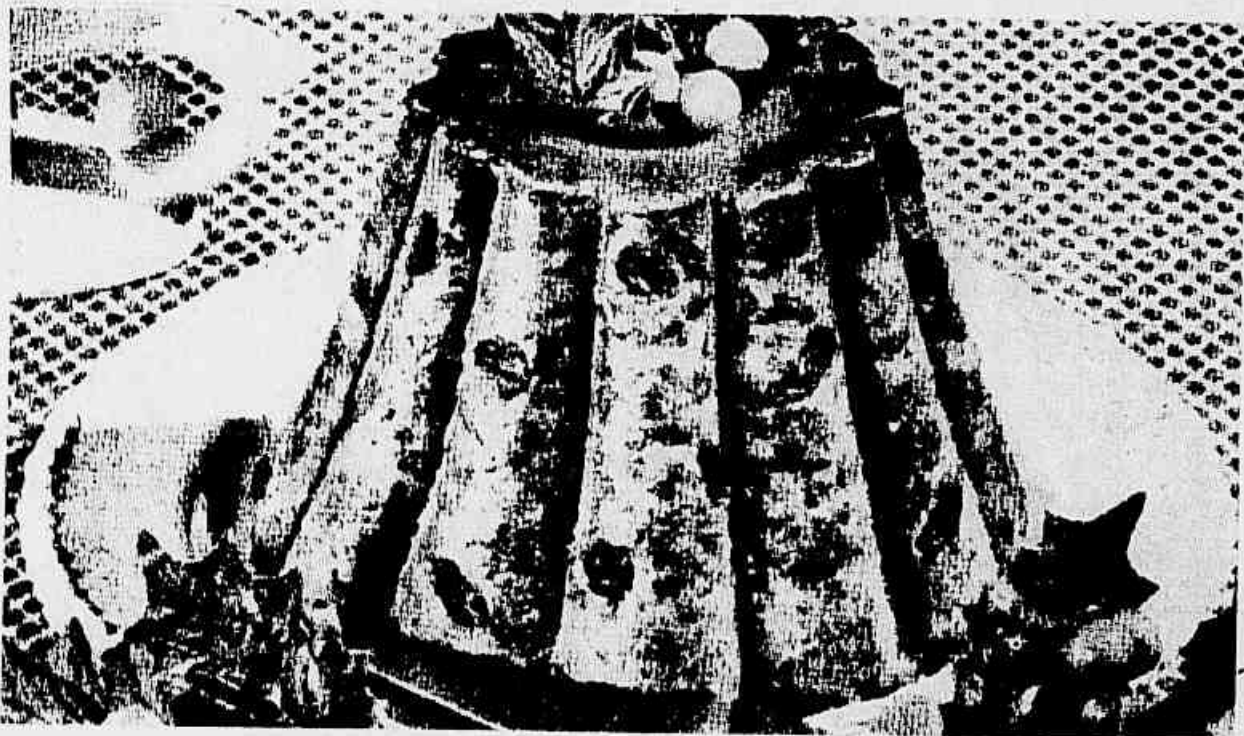
Mme. RISOLETA

O PESSOAL DE SERVIÇO

A doméstica propriamente dita é, na verdade, a mais privilegiada na classe do pequeno trabalhador. Ganha um salário mínimo de 120 cruzeiros, tem direitos amplos dos quais abusa à vontade; do salário não gasta sinão para vestir-se, pois tem casa e comida, vida confortável, além de regalias extraordinárias. A funcionária, embora de família modesta, nunca o será tanto quanto a cozinheira; precisa ter habilitações para seu emprego, tem que andar vestida decentemente, bem e lçada; gasta transporte, lanche e muitas vezes almoço; ganha um salário mínimo de 350 cruzeiros e precisa fazer força para garantir seu tempo de serviço. Até neste particular a outra é mais feliz, pois não só não tem obrigações legisladas, como também, com a maior facilidade e sem nenhuma razão, deixa a patrão com as panelas ao fogo. As obrigações do seu cargo ela mesma as determina; não entrará na fila do leite, não carregará embrulhos, não irá ao armazém; os seus direitos: telefone bom, quarto, folga cedo nos domingos e feriados, etc... Inefável!

Ha tanta sociedade feminina de beneficência! Ninguém melhor me parece para estudar o caso e promover uma legislação equitativa. Também seria útil que se fundesse uma escola técnica para profissionais domésticas. Ensina-las nas atribuições de seus diversos cargos e sob uma orientação de ética profissional, como se faz nos grandes países, elas se tornariam mais eficientes e mais conscientes de seus deveres.

PEIXE DE FORNO — Limpe um peixe de bom tamanho. Faça um n.º olho com um dente de alho socado, limão, sal e pimenta; esfregue o peixe com o n.º olho pondo bastante por dentro; deixe-o ficar aí uns 20 minutos. Faça um bom refogado com azeite,



cebola verde, salsa, cebola, tomates e pimentões; tome uma forma untada com manteiga, ponha dentro o peixe, despeje por cima um pouco do azeite do n.º olho, ponha ao redor batatinhas miúdas e leve ao forno; quando estiver quasi assado, despeje o resto do refogado e uma colher de manteiga. Sirva quente com arroz.

BOLINHOS DE BATATA — $\frac{1}{2}$ quilo de batata cozida e passada na máquina; junte-lhe 1 colher de manteiga, 2 ovos inteiros, 1 colher de farinha, 1 colher de queijo ralado e presunto passado na máquina; misture tudo, passe em farinha de rosca, ovos, e frite em banha quente.

BIFE SANDUICHES — Corte o d.º bro dos bifes necessários, bem finos, bata-os bem e deixe-os ficar uns 10 minutos em vinha d.º alho, corte fatias de salame ou presunto; metade das fatias cortadas para os bifes; bata dois ovos. Vá passando cada bife no ovo e farinha de rosca, ponha no meio de dois a fatia de presunto ou salame, passe novamente em ovo e farinha de rosca, e frite.

SALADA DE LEGUMES — Cozinhe em água e sal feijão branco, ou favas, ervilhas, ovos e batatas, deixe escorrer bastante; prepare à parte o molho, misture em $\frac{1}{2}$ xícara de azeite 1 colherinha de açúcar, 1 gema; depois de bem batido junte 1 dente de alho esmagado, sal, pimenta e vinagre, e ponha os legumes na saladeira 1 hora antes de servir; corte rodela de tomate e ovos duros, ponha em cima e finalmente despeje o molho.

PUDIM NOVIDADE — 1 envelope de gelatina pura; $\frac{1}{2}$ xícara de água fria; 1 caixa de passas de uva; $\frac{1}{2}$ caixa de tâmaras; $\frac{1}{4}$ caixa de nozes picadas; $\frac{1}{4}$ colherinha de baunilha; 5 colheres de chocolate; 2 claras; $\frac{1}{2}$ xícara de açúcar; sal; 1 xícara de leite.

PUDIM NOVIDADE — Cozinhe as frutas secas dentro do leite, duas fervuras; junte-lhe o chocolate com parte do açúcar e dissolvido com um pouco do leite. Dissolva a gelatina em água fria e junte a massa do chocolate batendo até unir bem; junte o açúcar e o sal, continuando a mexer; retire do fogo e deixe esfriar, quando começar a esfriar ponha a baunilha e as claras bem batidas, ponha em forma de pudim passada em água fria. Enfeite-se com uvas e põe-se a gelar.

MESBLA

SECÇÃO RELOJOARIA

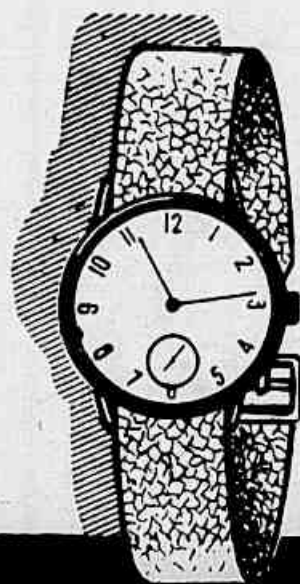
RELÓGIOS SUIÇOS

Garantido

ÂNCORA 15 RUBIS
AÇO INOXIDÁVEL

RECLAME Cr\$ 245,00

Preços Especiais para Revendedores



RUA DO PASSEIO, 48/54 RIO
R. VISC. RIO BRANCO, 521 NITERÓI

O CRIME DO DJINN

(Continuação de pág. 20)

na mesa, um hábito que eu tenho quando estou nervoso. E responderam.

— Está seguro de que não foi eco?

Sim. Si eu batia uma vez, a resposta vinha: uma batida; duas vezes, duas batidas; mas sempre demorava de mais para poder ser eco. Parecia partir do armário.

— Procurou ali?

tunidade de cometer uma fraude tão proveitosa?

Glosterman hesitou.

— Meu irmão já deixou os negócios há bastante tempo. Portanto... Não vou fazer esta pergunta possa esclarecer alguma coisa. Entretanto... bem...

— Compreendi — atalhou Trent. — Posso dar umas voltas pela casa?

Glosterman assentiu. Trent entrou pela cozinha com a intenção evidente de ir só, mas Elizabeth acompanhou-o.

— Professor, por que cargas d'água o senhor cismou de fazer perguntas tão bobas? O que é que honestidade e inocência tem a ver com o que aconteceu? Não ser que este John esteja mesmo fazendo uma brincadeira...

CREME DE MASSAGEM RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUÇAS
A VENDA EM TODA A PARTE

— Sim. E, depois, as batidas vinham de outra parte do quarto. Mas quando eu tentava fazer perguntas, sugerindo uma batida para sim e duas para não, o ruído cessava. Si me derem licença, eu vou ver si descobriram alguma coisa.

Quando Glosterman saiu, Elizabeth perguntou em voz baixa:

— Professor, o senhor não acha que o irmão d'ele está fazendo alguma brincadeira de mau gosto? De outra maneira não se compreende. Ou talvez um deles não esteja regulando bem.

Trent abanou a cabeça lentamente.

— Acho que não. Posso estar enganado, mas tenho a impressão de que John Glosterman está morto.

Ela arregalou muito os olhos.

— Então o senhor acredita mesmo em comunicação dos espíritos?

Antes que Trent pudesse responder, Harvey Glosterman entrou.

— Estão examinando tudo com vagar. O senhor não está com pressa, não é verdade?

— Não há pressa alguma — replicou Trent. — Enquanto esperarmos queria perguntar-lhe uma coisa. Seu irmão gostava de pilhérias?

— Muito, professor.

— Não pense que quero insinuar que isto tudo seja uma pilhéria — apressou-se a esclarecer Trent. E continuou: — Há ainda uma outra coisa. E esta é bem indiscreta: seu irmão era... bem, ele era honesto nos negócios ou aproveitava a oportu-

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

— Não está. Está morto. E o cadáver deve estar escondido nesta casa. Exatidão melhor você voltar para o hall e ver isto eu...

— Nada disso — protestou Elizabeth com firmeza.

Estava excitadíssima. Coisa natural, aliás, pois procurar cadáveres não se tornou esporte popular; é praticado, por enquanto, de alguns detetives, estudantes de psicologia, etc.

— Você não tem medo?

— Não há nada que me aterrorize mais do que um lindo cadáver.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉ

Dez minutos depois encontraram o cadáver de John Glosterman no porão.

Elizabeth esqueceu toda a beleza da gem, e, seguindo tradição imemorial de seu sexo, agarrou-se ao espécime mais interessante do sexo oposto; no caso, o professor, até gostou.

O morto era baixo, de complexão magra. As feições lembravam um pouco o professor Trent calculou que o tivessem levado para ali para ganhar tempo, talvez

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
Poco enviar-me prospectos:
NOME: _____
ENDEREÇO: _____

ENQUANTO VOCÊ DORME, trabalham os germes...



MAU HALITO!

Durante o sono, a fermentação de partículas alimentares que penetram nos interstícios dos dentes favorece a ação dos germes, produzindo o mau hálito. Evite este mal, fazendo bochechos com uma solução do Dentifrício Medicinal Odorans, diariamente. Odorans impede a fermentação e as infecções bucais, como piorréia, gengivites, etc.

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

mente. Tinha sido morto com um tiro de revólver mas não sangrara muito.

De repente, a voz de Glosterman chamou-os, lá de cima.

Trent respondeu e subiu apressadamente seguido de Elizabeth. Não queria que o outro subisse por enquanto que o irmão morrera. Tinha uma idéia e queria ver se era verdadeira.

Glosterman informou que Wolters e o empregado tinham acabado o trabalho e que nada tinham encontrado. Foram todos para o gabinete onde Wolters estava fechando a pasta.

Trent disse:

— Planejamos uma sessão sugerida pelo sr. Glosterman. Não sei si o espiritismo o interessa, mas, si quiserem ficar...

— Professor — replicou Wolters — eu acho que não devo ficar. Não acredito no sobrenatural e só poderia importuná-los. Entretanto, si Johnson quiser ficar, pode. Eu vou sozinho.

O empregado recusou. Iam despedir-se ele e o advogado, quando Trent imobilizou-se, de repente, como em transe. Espigado, apertava as mãos nos braços da cadeira em que se sentara. Havia uma expressão de ansiedade no rosto dele.

Glosterman contemplava-o, esperando. Os outros não escondiam a sua curiosidade.

Ninguém se movia. Houve uma pausa de silêncio e imobilidade.

Trent pôs fim a ela.

— Desculpem, eu pensei ter ouvido...

Fez uma pausa, como que procurando o termo adequado e, enquanto esta durava, ouviu-se uma batida, vinda da direção da mesa.

O professor Trent exultava. Enfim! Levou o dedo aos lábios. Recomendou silêncio.

Em seguida, falando lentamente, perguntou:

— Sr. John Glosterman?

Sem possibilidade de erro veio a resposta afirmativa; uma batida partindo de perto da mesa. Todos olhavam naquela direção. Wolters e Johnson, que tinham acabado de examiná-la, arregalaram os olhos.

Glosterman seguia todos os movimentos de Trent, ansioso. Por fim, falou: — Pergunte-lhe si... — Mas Trent interrompeu com um gesto.

Novamente soou a voz do professor, distinta e sem expressão:

— Estais morto?

Uma batida.

— Vossa morte foi natural?

Duas batidas: negativa.

Elizabeth, com os lábios entreabertos, tinha no rosto uma expressão de incredulidade.

Sobre a testa do advogado, as gotas de suor se acumulavam. Johnson olhou para Trent e depois para a mesa. Aproximou-se desta.

Trent continuou a pergunta.

— Quebrasdes o vaso sem querer?

Duas batidas: não.

— De propósito?

Uma batida.

Glosterman murmurou: — Pergunte-lhe si... — Mas novamente Trent o interrompeu com um gesto imperativo.

— Havia alguma coisa de valor dentro do vaso?

Uma batida.

— Papeis?

Duas.

— Dinheiro?

Duas, novamente.

Trent hesitou como pensando no que iria perguntar a seguir. Molhou os lábios e falou, por fim: Diamantes?

Johnson estava branco de pavor.

A resposta do espírito veio: uma batida!

— Deixastes os diamantes no cofre de Wolters?

Antes que viesse a resposta Johnson dera um pulo para o lado e corra para a porta, mas Elizabeth empurrou-a e ela bateu com toda a força no momento em que ele chegou junto.

Trent o agarrou.

— O corpo de seu irmão está no porão, sr. Glosterman. Telefone para a polícia.

Depois de tudo acabado, o professor explicou.

— Sr. Glosterman. John Glosterman fora importador. E, ao que parece, não resistiu à tentação de trazer de contrabando alguns diamantes comprados a ladrões. Possuía o vaso do djinn e pensou em usá-lo para trazer as joias.

"Eu não sabia com quem ele deixara os diamantes. Foi tudo um palpite. Tinha que ser um de vocês três. Johnson era o mais provável. Além disso quando se falou em diamantes ele foi o único a ficar perturbado.

"Glosterman tinha tirado os diamantes do vaso e queria um lugar seguro para guardá-los. Aqui nessa casa não havia um cofre. Ele então lembrou-se de levá-lo para o cofre de Wolters. Acontece porém que quem o recebeu no escritório foi Johnson, pois Wolters saíra.

"Glosterman confiou nele e aí foi que errou. Johnson abriu o embrulho que o outro mandara guardar no cofre e viu logo que era contrabando. O segredo não se explicaria de outro modo. Sabia que ninguém tinha conhecimento da existência desses diamantes. Matou Glosterman para ficar com eles.

O melhor é que no vaso havia claramente a declaração do seu conteúdo — o nome do djinn Idêbê — I. D. B. — Illicit Diamond Buyer — Receptor de diamantes — iniciais universalmente conhecidas.

Foi por isso que perguntei si ele apreciava uma boa pilhéria."

— Como é mesmo o nome da barata? — perguntou Elizabeth.

— Chama-se toc-toc. E' originária da África do Sul. Um dos passatempos de Glosterman era a entomologia, logo ele devia conhecer o bicho. Trouxe-o da África consigo, e deixou-o em casa, dentro da secretária. E' um bicho de sensibilidade enorme, sente a menor pancada a muitos metros de distância e responde com o mesmo número de toques.

Quando eu descobri que o ruído era feito pelo toc-toc pensei em simular aquela sessão. E tive sucesso. Batia de leve na cadeira. E o macho respondia com o mesmo número de pancadas...

— O senhor falou em macho. Será que essas pancadas tem alguma relação com...

— Precisamente. Quando o macho procura a fêmea, bate. Ela responde. E eles se localizam por intermédio dessas pancadas.

— Ah! Eles batem assim?

Elizabeth bateu no vidro do carro em que viajavam, rumo à universidade.

— Exatamente.

— Mas, professor, então a sua ciência está errada porque eu já bati e não tive resultado...

— Não compreendo... Oh! Sta. Standish!

Esses professores de Psicologia...

BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

VINOVITA



TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

Zezeirão



1 — Estampado, com drapeados na blusa e uma túnica franzida e curta.

2 — Vermelho com margaridas brancas, apanhado em nervuras curtas e pespontadas, franzido costurado na frente da saia.

3 — Estamparia clara: é vestido mais *toilette*, saia drapeada e recortada redonda na frente.

4, 5 e 6 — Três modelos em *pois*, que não são da moda e é uma das mais bonitas fazendas, além de se prestar a todo feitio; e três vestidos em ramagens alegres.



ESMALTE
Lalaque

Nas cores

BRANCO
ROSA NATURAL
ROSA RUBRA
ROSA CORAL
ROSA ANTIGO
CARDINAL
RUBY
CYCLAMEN
GRENAT

Com o novo esmalte Lalaque
suas unhas brilham como joias!
Dura mais e custa menos!

A' venda em todo o Brasil



SHORTS E VESTIDOS DE PRAIA

Juvenis e graciosos, são feitos em algodão cores alegres e claras. É pena que o tempo ande tão volúvel... desafiando a mulher, que conserva seus hábitos de verão, mesmo contra a vontade dele.

iencarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



ÁGUA INGLESA
GRANADO
TÔNICA
E APERITIVA
NA ANEMIA
CLOROSE E
CONVALESCENÇAS
T. TARQUINO

CABELLOS BRANCOS
CASPA
Quêda
dos
Cabellos
JUVENTUDE
ALEXANDRE

Porque Não Se Livra Dessa Eczema?

Sua pele tem uma influência enorme na sua aparência, pois ela está sempre sob os olhos de outras pessoas. Uma pele irritada, inflamada, com erupções avermelhadas dá a V. uma aparência feia. Porque não procura um meio eficaz e seguro para o tratamento de sua pele?

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo tratamento científico: o emprego de BELZEMA, que é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra imediatamente na pele, combatendo as eczemas, psoríasis e fazendo cessar instantaneamente as coceiras.

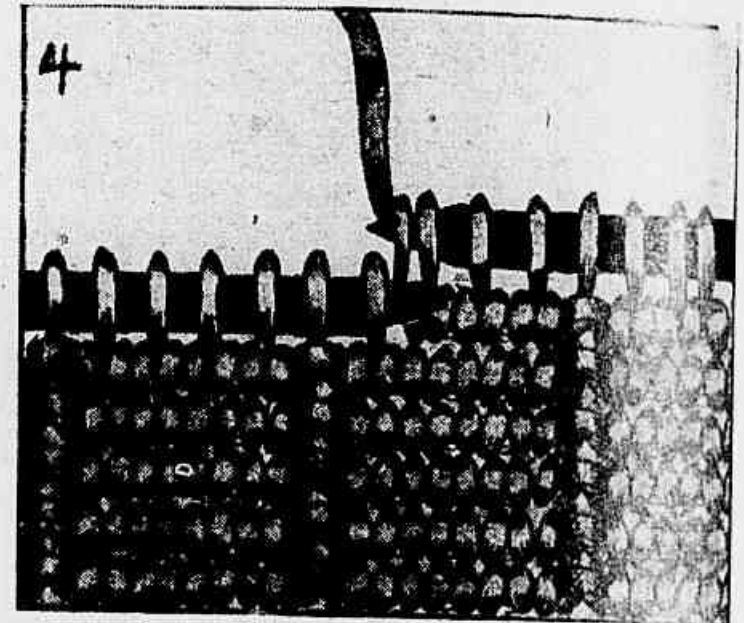
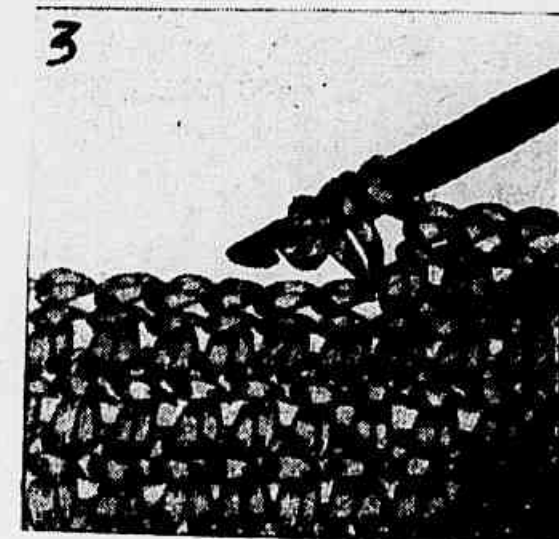
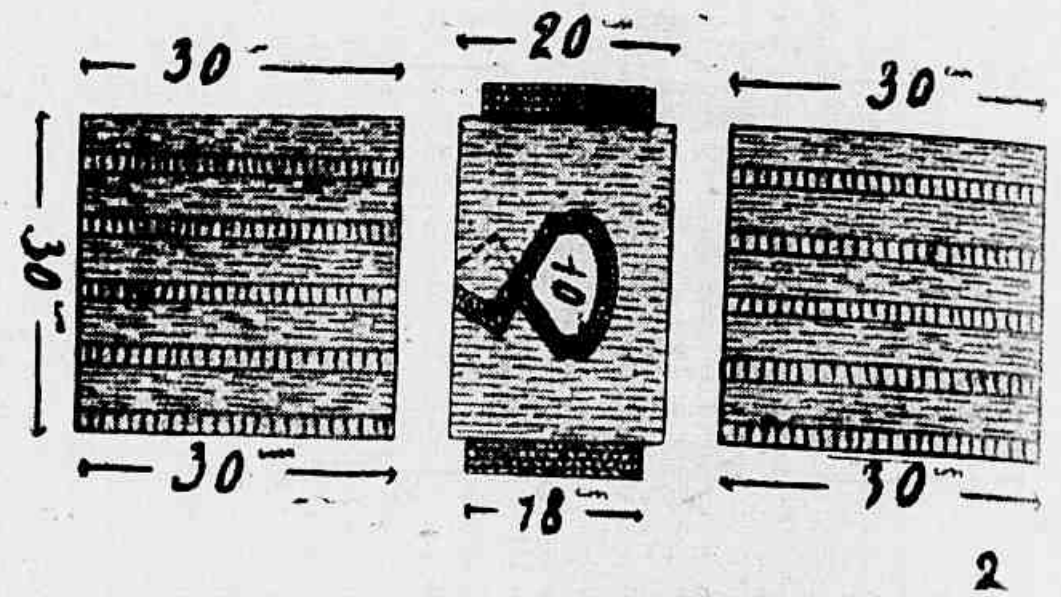
BELZEMA não é visível quando aplicada, não mancha a roupa e não requer ataduras.

Use BELZEMA hoje e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se macia e limpa.

BELZEMA



VESTIDINHO DE TRICOT E CROCHET



- 1 — O modelo.
- 2 — Cs mo'des.
- 3 — O ponto de crochet.
- 4 — O ponto de tricot para a saia.

Este vestidinho é executado com lã azul ou rosa em dois tons: mais claro para o vestido e mais escuro para a guarnição.

Pôde-se fazer também o vestido com a lã branca e a guarnição em rosa, azul ou vermelho. São necessárias 250 grs. de lã.

Pontos empregados — Saia: 4 malhas pelo direito, 1 malha pelo avesso, na volta 4 malhas pelo avesso, 1 malha pelo direito.

Ponto de jersey para a pala: 1 carreira pelo direito, 1 carreira pelo avesso. As guarnições são feitas em crochet no ponto baixo.

Execução da saia: é formada por

dois panos no ponto de gaita 4 a 1; estas duas peças têm 30 centímetros de altura e de largura. Estes 30 centímetros devem ser medidos sem esticar.

Pala — Começar pela parte de baixo das costas, pondo na agulha de tricot 30 centímetros de malhas. Tricotar 7 centímetros a direita no ponto de jersey (querendo-se o vestido mais comprido, fazer 8 a 9 centímetros). Para formar a gola, trabalhar um terço das malhas na beirada da carreira, fechar o terço de malhas do centro e deixar as malhas do outro terço á espera. Tricotar o primeiro ombro, fazendo 3 a 4 carreiras no ponto de jersey, depois aumentar uma malha do lado da gola

continuando a direito do lado da cava. Os aumentos seguem-se até obter-se uma largura de 20 centímetros. Neste ponto começar a diminuir nas mesmas proporções até que o começo da carreira fique bem no meio da frente, quer dizer que tenha 15 centímetros de largura. Fechar as malhas. Fazer o outro lado da mesma maneira. Rodar a gola e frentes com 3 carreiras de ponto simples em crochet com a lã mais escura. Depois fazer as manguinhas com este mesmo ponto com 5 ou 6 carreiras de altura por 18 centímetros de largura. Fazer as costuras da pala e pregar a saia. Um colchete de pressão para fechar a ponta da pala.

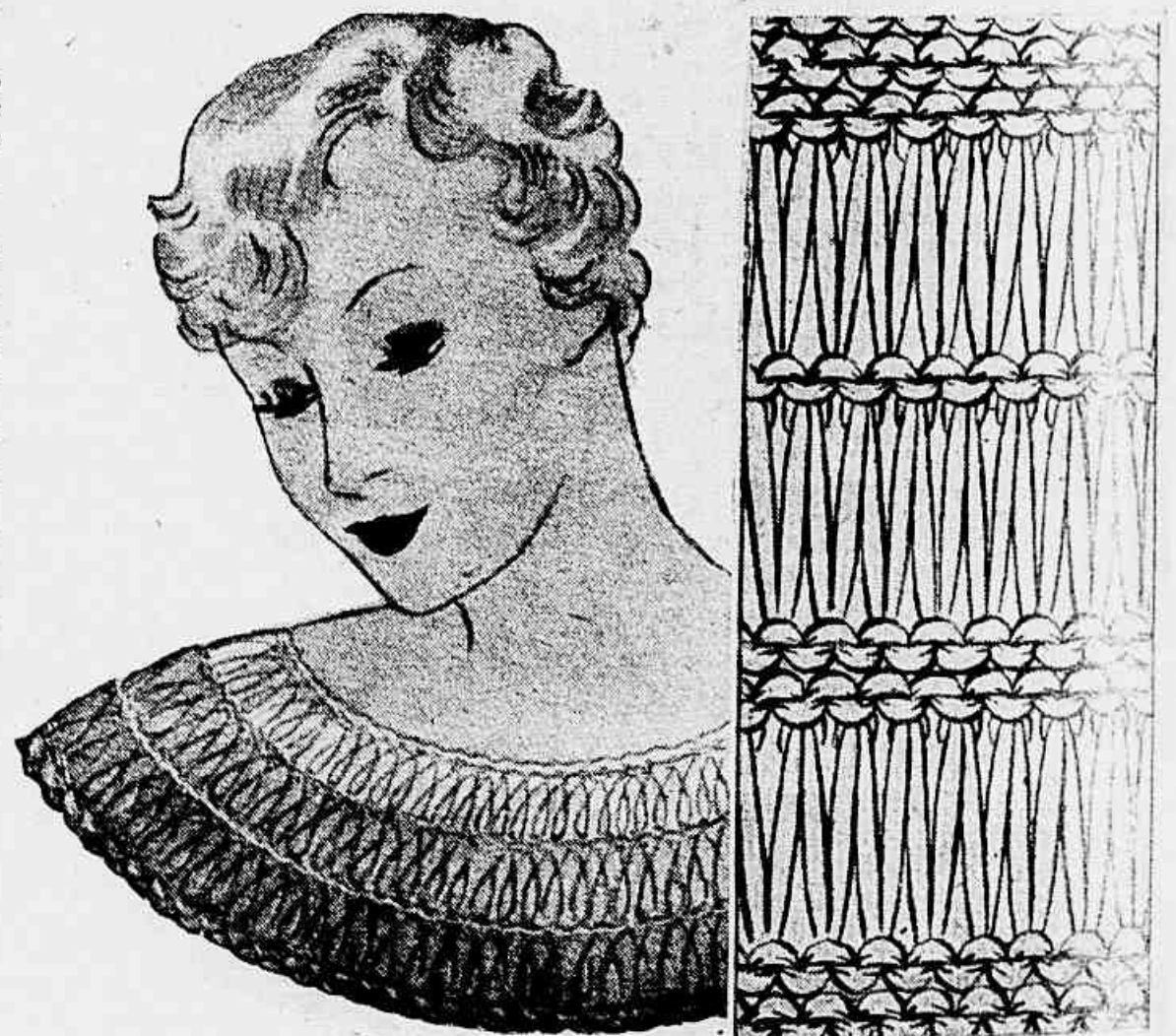
GRANDE GOLA DE TRICOT DE LINHA EM TRES TONS

São necessárias 25 grs. de linha Floralia em azul marinho, igual quantidade de azul (flôr de linho) e branca. Agulhas de tricot longas n.º 4 e uma agulha de crochet.

Ponto empregado — O trabalho executa-se da seguinte maneira: 1 malha pelo direito, 3 laçadas, feitas uma depois da outra sobre a agulha da direita enrolando 3 vezes o fio, 1 malha pelo direito, 3 laçadas, isto até o fim da carreira. 2ª. carreira: pelo direito, tricotando todas as malhas tricotadas na carreira precedente e saltando todas as laçadas entre cada uma delas.

Execução — Tomar o fio azul marinho e pôr na agulha de tricot 240 malhas. Fazer 2 carreiras muito frouxas no ponto de musgo, depois fazer 2 carreiras no ponto indicado (1 carreira com as laçadas e 1 carreira soltando-as), tomar o fio azul claro e fazer 1 carreira pelo direito, e depois as 2 carreiras do ponto indicado. Depois tomar o fio branco e fazer 20 diminuições repartidas por toda a carreira no ponto de musgo; fazer as duas carreiras no ponto indicado e fazer depois uma carreira no ponto de musgo, ajustando bem as malhas; em seguida fazer 2 carreiras no ponto baixo com a agulha de crochet com o fio branco ou azul mais claro, mas fazendo diminuições para que fique com a volta exata do decote do vestido.

Fazer 2 carreiras no ponto baixo com a agulha de crochet com o fio azul escuro na terminação da gola, mas estes pontos bastante frouxos para abrir a roda da gola. Na abertura fazer duas carreiras de pontos baixos de cada lado, para poder pregar colchêtes de pressão.



Não cometa esse erro

DRA. SILVIA ROGER

RESPOSTA A H. O.

Minha amiga, — A semana passada transcrevi sua carta, aqui vai minha resposta aos tópicos que revelam o pensamento de grande maioria de mulheres. Vitor Hugo disse que a poesia latente na alma da mulher é que a torna tão atrativa. Contudo, acho que é essa mesma poesia que a torna uma inconformada ante a perversa realidade da vida, fazendo-a andar como sonâmbula, dentro do Sonho de amor eterno e felicidade perfeita!

Já o conde de Sterling dizia que "o maior de todos os tiranos são os nossos afetos". Naturalmente que nos aprás deixá-los galopar à rédea solta, como um tarpam bravo das planícies atlânticas.

Pergunta você — "Porque só a mulher se aconselha tolerância, porque só ela deve sopitar sentimentos de egoísmo amoroso. Porque as falhas do casamento? etc."

Respondo: Dentro das nossas leis sociais, erradas ou não, a mulher é a única prejudicada com a separação; portanto, e por essa mesma razão, deve ser ela a mais interessada em conservar o apoio moral e material do marido. Ela deve ser a mais tolerante porque ela é mais virtuosa, e porque é na alma da mãe que fica, por toda a vida, o estigma que fere o filho, verdadeira vítima das tragédias conjugais. De tudo isso, vem às falhas do casamento, e também porque quem educa o homem é a mulher, mas quando ela tem sob sua guarda a criança, que é o projeto do homem futuro, nunca se lembra de educá-lo para o marido. É verdade que se educa o sentimento estético educando os dotes artísticos; mas claro está que isso só se pode fazer quando existem os dotes, as qualidades que são germes, embriões à espera da "cultura" para desenvolver-se. O caráter que não homem é uma incógnita, que a inteligência intuitiva da mãe tem de estudar; há teratogênese moral como há a física, e a ela compete descobri-la e procurar corrigi-la,



Para os noivos o horizonte da vida se confunde com o sinete do amor, aquele não vai além da profundidade deste; e muitas vezes não passa mesmo do fundo dos olhos do ser amado.

Barbara Stanwick — Michael O' Shea em "Lady of burlesque" de Hunt Stromberg

mesmo que seja obrigada, para tal, a lançar mão da ortopedia mais cruel. É todo um futuro que ela está preparando, como o sementeiro antes da plantação. Depois será tarde. "Uma pessoa pode levar um cavalo à água, vinte vezes, não conseguirá fazê-lo beber"; escreveu Cristina Rossetti. Eduque o caráter do seu filho para o lar, que é a pilastra da Sociedade, antes que ele seja um campo de pedras. Toda mãe deseja ardentemente a felicidade dos filhos, mas contam mais com o destino do que com o próprio esforço. O "Kismet" é o horizonte magnético onde estão cravados os olhos da humanidade. Mas, aliante, você pergunta: "Porque no período do noivado não se estudam mutuamente os caracteres e se escondem as falhas?"

Então acha você que o caçador solerte espante a caça, para depois ir-lhe ao encontro? Além disso, o noivado é um período moribundo de cristalização do amor. Os sentidos estão obumbrados, o presente é inteiramente dedicado aos sonhos do futuro, e o futuro é o mesmo que deixar uma criança entre objetos perigosos e muitas vezes fatais. Dá o grande mal da emancipação, da liberdade que se tem dado à mocidade, para que ela por si mesma conheça o valor da experiência; é essa liberdade que tantas vezes degenera em... licença. O meio termo é o ponto de equilíbrio; mais difícil de todos os sentimentos e de todos os arrazoados e idéias, como o é também de todos os ideais e anseios. Atingir o termo médio de todas as cousas é atingir o equilíbrio perfeito, dentro do humano.

Fontenelle dizia: "É um grande obstáculo para a felicidade esperar dela demasiado". Para muita gente a ambição da felicidade é um saco sem fundo, ou então tem um fundo onde as alegrias vão escapulindo sem que se o perceba.

Para que perdure o respeito mútuo é necessário que cada um se respeite a si próprio. Mas como fazer para que cada um reconheça seus defeitos e desculpe, em parte

ADARTOOS

Os homens não esquecem...

UM ROSTINHO SIMPÁTICO COM UMA CUTIS MACIA E SAUDÁVEL! SEJA UMA "LEMBRANÇA INESQUECÍVEL" NO SEU AMBIENTE, CORRIGINDO OS DEFEITOS DA SUA CUTIS COM O

OLEO de VIOLETAS
de Mme. GRAÇA

DISTRIBUIDORES: ESPANA PARAMES & IRMÃO, RUA DA ALFÂNDEGA, 118

Rotemol

A base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO

MODELO 1944!

Colchão
VENTILADO DE MOLAS
DESMONTAVEL

DURMA MELHOR...

HOLLYWOOD

SÃO PAULO
CON: CRISPINIANO, 12
TEL: 4-8009

RIO DE JANEIRO
OUVIDOR Nº 59
TEL: 43-7134

ao menos, os do outro? "O amor próprio é o maior dos nossos aduladores" disse alguém; portanto o remédio, em tal contingência, seria que, de comum acordo, ambos, juntos, fizéssemos diariamente um pequeno exame de consciência, extirpando-se o mais possível, da benevolência alheadora do amor-próprio.

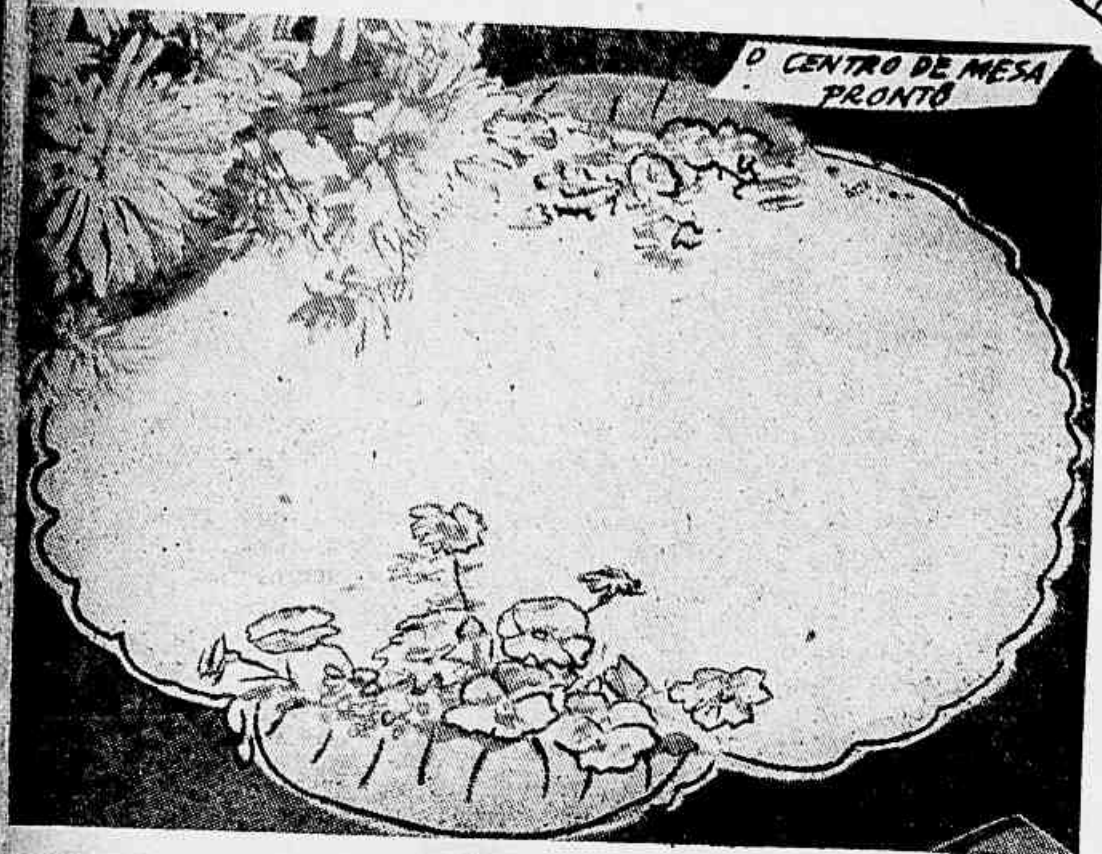
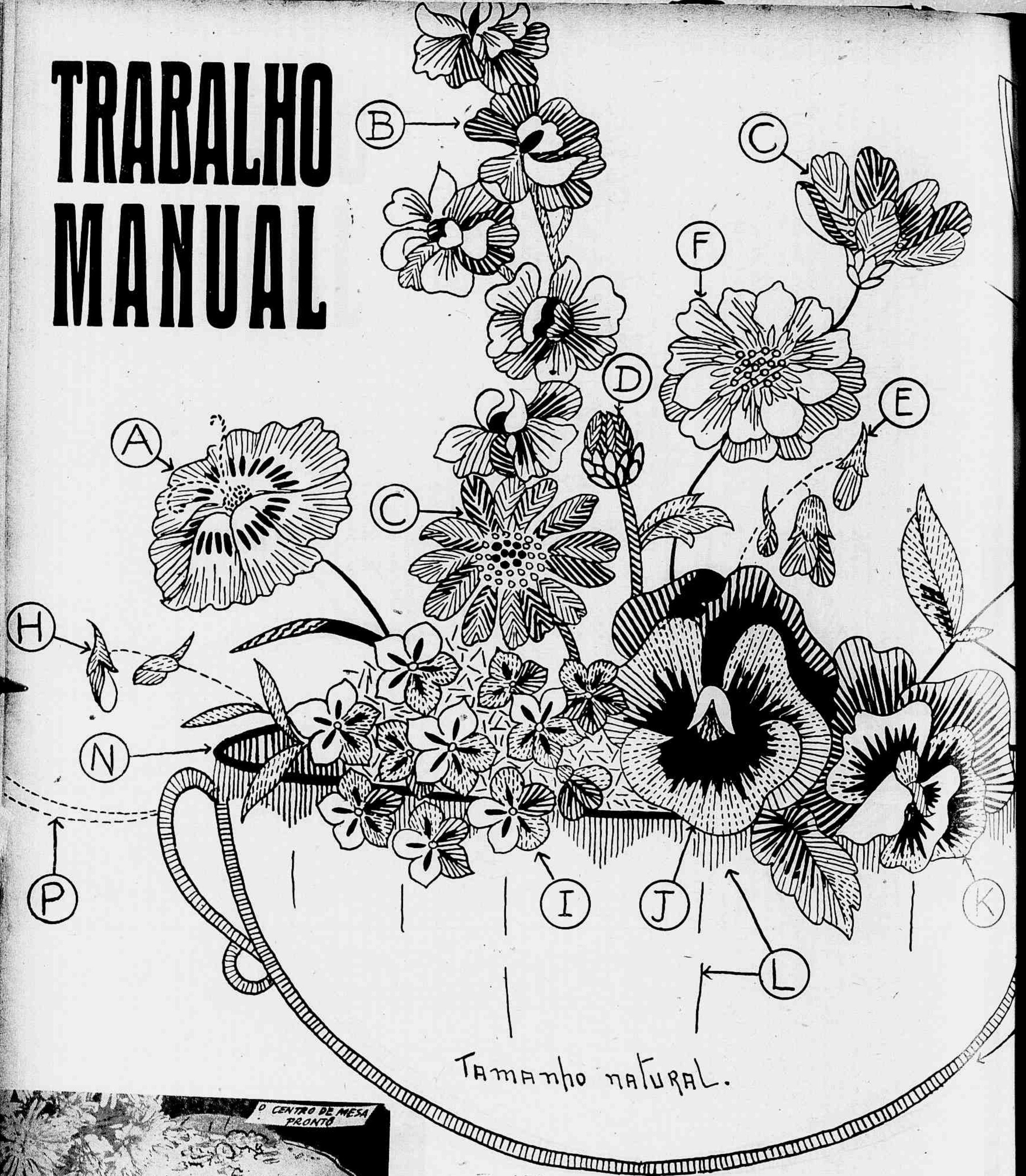
O amor verdadeiro, sincero, com suas falhas e suas grandezas, só tem um ponto de apoio seguro — ele mesmo, iluminado pela luz brilhante da compreensão da contingência humana. Compreender o absurdo de procurar a perfeição no imperfeito, o infinito no finito, o eterno na morte.

Vivemos cheios de idéias falsas, preconcebidas e também descabidas, criadas por cerebros atormentados, turbulentos e insatisfeitos, dentro de um mundo moral que se está destruindo a si mesmo, na ansia de destruir o passado indestrutível. Punch disse: "Com as idéias dá-se o mesmo que com a moeda: as de menos valor são as que circulam mais". É por isso que hoje tropeçamos a todo momento nas idéias vulgares que enchem a vida, tornando-a mais difícil de ser vivida.

Todos nós sabemos que a felicidade perfeita não existe, mas todos nós levamos metade da vida a procura-la e a outra metade a lamentar a que tivemos e não sabemos apreciar. É como disse o poeta: "A felicidade é como a neblina, quando estamos dentro dela não a vemos."

Você diz ainda — "E quando não damos um passo para perder o companheiro e no entanto..." Mas, minha amiga, não é bastante que não se concorra para o mal, é preciso que se lute para evitá-lo. Si, mesmo assim, ele vier, então, a nossa força moral será mais acendrada e a consciência do dever cumprido nos ajudará como um bordão de peregrino, na subida ou na descida da íngreme ladeira. Que importa que, ao chegar a velhice, os dois avós, tenham mutuamente maguas a se perdoar, mutuamente espíritos a picar a saudade do perfume dos rosários do amor; que importa isso sob a benção de um teto cheio do riso dos netos, e da efusão dos filhos que continuam, por sua vez, o mesmo ciclo da vida? Não será isso a maior compensação, a felicidade única que podemos pedir ao mundo em troca de passadas renúncias? Envelhecer sob a guarda da geração que criamos é a graça de Deus aos sacrifícios oferecidos em arras à vida. Minha amiga, Eis, sinceramente, o que lhe posso responder.

TRABALHO MANUAL



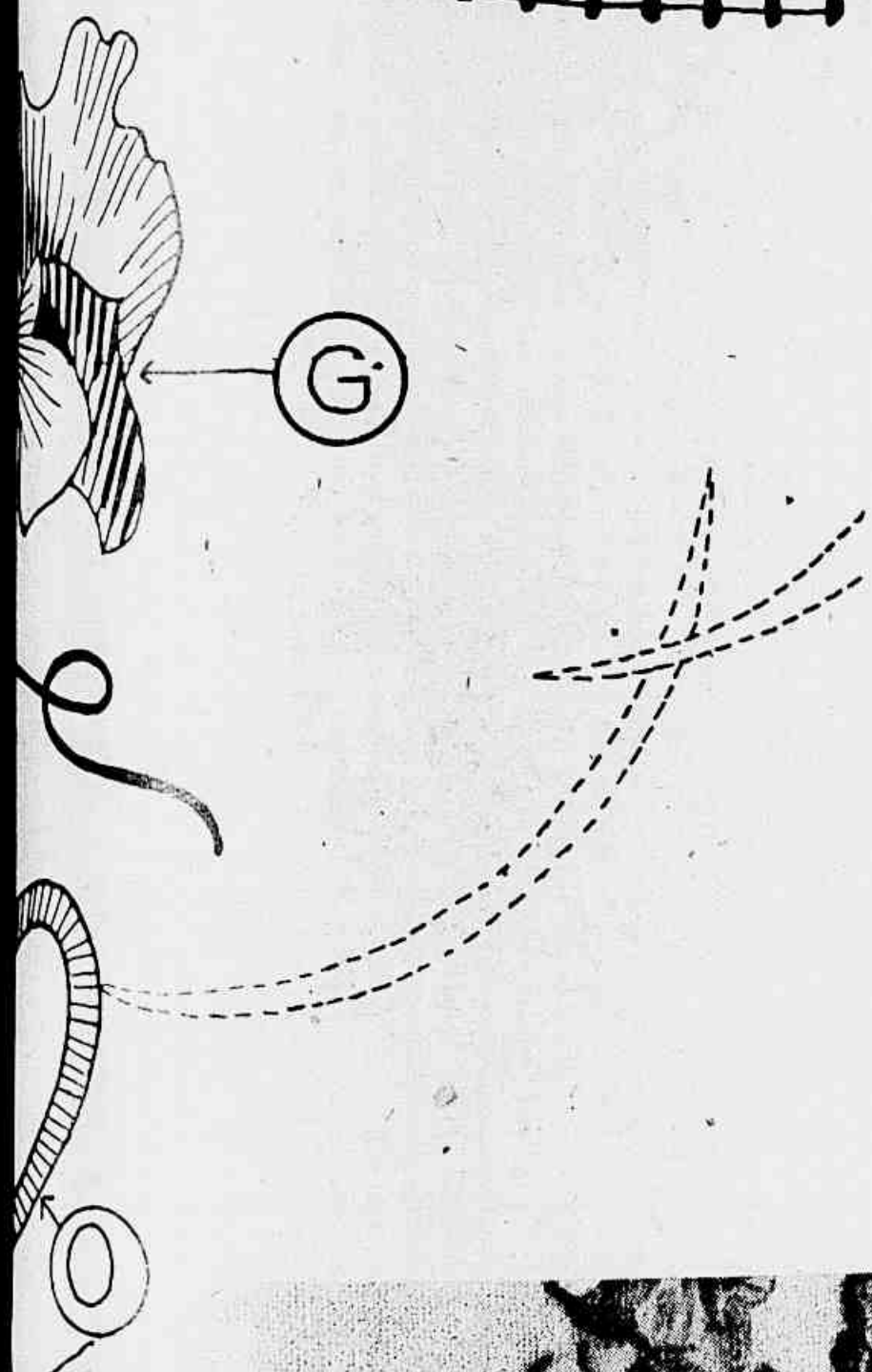
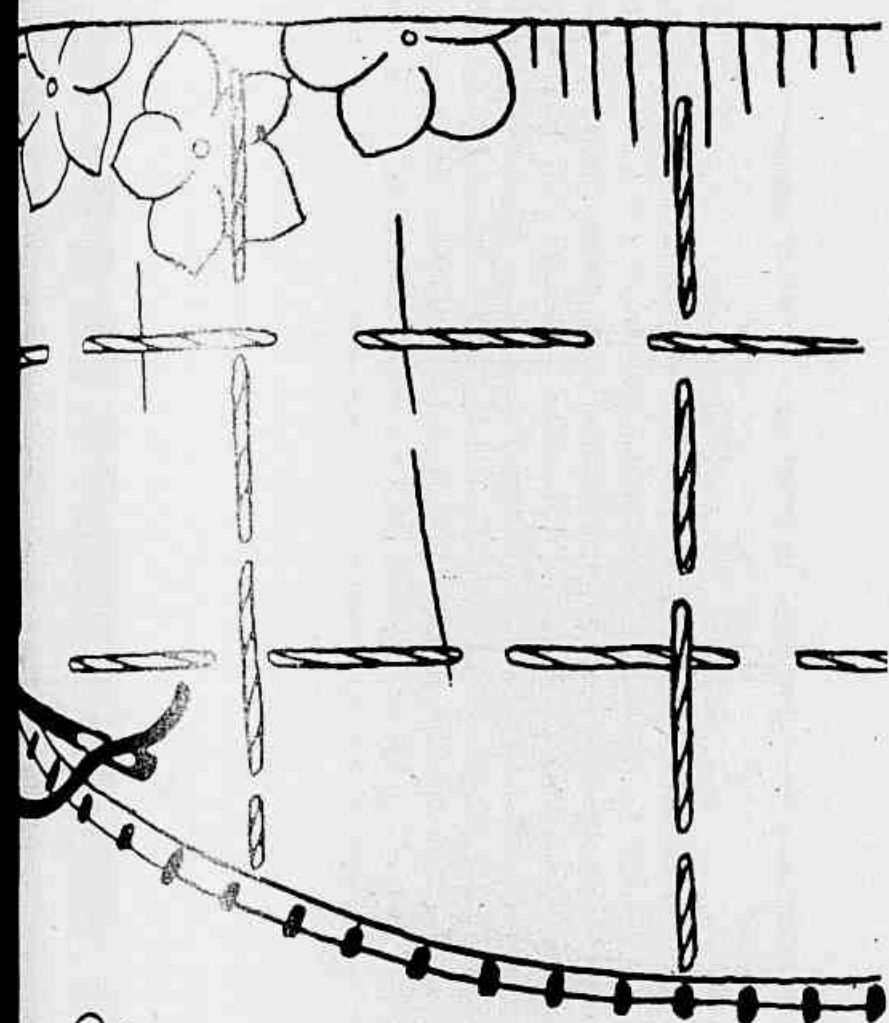
Centro de mesa bordado e incrustado

O centro pôde ser executado em granité ou bramante, com a cesta apli cada de outra côr: poderá haver uma combinação de bramante para o cen tro e granité para a cesta.

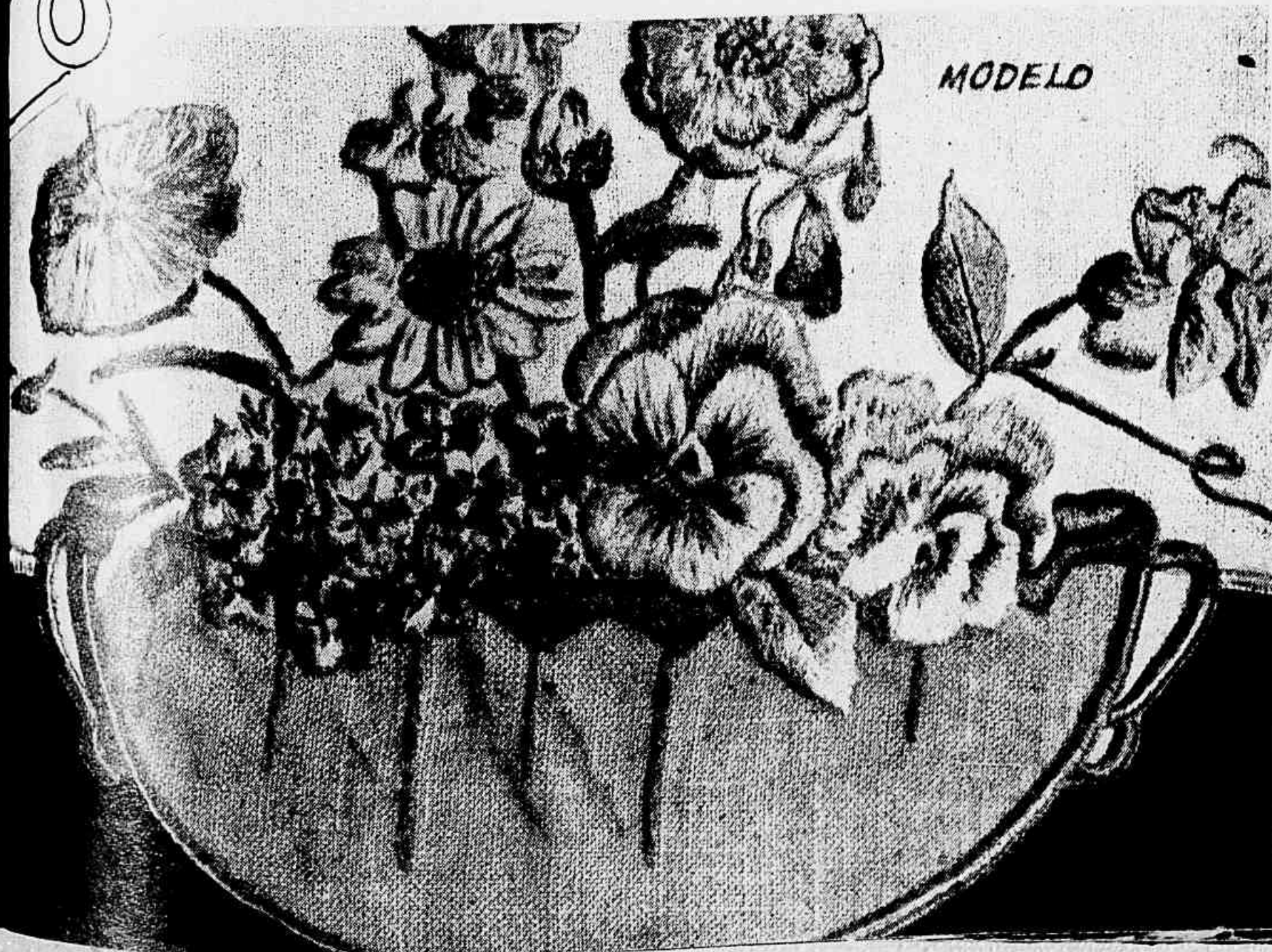
No CLICHE' N.º 1 vê-se o efeito do centro já adornando a mesa.

No CLICHE' N.º 2 uma amostra aumentada dos pontos empregados.

No CLICHE' N.º 3 um detalhe da cesta pronta, a mesma em tamanho na



DETALHE
DOS PONTOS - AUMENTADO



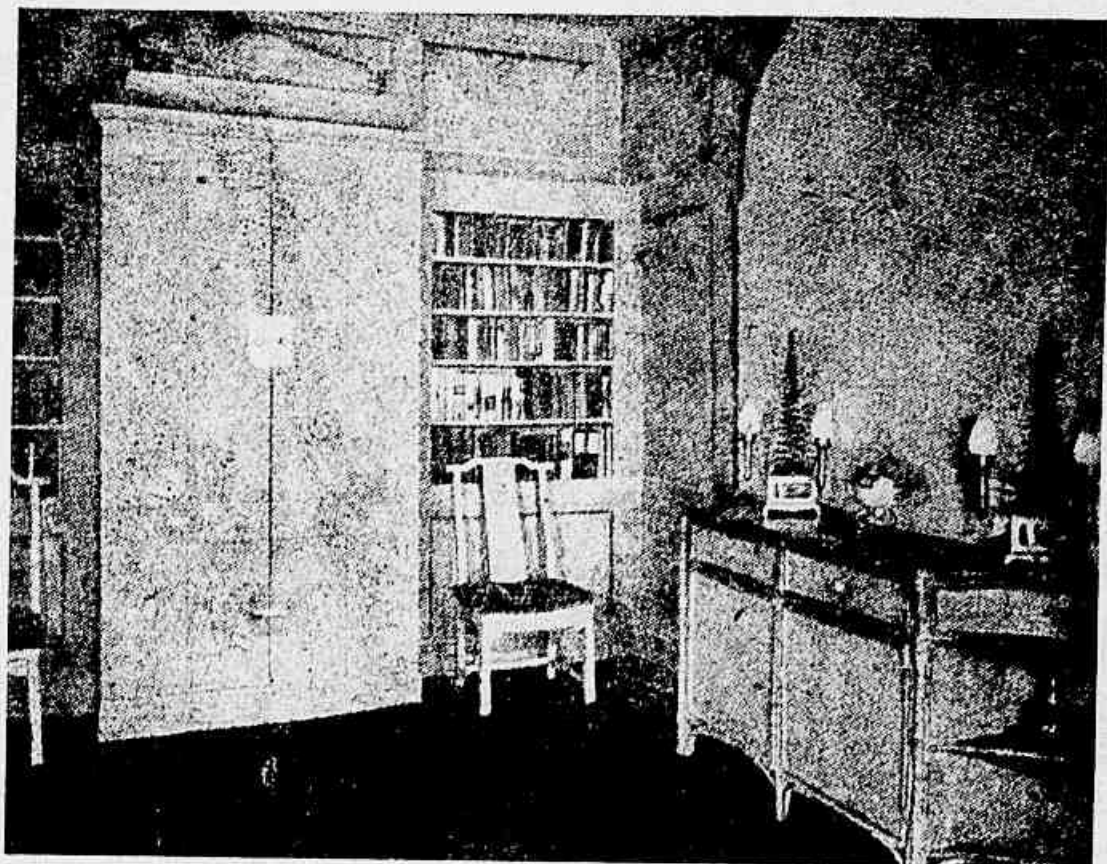
MODELO

tural, para tirar o risco, e ainda outro detalhe mostrando como se costura a cesta, depois de recortada, para ser bordada em festonné.

Pelos números as nossas leitoras poderão comprar as meadas, com as cores determinadas. E' preciso não esquecer que a combinação de cores é 88% da beleza do trabalho.

Numeros das cores empregadas, o que facilitará muito a execução do trabalho. Linha — Mouliné "Ancora"

3 meadas	F 575	1 meada	F 488
2 "	F 506	1 "	F 492
2 "	F 547	1 "	F 495
2 "	F 553	1 "	F 507
2 "	F 585	1 "	F 588
2 "	F 693	1 "	F 524
1 meada	F 405	1 "	F 539
1 "	F 444	1 "	F 605
1 "	F 462	1 "	F 699
		1 "	F 721



Um canto da biblioteca. Os móveis são de laca, com frisos pretos, as lampadas com acentos de bronze figuram os simbólicos pinheirinhos da tradicional — *San-ga-nihi*.

O Lar

O tema chinês na decoração

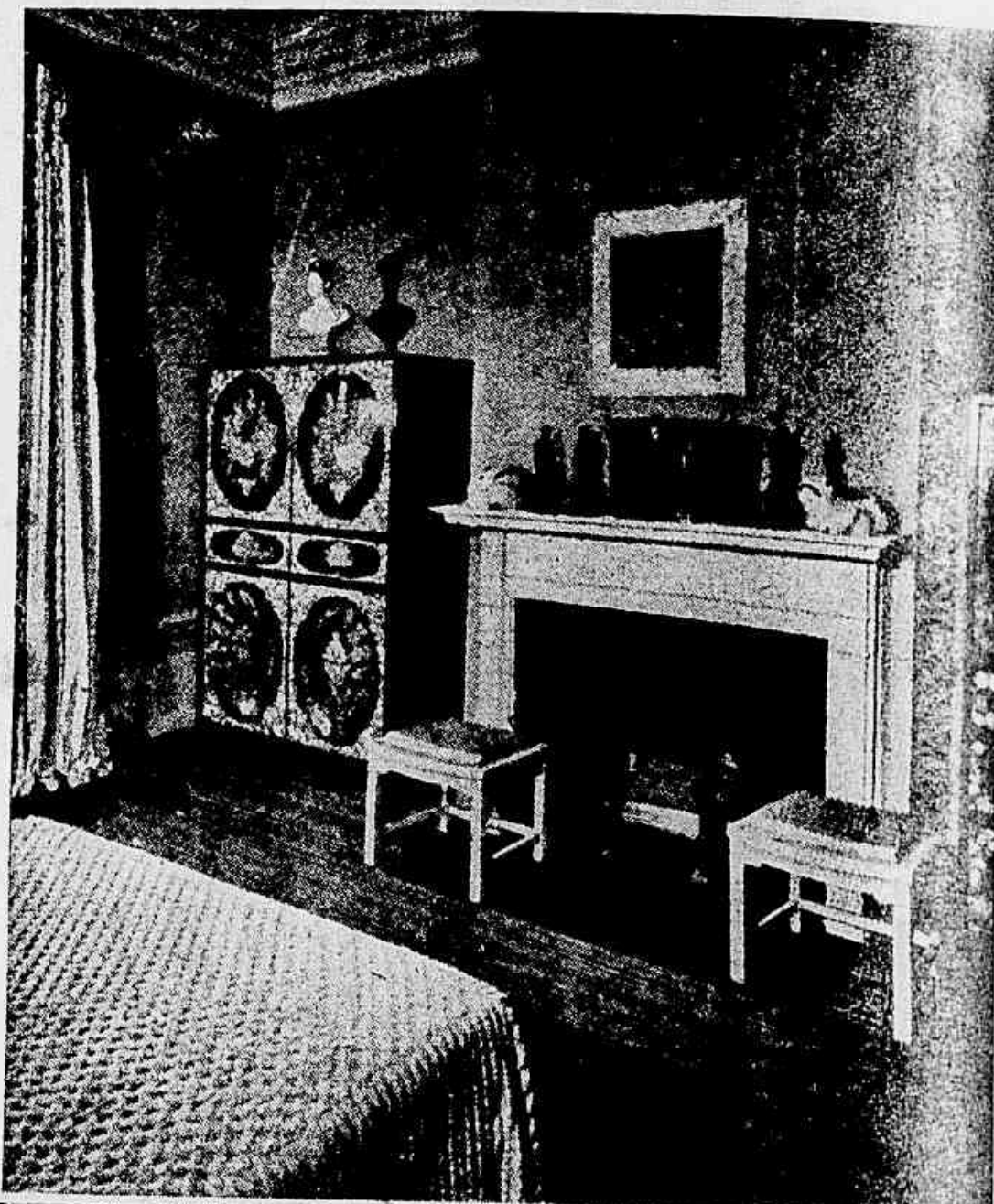
Os motivos orientais para a decoração sempre atraíram os ocidentais. O exotismo é o traço característico dessa brilhante e rendilhada arte. A laca, sobretudo, e o jade são materiais preciosos como amuletos. A laca feita de camadas de verniz, superpostas, levava anos a formar uma lamina capaz de ser trabalhada, e como os ocidentais nunca primaram pela paciência apareceu a falsificação da laca que se reduzia apenas a algumas camadas do verniz sobre uma lamina de madeira. Mesmo assim os objetos de laca são preciosos e lindos. Há uma delicadeza de poema nos trabalhos chineses, sejam biombo, kakemonos, vasos ou estatuetas. Os seus bonecos representam personagens divinos ou humanos e têm sempre uma história poética, quer seja a figura de Jimme o fundador do império, quer seja, Jingô a imperatriz que trouxe a prosperidade e a paz, ou simplesmente Momotaro ou Kintaro os portadores da alegria e da

saúde, ou ainda Nichirem, o santo monge de suas peregrinações a Omori. Essa fascinação do espírito pelo que é longínquo e exótico encontrou, com a guerra da China, uma oportunidade para ser objetivada em material para decoração de interiores.

Hobe Erwin não se limitou a estilizar, criou antes, dentro do tema chinês, um estilo moderno. Não há esbanjamento de minuciosidades, mas o "leif motif" é evidente dando uma visão nitida da China moderna. Aliás, é preciso dizer que, com o motivo japonês ele banalisou-se e nos deu uma idéia muito vulgar da arte das terras do sol nascente, dos lotus e cerejeiras. A cabala, por exemplo, como o kimono, são tudo quanto conhecemos da indumentária dos dois povos hoje inimigos; mas, como em outros países ocidentais, a moda usada pelo povo diferia daquela usada pela nobreza, o mesmo acontecendo com móveis e quinquilharias preciosas.

Aconselhamos, por isso mesmo, às pessoas que gostam de formar o seu ambiente obedecendo a determinado estilo, que procurem obter uma orientação de conhecimentos, pois não é só de bom gosto que se precisa, mas também de conhecimentos. Há, por exemplo, para o chinês, uma importância transcendente nas cores e formas dos objetos de arte, tal como entre nós há uma diferença marcante entre os móveis, louças e

Sobre a chaminé a clássica e velha caixa de xarô, estatueta de jade e marfim e sapos em marfim velho.



Ambiente de estilo chinês moderno, desenhado por Hobe Erwin. O painel em azulejos com arabescos e vasos de terra cota, forma o alto da chaminé. A mesa é em velho estilo *samurai*; porcelanas e bronzes completam a decoração; ao fundo, sobre a estante dois quadros em marfim-baixo relevo.

Dupla sala — *foyer din ng* — pintura imitando mármore, a laca chinesa, a mesa de laca, e os candelabros tem os braços de bronze.



Escrevinha de laca, copia do móvel de um mandarim. A lampada e o mandarim dos velhos tempos.



*Living bizarro e sugestivo; a combinação de espelhos é maravilhosa. Sob uma lâmina de *hasshi* a *kakemono*, com o retrato de uma dama chinesa. Sob o balanço seguro com correntes, talvez uma *Isie* deusinha do amor; ou simplesmente alguma imperatriz. Lâmpadas com pés de laca trabalhada em arabescos de prata; ao fundo um barrão com desenhos de pratos brancos e as clássicas flores de cerejeira; outros acessórios, como cinzeiro em fina porcelana.*

do primeiro e do segundo império. O azul cobalto escuro, por exemplo, indica a dinastia de "Ming", e os seus ferrões são fechados assim, laca tem uma cor mais brilhante. É verdade que muita gente, hoje, enche a casa de objetos de antiquários, sem preocupação de harmonia ou unifor-

midade. É de certo mais cômodo e mais barato. Contudo, mesmo neste caso, seria interessante não baralhar os objetos, pois ficaria um ambiente mais elegante, formando-se nêle recantos diferentes, onde se observasse certa harmonia de estilos e cores. É preciso que o lar não tenha o aspecto insolito de uma sala de belchior.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 RUA DE CAROCAU
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



**CIA. DE CIGARROS
SOUZA CRUZ**

Epoca